DP
702
.B22
V54x
1918

LIBRARY
Brigham Young University

JOSÉ VIEIRA

914.6931
V673 a

SOL DE PORTUGAL

(Chronica da Beira Alta)

... a mais portugueza e a mais bella
de todas as nossas provincias.

FIALHO D'ALMEIDA

Revista dos Tribunaes
Rua Julio Cezar, 55 - Capital Federal
— 1918 —

Do autor:

A Cadeia Velha..... 1 vol.

A publicar:

Maria do Amparo (romance)
Historia de Pedro Malasartes

THE LIBRARY
BRIGHAM YOUNG UNIVERSITY
PROVO, UTAH

A Rodrigues de Carvalho

NA QUINTA DO GIESTAL

Na quinta do Giestal

(Carta a H. Castriciano)

. . . . . .

E desejei ouvir falar o portuguez — Vinha cansado da Torre de Babel em que se transformam os hoteis da Suissa no inverno, com o francez na bocca de russos, inglezes, hollandezes, polacos, allemães, servios, gente de quinze paizes diversos, como verificámos em Château d'Oex.

Depois da confusão de gostos, idéas, alegrias, e queixas de sanatorio expressadas por physionomias tão exquesitas, pezar da neve e do doce sol da montanha, entrar numa aldeia onde se falava a lingua de minha infancia, de minha cidadesinha longinqua do Brasil, foi-me como uma resurreição. O **Sud-Express** parou numa estação. Defronte da nossa carruagem dous garotinhos de calça comprida e boina brincavam com a agua dum repuxo. Logo que nos viram correram para nós extendendo as boinas nas mãositas molhadas:

— Ah, **mê** senhor, dê-m'uma esmulinha.

Era triste. Tive saudade das paragens de caminho de ferro suissas, onde, ás vezes, alguma mulher

nos offerece um raminho de narcisos da primavera para que lhe demos um **sou** e ha quem chame a isso vexar o viajante...

Descemos na alfandega. Como não pude dar no figado de alguem a facada aduaneira que o Eça aconselhava a quem houvesse de saltar em Portugal, e os sicarios de Villar Formoso não acertaram em abrir-me a mala, arrombaram-na, e mãos pesadas e pelludas, uma das quaes sangrando, porque o bruto arrombador se feriu com o martello, remexéram e sujaram a minha roupa. O conductor do **Sud-Express** olhou-nos, a todos, apiedado. Seu olhar recordava as alfandegas de França. Em qualquer estação de Paris, venha-se da America ou do norte da Europa, abre-se um volume de bagagem, de dez que, porventura, traga o passageiro, e nada mais. Em Losana, ignoro o processo alfandegario, por ter entregue o conhecimento ao commissario do hôtel.

Eis, meu Henrique, como comecei a ouvir a nossa lingua desejada — por creanças mendigando e por gente de aduana, de ganancia e desconfiança não comparaveis, de certo, ao que contas dos turcos na alfandega da Terra Santa.

Mas estou em Vizeu, numa quinta formosissima, entre cantigas. E' em Abril. Ha flor e gorgeio por toda parte. Divirto-me em seguir a um melro que descobri ao pé da casa dos bois. O pandego é negro, tem o bico amarello, parece uma graúna, e canta nos buxeiros do tanque, nos ramos da nogueira, pelos penedos da matta. Ouço-o e, como elle me delicia pela novidade e belleza do seu canto, quero vel-o mais perto, approximo. Henrique, o melro,

creio, desde que o padre cura do Guerra Junqueiro lhe engaiolou os filhos, entrou a descrer dos homens. Pois eu nada mais desejo senão contemplal-o, e elle parece vêr nos meus dedos pendurados, traços d'alguma gaiola traiçoeira. Terá talvez razão o jovial madrugador. Antes de eu vir, cá morrera outro a minha espera. Pretenderam que eu o tivesse, escravizado para meu goso, e, uma manhã, lá foi encontrado morto o pobrezinho sem que eu o visse. O melro faz pensar sempre na gaiola. Porque não haverá passaro mais communicativo quando canta.

Ouvimol-o e falamos delle como dum camaráda. E' um gorgeio largo, franco, humano. Na quinta do Giestal, de manhã á noite cantam passaros. Se nos abeiramos do pinhal, emquanto aspiramos a resina bemfazeja, ouvimos além o cuco annunciador do bom tempo. Se nos distrahimos olhando alguma paizagem, um pinheiro femea ao pé do cemiteriozinho de Vil-de-Moinhos, os malmequeres da estrada, o centeio ondulante ao pé das ervilhas do campo, o pomar todo rebentado em flôres, a vinha a reverdecer, os lirios rôxos florindo sobre o muro, logo nos muda a attenção o rouxinol, pequeno, pardo, delicado, indomavel, com um folego mais amplo que o Caruso. O rouxinol não canta á noite, como costuma. Porém, pelo dia, canta ao desafio, e são sempre dois ou três. Canta o primeiro num galho de macieira. O outro responde embalando-se num galho de marmello. E, por fim, sobe terceiro canto como vindo do seio da terra. Porém não é, vem dos buxeiros do tanque, onde elle sonha esquecido saudando a primavera. Has de vêr que isso é bello. Mas, quan-

do sobe o canto do melro, uma quasi gargalhada bohemia, porque o melro tem ares de rir do lyrico rouxinol, aquella variação que nos puzera em **rêverie**, desapparece, e ficamos repentinamente regosijados como da vinda imprevista de alguém que nos alegra e endominga a vida. Quer-se então vêr o feiticeiro, corre-se aonde elle poisa, e o melro jovial do Guerra, esbelto, primaveril, acovarda-se, foge espavorido riscando na manhã limpa um celere vôo negro.

Ah! meu Henrique, que suave «retiro» seria Vizeu, a quinta do Giestal, com os seus melros e rouxinoes, os caminhos cobertos de trêvo e malmequeres, os lyrios florindo entre as couves, os velhos carvalhos portuguezes reverdendo, o cantarolar das cachopas pela estrada e mesmo o glu-glu deste perú meu vizinho e condemnado á morte, que protesta ou, inconsciente, festeja o sol, — que seria toda esta paizagem maravilhosa de Portugal, se não fôra o vento. E' preciso ca vir para conhecer ventos da Beira-Alta. Nem Ouchy em fins d'inverno. E' uma ventania desolada, plangente, cortante, sob um céo claro e azul, numa cidade onde inda ha reminiscencias dos romanos.

A flor da giesta

No oitão duma antiga casa de pedra, entre os muros baixos de duas quintas, corre uma immunda azinhaga onde a gente das aldeias defeca olhando a quem passa na estrada. A' direita, sobre os penedos redondos, refloresce agora o giestal.

A giesta é um arbusto que lembra o relogio dos campos do norte no Brasil, mas de ramagem menos tenra e flôr mais delicada e cheirosa. A flor é pequenina e branca. Abre sobre o rochedo e ali esplende e aromatiza o ar. Durante o inverno mirra e fenece nas negras pedras; porém, voltando a primavera, os cabeços asperos rejuvenescem e ella torna a branquejal-os.

Pelos penedos redondos dentre as duas quintas, ha malmequeres, a roxa assoagem brava, papoilas tão lindas que as mudam para jardins; a herva cresce seivosa multicolorindo-se com formosas corollas; mas coisa alguma sobreleva em belleza simples essa florinha branca prodigamente espalhada nestes montes pedregosos da Beira. Eu conhecia a giesta apenas como flor de rhetorica, sem perfume e sem côr, muito poetica embora nos poetas lyricos de Portugal. Ao pisar aquelles penedos, por uma clara, doce manhã, primeiro olhei a encosta onde as camponezas cavavam a terra cantando. Vinha do valle um marulhar surdo de agua corrente. Era a Azenha, lá baixo, um desvio do Pavia riachando entre pedroiços. Além a egreginha d'Abravezes, muito alva em meio da casaria caiada, recortava-se na faixa verdejante dos pinheiros sob o ceu azul da primavera.

E começava de cheirar tudo aquillo. Era qual se a agua a descer entre as pedras, ou o canto das raparigas cavando a vinha acordasse os perfumes mais suaves daquelle alto abandonado. Baixo a vista. A meus pés erguiam-se as mimosas flôrinhas e vinha dellas, só dellas, o perfume do monte. Na

sua simplicidade e modestia de flôr de rochedo, dava a giesta uma tão repoisante idealidade ao extranho sitio, que sahi a procurar quem m'a explicasse. Adeante uma velhinha empunhava uma podôa. Tinha ao lado um velho canastro esburacado, já cheio d'erva. Que flôr era aquella? — perguntei.

— E' a flor da giesta, meu senhor.

E a velhinha curvou-se novamente para cortar a flôr da giesta. Naturalmente a flôr da giesta ia enfeitar alguma mesa d'oratorio, para, com outras flôres da primavera, dar perfume aos santos e ás preces, pensei. E comprehendi então a poesia da giesta nos poetas lyricos de Portugal.

— E está a cortar p'ra vender?

— E' sim, meu senhor.

Eu continuei a olhar e aspirar; ella continuou a ceifar. Subito ergueu-se:

— Meu senhor, não é o dono destes sitios, não?

Não, não era... Ella se sentiu á vontade. E contou que cortava a giesta, a flôr da giesta, a minha flôr ideal daquella esplendida manhã, para estrume. Levava-a, espalhava-a na loja dos bois, os animaes cortiam-na a urinal-a, a pisal-a, e, uma vez bem cortida, ia a giesta a vender, para estrume... Fiquei ainda a olhar e a aspirar silenciosamente. Creio que a velha comprehendeu a minha decepção; porque, erguendo a podôa na mão callosa, accrescentou, como um consolo:

— A giesta tambem serve para os cavallos comerem, meu senhor.

A Primavera

Em fins de Fevereiro, quando já o sol puzera grandes manchas de pedra na neve da montanha, chegou á Suissa e correu todo o continente um vento de tempestade. Depois choveu. Dois dias a chover; em seguida, a ventania. O vento era o **foenn,** um sopro ruidoso e quente, o **simoun,** o siroco, torcendo ás arvores os ramos, espedaçando as vidraças e tangendo a recolher os passeadores da rua e do campo. Em tal aldeia elle desmontára um wagon — contava-se —; adeante rolára, precipitara um penedo. O **foenn,** onde passava, devasta. Entretanto, os hoteleiros e os medicos acalmavam-nos: «E' mudança de estação, é a primavera que vem...» A estação mudou, a primavera veiu, afinal. Nesse dia desejado da sua vinda, a manhã limpa clareou os cimos nevados, illuminou os galhos nús e ondulou em saphira nas aguas do lago Leman. Ao dia seguinte, porém, o mesmo vento terrivel regressou, com a chuvarada e, na massa d'agua tranquilla da vesperà, ergueu essas grandes vagas borrascosas que um poeta suisso baptisou de «leões verdes»... Desde então, por toda esta Europa reflorescente, a intervallos de três, quatro dias de bom tempo, chove e venta. Falta menos que uma semana para findar a primavera, e, hoje mesmo, mal pude abrir a janella sobre os caminhos alagados. A natureza cumpriu, de facto, a sua funcção de renovar em verde folhagem e corollas frescas ramarias e terrenos. Quando o sol apparece e conseguimos, na scintillação e alegria da luz, palmilhar as estradas ou simples carreiros, aonde

vai a nossa vista, alcançamos extendaes magnificos de malmequeres, campos de trevo repontando em espigões vermelhos, corymbos amarellos e roxos a emergir das moitas verdes, a terra toda abrindo em flôres e as flôres, sob o canto das aves resurgidas, a oscillar aninhando borboletas.

E' a época do plantio. As quintas enchem-se de raparigas e cavadores, cava-se a vinha, ceifa-se a erva, o arado sulca as terras descampadas, e é cantando que as cachopas curvam ao sol para mondar o trigo. Maio. Nas **sortes** lavradas brotam os batataes. A ervilha acama as vergonteas, numa como indolencia, florida em branco e em roxo. Já pendem os cachos pequeninos á sombra das parras protectoras. Nas cerejeiras despetaladas vão-se colorindo os botões dos fructos lindos. Mostram as ginjas manchasinhas sanguineas crescendo para a maturidade. Em baixo, nos pomares, as macieiras cobriram o chão de flôres alvas. Tambem se desfloraram os marmellos, tambem as pereiras. No chão, as flôres emurchecem, está em cima a fructa a apontar. Quanta côr, que extranho oiro abriu o tremoço entre as videiras por empar! Lá passa na estrada um carro. Vai cheio de mulheres, que batem castanholas; nos fueiros ha ramos de mimosas. A' frente, um labrêgo guia os bois vestindo carnavalescamente um saiote encarnado. E todos a rir, todos, sob a soalheira, a cantar o fado em côro.

A alegria emana das coisas e, brilhando e vibrando, communica-se. Aquelle rochedo que o inverno molhara e resfriara, anda a aquecer no seu revestimento roseo de musgo florido. A penedia cobriu-se de giestas em flôr e papoilas setinosas. Cada

mattagal se transformou num jardim. O eucalypto floriu. Seu vizinho o carvalho, annoso, grave e venerado, enramou, remoçou. Só não tem flôr o pinheiro. Mas o pinheiro, mesmo assim, comprido e esguio, com a sua pantalha de carumas sussurrantes, ostenta-se como uma enorme, estupenda rosa verde que cheira a therebentina.

Vêem-se nos aguaçaes, nas poças e nos tanques, em reflexos, as cores caracteristicas da estação: uma figueira verde-escuro balançando-se para a agua quieta; a assoagem, roxinha, a tremular; os malmequeres amarellos; corollas rubras, azues e brancas, e, ao canto, um grande lyrio perfumoso emurchecendo a amethista das petalas. Até a couve floriu. De em meio ás grossas folhas levanta-se um ramilhete de candidas florinhas delicadas. A quadra loira que alli ondeia, é a cevada a amadurecer. Os pintasilgos já la poisam e, poisando, parecem mergulhar num lago aureo. Ao lado está outro indolente ondear, menos velludoso, menos basto, esverdeado, quasi cinza. Como cresceu o centeio! Vistas de cima, as espiguinhas buliçosas fazem pensar numa nuvem de gafanhotos baixando sobre algum campo de arroz. Tudo é côr e revivescencia, é perfume e é musica.

Meio dia. O sol côa-se através as ramagens. Sento-me a uma pedra ao pé do carvalho. Abro um poema, vou a lêr, leio dois versos. Lá canta o rouxinol no ramo da espinhosa. Que poeta valerá este minusculo cantor da primavera? Fecho o poema, ponho-me a ouvir. Como agora te entendo, Jean Jacques vagabundo, como agora te comprehendo, oh scismativo enamorado da paizagem! Se tu ouviras, Rous-

seau, os melros de Portugal... Estes negros musicos alados, com as suas maravilhosas «risadas de crystal», a sua canora e franca jovialidade, poderiam abrir aulas de melodia humoristica. Eil-os a rir na luz plena do dia. Passa o lavrador, sachola ao hombro, cantarolando. E o melro, sem o vêr, debocha-lhe o chapeirão acabanado. Porque o melro, a assobiar, debocha até o sol. O cuco, este, marca as horas. Tão solitario, ninguem o vê; mas com que doçura elle annuncia as estiadas! Está no espesso da pinheira a rola brava! Eil-a a gemer. E' uma saudade talvez. O pardal, ao contrario, pula alegre. Embora feio, mettediço, faz-se sympathico. Sempre a caçar, sempre a comer, o glutão. Que differença da alvéola, altinha, azas cinzentas, um collar preto! A alvéola tem certo arzinho de mulher elegante, se não pia e não salta, se descansa contemplativa na hera dos arretos. Voltasse hoje a Portugal o nosso Casimiro, teria por que repetir que a Primavera é «a estação das flores», e tambem dos gorgeios. Chove tanto, porém... Quando nos queremos embriagar, num goso pantheistico, da poesia das coisas, e projectamos um passeio pelo pomar, ou sob o pinhal, com o nosso poeta, o nosso mystico preferido, o ceu carrega-se de nuvens pardas, a ventania entra-nos em casa e enclausura-nos.

Dentro em pouco a primavera findará, e sempre a chuva, sempre o vento. A's vezes ha sol, quer-se sair, o vento não o permitte. Ha dois dias seguidos de vento brutal. Quando se crê que vai terminar, cai uma chuva de pedra, ou troveja. E é assim por toda a Europa. Em Pariz, máo tempo.

Na Italia, na Hespanha, na Allemanha, chove. Henrique Castriciano escreve-me de Ems: — «Ha oito dias, preso pelos aguaceiros. Que saudades do Brasil». Quero crer que **mademoiselle** Debora, tão pallida e sentimental na sua capa de pelles sobre a neve, não terá gosado as magnificas noites azues de primavera na sua frigida Russia. Porque mesmo os lagos de Tell se agitam em revolta, e os sinistros «leões verdes» do vate suisso, em vez dos barquinhos a dois remos, percorrem ainda, em tropa desordenada, as famosas aguas lyricas.

O luxo das meias

E' hoje dia de feira em Vizeu. Veiu gente da aldeia, a vendas, a compras, e quem pôde metteu o seu par de meias, os seus tamancos ou as suas sandalias. Nos dias ordinarios, estas mesmas mulheres de lenço á cabeça e longos chailes caindo dos ombros sobem com o almoço de seus homens, o cabaz cheio, as mãos sujas, os pés descalços. Nasceram assim, assim se criaram, assim vão vivendo. Sapato para ellas é luxo, como carne. Usam-n'os em dias de festa, em dias de feira. Commumente, as plantas resistentes calcam a terra quente do verão e molham-se no riachar das chuvas, pelo inverno, ainda quando o frio géla a agua nas fontes. E' invejavel, no entanto, a saude dessa gente. Cavam a terra de sol a sol, ou sob a chuvarada, ou á ventania, tiram-se da areia quente para entrar nos corregos lamacentos das regas, e nem lhes doe o corpo. Ao

contrario, ganham em vigor e em côres a ponto de serem sempre rosados de cara e de pés. Apenas esta vida meio animalisada os faz grosseiros d'aspecto, demasiadamente musculosos, as mãos grandes e curtas, os pés largos com grossos dedos e calcanhar chato. As pernas das camponezas perderam o encanto das linhas, a naturalidade das curvas. Por isso talvez as raparigas mostram-nas despreoccupadas, como se trouxessem desnudas simplesmente as mãos ou o rosto. Para furtar a saia á lama e á erva dos caminhos, sungam-na, prendem-na, á altura dos rins. Ficam pittorescas e menores nesse arranjo economico. Quando alguma traz a saia descida e os pés meiados mettidos em sapatos ou tamancos, ou se trata duma princezinha d'aldeia muito mimada, ou duma pequena proprietaria a negocio na cidade. Todas, porém, possuem meias. As meias são o adorno dignificador nos domingos de romaria. Ha sempre ao fundo da arca um tostãosinho reservado para colorir de rosa ou azul essas grosseiras pernas aldeiãs.

Nos dias de feira, nem só as princesinhas ou pequenas proprietarias calçam meias. Velhotas vaidosas, que vêm a vendas, com o canastro repleto, não dispensam as suas meias. Na vinda, eil-as pisando forte na estrada com os tamancos usados, uns tamancos bicudos com palmilha de lã vermelha. De regresso a elegancia acompanha-as sómente até o extremo da cidade. Acabada a rua, dizem adeus áquelle barato luxo de pés, ficam só mulheres da aldeia, falantes, apressadas e descalças. De minha janella tenho assistido, á volta da feira, a esse descalçar de meias e tamancos cheio d'imprevistos. O

cimo da estrada abre-se numa quelha, entre um portão de ferro e o muro baixo duma quintarola sob oliveiras. Em frente, começa a Avenida, que tem á esquerda a antiga rua da Cruz de Pedra. Ellas descem da «praça», o mercado, pela Avenida e pela Cruz de Pedra, lentas, pensativas, ao sol. Debaixo da oliveira mais proxima, descalçam-se em grupo. Hontem choveu. La vem uma, já livre, devagarinho, limpando os tamancos. Outra, nova, de esplendidas côres, pôz um pé no arreto, ergueu despreoccupadamente o vestido, desatou a liga, uniu as meias por um nó e, com este atilho, sungada a saia, amarrou-a á altura dos rins. Chegaram as conhecidas e foram libertando-se de meias e tamancos, do mesmo geito. Agora a primeira quer ir-se. Inda uma está-se a amarrar. Detem-se. Promptas todas, afinal. E, como não hão de conduzir nas mãos os tamancos até a aldeia, põem-nos no cesto, o cesto da camponia de Portugal, sempre coberto com uma toalha d'algodão branco. E' sobre á toalha, muitas vezes a toalha que cobre o almoço do marido, que, de torna-viagem, conduzem os tamancos, mesmo, como hoje acontece, os tamancos cobertos de lama. Quando se havia posto já a caminho a maioria, aquella que chegara limpando os seus, nervosa, gritou. — O'lá! Esperem, raparigas.

Ella demorava apenas por isso: esforçava-se por enfiar os tamancos nas meias, o que por fim conseguiu. Concluida a operação, guardou os dous bojudos saquinhos pretos na canastra sobre a alva toalha.

Historias de cobra

O pinhal, que, nos dias de sol, era o meu gabinete de leitura, mudou agora num pequeno bosque sinistro. Uma destas manhãs, ia eu a subir, quando ouvi bolir na erva. Attendi, reparei. Num claro do lagedo, á beira dum tojal, mexia-se uma grossa cobra negra malhada de verde. Fugimos ambos rasoavelmente medrosos um do outro. A' noite contava-se o encontro, e uma senhora que ás vezes joga comnosco a bisca, sisuda, ar de quem instrue e certo vagar methodico de professor, virou-se para mim, tomou a palavra e discorreu assim:

«A cobra ataca de preferencia os homens. O lagarto não; o lagarto ataca ás mulheres. A cobra é um bicho de muita vida. Por exemplo: corta-se aqui o rabo a uma cobra; o rabo cortado salta com tanta força, que vai cair no tanque. (O tanque dista da sala uns trinta metros). Muitas vezes uma cobra está morta e ainda bole. Uma occasião eu passava por baixo duma cerejeira. O caseiro disse:

— Por ahi não, minha senhora.

Olhei. Estava a cobra pendurada num galho, já apodrecendo. Pois dava cada guinada, que até me arrepiaram as carnes. O lagarto é menos venenoso. Um lagarto já evitou que uma cobra se enrolasse na perna dum homem. Pois não sabia? A cobra atira-se a uma pessoa e procura logo a perna. Enrola-se então duma maneira, que só sae a fogo, ou ferro em braza. A mãe da Mariana de que morreu! Morreu duma cobra se lhe enrolar na perna. Aquillo aperta, que é uma dôr ver.

— E o caso do homem, o lagarto?

— Foi assim. O homem estava dormindo, e a cobra chegava-se em busca da perna. Nesse momento, o lagarto picou-o no dedo do pé. Elle acordou com a picada, deu um salto, e a cobra fugiu. E ninguem sabe se ella queria a perna ou a bocca. Porque quando se está dormindo com a bocca aberta, ella entra pela bocca e só sae quando acaba de comer o figado.

— Mas comer o figado?!

— Comer o figado, sim. Pois se eu já vi!

Era um sujeito aqui da Cruz de Pedra. Foi preciso matal-o; porque a cobra não sahiu nem a fogo. Quando acontece um caso destes, mata-se logo o homem, porque é preferivel matal-o a assistir áquella desgraça. Que horror, meu Deus! Ella mette-se de bocca a dentro, fica com o rabo balançando do lado de fóra e vai direitinho ao figado.

Dizem que se póde formar uma cobra dum cabello de mulher. E' até muito simples. Arranca-se um cabello com a raiz. E' indispensavel ser arrancado com a raiz. Mergulha-se-o depois numa bacia d'agua e muda-se a agua todas as manhãs até que o cabello se vire em cobra. Em Penacova aconteceu já uma desgraça por causa de cobra de cabello. Isso eu não vi, lá isso não; mas contam. Deu-se assim. Uma senhora de Penacova arrancou o cabello da cabeça, pôl-o dentro da bacia dagua e todas as manhãs lá ia vasal-a e deitar outra nova. Ao cabo de três semanas o cabello já se movia e no sitio da raiz formava-se a cabeça com dois olhitos vermelhos, bocca e dentes. Um dia a senhora esqueceu-

se de mudar a agua. Na outra manhã, quando appareceu, a cobrita olhou-a e saltou-lhe na cara. Foi só uma dentada. Ao anoitecer, a pobre senhora morria».

Ella ia continuar; mas, da mesa redonda, perguntou-se:

— Então? Não vai hoje a bisquinha?

Abancámos para a sueca.

Um calçamento memoravel

Acabaram de desmontar o talvez centenario calçamento da pequena ladeira que passa em frente á casa da quinta. E' uma subida de trinta metros, e foram precisas duas semanas ao desmonte, empregando-se nesse serviço muitos homens e muitos bois. Era um calçamento de penedos, á moda antiga, calçamento para durar até a consummação dos seculos, e só a força dos homens e dos bois o pôde remover. Os homens deslocaram as pedras a alvião, braços rijos, empuxões herculeos e bovina paciencia. Os bois, num trenó em fórma de forquilha, grande e grosso, a velha zorra portugueza, conduziam as pedras, ás duas, ás vezes uma só, para além, aonde mulheres as reduzem agora a brita para calçar a nova avenida. Tão grandes eram as unidades desse calçamento singular, que um proprietario exigiu da municipalidade, como pertencente á sua casa, a lagea retirada de ao pé duma soleira. Quando os trabalhadores, ás duas horas, recomeçavam a faina, porque aqui ha um repoiso de meio dia ás duas, os gemidos correspondentes aos primeiros arrancos dispen-

savam o relogio da Sé, tão alto os sopravam elles impellindo os penedos. Saia-lhes um **uai!** puxado e tão demorado, que, por elle, se adivinhava o esforço de cada peito. Para **chamar** um alvião apenas, faziam-se indispensaveis quatro mãos. Do lado opposto, outras quatro sustentavam o pedrão no deslocamento vencido, e desta maneira mourejavam todos até viral-o. Vinha então a zorra. A alvião e pulsos valentes, punham-lhe em cima as duas massas, e la iam os miseros bois a arrastal-as, vagarosos, pesar de aguilhoados, até o planalto onde se instalaram as britadeiras. Uma manhã, voz de camponez rudemente berrou:

— **Bai** fogo!

E não tardou, em frente á casa, um estrondo de tiro de canhão. Sustos, correrias e mais um vidro da janella partido. **Bai fogo** queria dizer — dynamite. Porque fôra necessario recorrer á dynamite para reduzir a resistencia d'um dos penedos.

A menor das pedras desse calçamento pesava arrobas. Vai elle brevemente ser substituido. Não sei se por effeitos da Republica, se para não occupar e suar demasiado aos futuros reformadores de Vizeu, o novo calçamento será de brita, pedrinhas de quinhentas grammas ou pouco mais. E vê-se que será isso bastante a esta pobre ladeira secular e inda pagã.

A carreteira de Farminhão

Quem vir a Constança arfando sob a canastra de queijos, não adivinhará o esforço, o heroismo

obscuro que representa essa mulherzinha magra e triste. Constança é a carreira de Farminhão.

Eis tudo para quem conheça esta profissão nas povoações de Portugal. As carreteiras como Constança são empregadas de casas ricas, que vão ás cidades vender ovos, gallinhas ou fructa e lá fazem compras, recados e colhem informações. Esta viaja duas leguas; aquella quatro, aquell'outra seis. O salario das extraordinarias creaturas regula um, dois vintens fortes por legua. Ha carreteiras de verduras, de pão, de batatas. Eu as vejo passar todas as tardes na estrada, bamboleando os quadris, conduzindo a enorme canastra transbordante, suadas, resfolegando, os seios num desesperado vai-e-vem de cansaço. Se levam couves, ou alface, parecem cobertas de monstruosos chapeus de folhagem. E esses extranhos chapeus variam. Agora ha alguns tão lindos! São as cerejas, que começam, chapeus vermelhos. Mas a chamar-lhes chapeus, vêem-se chapelões de batatas, chapelões de brôas, todos altos e todos pesadissimos.

A rapariga que faz esses carretos, ganha trinta réis, um vintem, conforme a distancia, mas, não obstante, na volta, caminham ás cinco, ás seis, de braço dado, cantando o fado alegremente pelas ruas.

Ser carreteira de quinta é já funcção mais importante, uma especie de emprego effectivo, que póde passar de mães a filhas por herança. E' o caso de Constança, que vem de Forminhão a Vizeu, duas leguas distante, por caminhos velhos, obrigada á ladeira grande que segue da ponte de João Mutello a Serzedello, com uma arroba de queijo á cabeça,

vende o queijo e torna pesada de encommendas, para ganhar um pataco. No tempo das queijadas, como a producção é abundante e os queijos de Farminhão muito procurados, faz varias viagens por semana. Um dia mesmo traz ovos, outro frangos, havendo sempre o que levar da cidade. Escasseando o queijo, reduz-se o trabalho a uma venda semanal, e, o que mais surprende, ella consegue viver com os dois vintens, contente e invejada no seu «povo».

O dia certo da venda é a terça, o grande dia commercial de Vizeu, o dia da feira. Nas familias que a conhecem, já a esperam. E' o dia de vir a Constança e guardam-lhe alguma coisa de comer. Porém offereçam-lhe maior soldada num sobrado da rua Direita, ou em Maçorinho, offereçam-lhe passagem para o Brasil, que ella preferirá continuar em Farminhão; porque o pataco de Farminhão é o seu destino, é a sua conquista na terra pedregosa da Beira. Sua mãe era carreteira; sua avó, carreteira. E filha e neta de carreteira, que sorte melhor que continuar a profissão dos antepassados na terra do berço, mesmo que essa sorte a faça palmilhar quatro leguas, duas de vir, duas de voltar, por um pataco!

Constança, quando nasceu, achou-se ao pés da casa dos Barros de Farminhão; entendeu-se vendo a mãe sair para Vizeu, embrulhada no seu chaile de lã, com o pesado carrego á cabeça; e a velha, para lhe contar lembranças de menina, só guardava a mesma curta e simples recordação: a mãe saindo de madrugada, envolvida no chaile, com um canastro á cabeça. Apenas avó, filha e neta, respectivamen-

te aos Barros, cada qual presenciara sua historia differente.

A avó conhecera um casarão com horta, pomar e cinco fidalgos solteiros filhos dos mesmos paes. A mãe encontrara só um dos fidalgos, Francisco de Barros, casado, reproduzindo-se saudavelmente numa filharada bem nutrida. Constança vira já, na casa, a velhice de Francisco Barros, a velhice da esposa, alguma fartura e a só alegria das filhas solteiras do casal. Francisco de Barros morreu num dos ultimos invernos, e Constança, agora, serve a uma das herdeiras, que, envelhecendo, se adaptou aos misteres sertanejos da nobre casa. Nos dias de feira, ella chega manhã cedo embrulhada no seu chaile á casa de Farminhão. Dão-lhe uma desjejua de pão com aguardente, e eil-a a caminho, os pés descalços, os seios a arfar. Nas familias frequezas, fez-se uma creatura sympathica, meio victima, meio heroina, bôa sobretudo. Porque, o trabalho, a profissão a accommodou numa seriedade e simplicidade commoventes. Por isso arranja novas rações de pão e aguardente, pequenos obsequios, jantares, casacos, saias usadas e vestidinhos para os filhos; pois Constança, como toda portugueza da aldeia que se presa, e ainda as que se não presam, vai arranjando uma descendencia robusta, que possa resistir ás chuvaradas e ventanias da Beira Alta.

— E você vai fazer d'alguma dessas creanças carreteira, para vir de Farminhão a Vizeu por um patacó. Oh Constança? — perguntaram-lhe um dia na quinta.

— Si Deus quizer, minha senhora.

Corpus-Christi

Maria Biquinha, uma velha que tem as palpebras roidas de sapiranga, apanhava, na rua, bosta de boi para vender, e na janella, em cima, as senhoras conversavam sobre se, na verdade, aquella quinta-feira era dia de Corpo de Deus. Pois se os calceteiros continuavam os trabalhos da avenida, o commercio abrira e não houvera missa cantada!

— E' sim, minha senhora — esclareceu a velha erguendo os olhitos vermelhos — Em Vil de Moinhos guardaram o dia, ninguem trabalhou.

«Ora, falou-se em seguida, como a Republica mudou os costumes! N'outro tempo, que festa era a de hoje! Fazia-se a maior procissão de Portugal, em Lisbôa, no Porto, em Vizeu, por toda parte.» E, a três vozes, recordaram a solemnidade dessa procissão famosa. Vinham a Vizeu as cruzes de sete freguezias. Cada freguezia procurava triumphar das outras no adorno da sua cruz, pendurando-lhe aquillo que de mais raro se encontrava na estação: milho, cachos, figos, peras, maçãs. Ninguem sabe onde iam descobrir fructa entre Maio e Junho para enfeitar as cruzes. Uma semana antes da quinta-feira, o cavallo mais possante deixava o serviço ordinario e passava a ser alimentado a ração dobrada, para conduzir São Jorge. Na grande tarde, o santo, uma imagem de bronze, enormissima, montava o vigoroso corcel. As casas todas se enfeitavam; punham-se ás janellas colgaduras de damasco, flôres, e as damas appareciam trajadas pelos figurinos de Paris. São Jorge cavalgava á frente, ladeado por quatro es-

cudeiros, que eram os dos fidalgos mais ricos da redondeza, seguindo atraz um pagem, tambem montado, trajando saio, com arnez, escudo e lança. Depois, a cavallaria, as cruzes enfructadas, irmandades e os corpos todos do exercito estacionados na cidade. Soldados presos eram postos em liberdade para acompanhar a procissão. Ao recolher, no adro da Sé, as tropas formavam. E São Jorge, acompanhado do seu pagem medieval, passava revista segundo os usos militares. Eram-lhe prestadas homenagens extraordinarias terminando por salvas que estrondeavam bellicosamente em toda Vizeu. São Jorge não entrava na egreja. Enfiava por uma larga porta entre a Sé e o Lyceu, ficando guardado ali, respeitosamente, o anno inteiro. Quando ia a guardar-se, era que se feriam as descargas. Que differença, lastimavam-se as senhoras, dessa festa assim grandiosa para a quinta-feira occupada que findava naquelle occaso humido! Na avenida rodava o cylindro de pedra monstruoso, que, puxado a duas juntas de bois, calca a brita do novo calçamento. E Maria Biquinha, abraçando o canastro de bosta para o pôr á cabeça, olhava a janella dizendo:

— O dia hoje é tão grande, que, nalguns sitios, as aves nem vão ao ninho.

As moscas

De volta da romaria da Senhora da Saude, apanhei uma pharingite, que me deitou cinco dias. Quando a febre cedeu, puz-me a reparar no largo aposento onde começava de convalescer, e nada se me

apresentou mais preponderantemente que as moscas do verão vagabundando na claridade. A' primeira vista, o espectaculo interessou-me, porque ellas zumbiam num vôo vagaroso, que distraía e dava somno. Eram, porém, em tamanho numero, os bandos ondeavam-me tão espessos sobre o leito, que, aborrecido, cheguei a pensar em coisas tristes. Pois se era um immenso mosquedo revoando rumoroso por sobre um doente. Fiz vir duas folhas de papel pega-mosca. Em menos de meia hora ficaram cobertos. E era um puxar de patas, um bater d'azas doloroso. Inda assim, as revoadas, o rumorejo pareciam não diminuir. Ellas já haviam ennegrecido com o ponto escuro da sua bosta o forro e a vidraça, não poupando o caixilio da oleographia de S. Antonio pendurada á parede. Si me encontravam de mãos descobertas, picavam-m'as. Eu me enrolava nos lençóes, deixava apenas a cabeça ao ar. Pois, como se o fizessem deliberadamente, preferiam a tudo meu rosto para assentar. Entravamos então em lucta, enxotava-as, mas, assim que eu mettia o braço sob a colcha, tornavam, procurando-me, em irritante sem-vergonhice. Mandei vir mais papel. O resultado não mudou: não deixei de ter que me defender, nem ellas de enxamear por cima de mim picando-me ou simplesmente zumbindo. De resto, foi impossivel evitar que almoçassem commigo, contra minha vontade, impedindo que eu acabasse a canja, pois me cahiram no prato duas duma vez.

Houve conselho de familia. Só uma resolução podia ser tomada com proveito certo: fechar as portas.

Tornava-se imprescindivel manter no quarto a escuridão, quando eu precisava de ar e de luz, quando conservar as janellas abertas era a recommendação principal do medico. Tranquei-me por causa das moscas. Pois bem: livrei-me das ferroadas, mas o ruido continuou, embora surdo, mas constante. A' tardinha. quando reabrimos as janellas, pude ver que se aggrediam umas ás outras e, por toda parte, no soalho, nos portaes, na capa dos livros, na minha cama, amavam perdidamente. A volta da luz dera-lhes a phantasia de amar voando. Com que lentidão voluptuosa os pares agarrados iam do guarda-vestidos aos vidros de remedio, do meu joelho ao ombro de S. Antonio!

Quando já me podia demorar pela quinta, extendi a minha cadeira de viagem á sombra da parreira e abri **O paiz das Uvas**. Então uma mosca azulada, tão linda que parecia uma pequenina borboleta, tirou-se da toiça d'aveia onde a brisa a embalava e poisou-me no livro. Misturava eu as impressões da leitura com as da visita, quando senti na mão uma picada cruel. Era outra mosca, tambem azul, tambem mui linda. Continuei a leitura. As picadellas repetiam-se. Mudei de sitio, abriguei-me adeante, debaixo dum castanheiro. La as havia, eguaes na bellesa e na aggressividade.

Acho-me impedido de ler á sombra das arvores, nestes dias mormaçosos e calados, sem a tyrannia das moscas azues que parecem borboletas pequeninas. Mas aqui vos digo que a perseguição inconsciente que me fazem, as de casa, como as do campo, é apenas uma caricia de máo gosto ante a

perseguição que infligem, na estrada, aos jericos e aos bois.

Os pobres animaes não trazem á vontade outra defesa além da cauda, que, chicoteando-as, não attinge senão as ancas descarnadas. Aos burros, prolonga-se-lhes nas costas a albarda com as taleigas ou as canastras, e esta lhes é uma protecção providencial. Quanto aos bois, ao contrario, nada os abriga ou protege; caminham como despidos, abandonados á gula dos insectos. Horrorisa vel-os passar com a barriga, o pescoço, as pernas revestidas de moscardos. A aguilhada do carreiro, furando-lhes o vasio, levanta um pequeno bando sussurrante, porém, a dois passos, elle volta a poisar.

A's vezes, burro ou boi não tem pellos na cauda, e é de ver-se, emquanto o moleiro grita a sua algarada de commando, dous côtos cinzentos ponteagudos, erguidos como dous fueiros animados, oscillando inutilmente cerca da mesa do carro. Esses tavões besteiros parecem morar no coiro das alimárias. Nada os afasta de vez. Acontece morrerem alguns menos espertos sorprehendidos pela correia do látego. Succede tambem o cachaço arremetter e raspar na malhêlha esmagando outros tantos. Quando, porém, á torreira do sol, a fadiga emmudece o carreiro e elle se vai com a cara lustrosa, quasi tonto, batendo os sóccos pelo saibro, o animal, de subito, desespera e estremece brutalmente. Esse estremeção desesperado é o seu só protesto contra o tremendo supplicio que o acompanha o verão inteiro no estupido labor. O guia assusta-se. A moscaria despega-se. Mas segue o desgraçado. Levanta-se uma nuvem

d'azas minusculas e pontos negros, mas prosegue depois com o misero, envolvendo-o, sussurrando, até de novo o dominarem.

Vixente

No meu giro da manhã pela matta, vi de longe um garoto ségando erva, com uma comprida corda colgada ao hombro. Havia de ser ladrão. São tantos os que vêm á quinta! No muro que dá para a quêlha, já os seus pés buiram e embranqueceram uma larga pedra.

Mal avermelha a cereja, melro não pisa na cerejeira, porque está sempre ladrão escondido entre a folhagem, catando, sacudindo as gigas. Pelo tempo da fructa, quando os cachos começam a pintar, é preciso correl-os, dia e noite, homens, mulheres, meninos, do pomar e da vinha. A figueira, que fica á borda do caminho, é varejada, apedrejada a toda hora, basta que inchem os figos. Só raramente se consegue fazer um magusto em ternos, pois os castanheiros, como estão distantes e dominam a quêlha, são desfructados á vontade pelo povoléo. Mas os ladrões não investem só contra a fructa. Furtam as silvas da cerca, furtam a varinha que apruma a videira, a çaruma resequida, o palhiço crestado do ervaçal. E, nas luas, quando ninguem da quinta se aventura pela matta, esses modestos ladrões vão amar-se na sombra dos penedos, silenciosos como animaes.

Eu prosegui com o meu livro, e esquecêra já o

extranho ségador, quando vislumbrei baixar-se uma cabecita ruiva escondendo-se rente á lágea visinha.

Sentei-me, puz-me á espreita. Setembro vem vindo. No chão da matta, anda a brisa a acamar as giestas, ondulando a relva já amarella sobre as bolótas e pinhas. O para-sol dos pinheiros, verdejando no alto, rumurejava ao compasso da corbacha, que gemia preguiçosa no seu galho. O murmurio do vento nas ramas, longo, espraiado, morrente, lembrava o mar, alguma praia onde as vagas, quebrando, marulhassem. A cabecita ruiva reappareceu, mas pendeu rapido. Depois tornou-se a erguer e a esconder. E assim, reparando e caindo, com a ligeiresa dum coelho, passou uns dez minutos, até que eu, impacientado, fui ter com ella. Era uma creança de cinco annos, a camisinha azul toda rota, atada na cintura, os pés descalços e crostas de sujo carepento pelas pernas, nos braços e no rosto. Junto ao penedo jazia um saquinho abarrotado.

— Donde é você, pequeno?

— Xou da Balsa.

— Que traz ahi?

— Xão pinhas. E tambem trago bulotas.

— Como se chama?

— Vixente.

Vixente confessou, muito pallido, que viera mais o irmão, **aquelle que andava além,** e aquillo era para os porcos.

— E porque o menino se escondeu quando me viu?

— Foi porque eu penxei que o xinhor me ralhava.

O irmão descia d'entre os carvalhos, com a cara afogada num grosso feixe d'erva.

— Ora, você ensinando esta creança a furtar!

O garoto contou que vinha mandado pelo pae.

— Mas, algumas vezes, quando eu sou pegado, se os donos querem, não levo nada...

Deixei-o ir-se com a erva, porém trouxe commigo o pequenito. Como eu mesmo lhe puzera a muxila á cabeça, accommodou-se, e foi risonho e falante que seguiu a meu lado, carreiro em fora, aos gemidos da corbácha. Chegado á meia-laranja, Vixente repetiu que as bolotas, levava-as para os porcos, uns porcos do Cid, que o pae creava, e as pinhas, estas, eram para o lume.

— A porca já pariu — accrescentou como uma novidade que o encantava — Oh, os bácoros estão ainda pequenititos, mas xão muito lindos. Dois delles são brancos. Os outros xairam todos pretos.

Indicava a casa ao fundo da Balsa, apontando com a mãosita immunda para o oitão do Cid, quando chegámos ao páteo. Chamei para dentro. Accudiram as senhoras á varanda. Manoel do Aral, que sahia da loja dos bois, interveiu logo, gago de raiva:

— Isto é uma raça de ladrões. Pae, mãe, filhos, tudo é ladrão!

Na verdade, o pae de Vixente, o **Sessenta,** vivia ás voltas com a policia, de casa para a esquadra e da esquadra para a cadeia. A mãe, não ha mez, fôra presa na quinta, por andar a furtar as estacas da vinha.

Vixente choramingava. Manoel do Aral esfregou irado as mãos queimadas, a tremer:

— As estacas da vinha! Olhe, que uma coisa destas... Má raça!

E defendendo, a um tempo, o interesse dos patrões e a ordem social:

— Nem no deixe levar essas b'lotas, minha comadre, que até seria um máo exemplo.

— Não! Não leva!

Vixente largou o furto. E la se foi, descorçoado, a soluçar, numa horrivel angustia, arrastando a muxila pela rua.

O rouxinol do tanque

Os buxeiros do tanque são uns velhos buxeiros de tronco carcomido e musgoso, que vivem á borda d'agua, sob a biqueira do alpendre da mina, dando guarida aos trabalhadores, pelo estio, nas horas de sésta. Conta-se que os plantára um padre amador d'arvores de fructo ou sombra, que suppria com o amanho da horta a ausencia de afilhados e lia o Breviario ao ar livre, ouvindo o melro assobiar. Quando os bucheiros deitaram as arborencias bemfazejas d'agora, já o bom padre se finára numa sala da casa, sem ter visto que a poesia suprema dos seus buxos queridos não é a protecção das ramagens, a brandura vegetal das franças baloiçando-se sobre a agua, a luz macia que aclara o bucolico sitio, mas a hospedagem dada pelo mais frondoso delles a um rouxinol durante a primavera.

O tanque abre numa vasta quadra de pedra. Tem no meio um poço, lavadoiro de fronte aos buxeiros e, dos lados, á direita, mais buxos, ramalhan-

do estes para a loja dos bois, á esquerda, seguindo o muro, que aperta um pesado penedo redondo, o jardimzito, protegido por um arreto, com um loureiro ao centro das flores, alto, esguio, emergindo dentre pionias, malmequeres, rosas, lirios e erva tenra. Quasi rente ao loureiro, alonga-se a nóra em descanço: já não tem alcatruz e o calabre está pôdre; pois o poço, cavado por se pensar havia nascente la baixo, resultou coisa inutil, recebendo sómente a agua que corre da fonte e sobra do tanque. Em Dezembro, viceja no lodo o limo, que sóbe e se espalha á superficie, bastamente, como se sobrenadasse uma cabelleira verde immensa desnastrada. Havendo sol, vêm mulheres lavar roupa. Arrimam-se ás joelheiras, as pernas nuas fóra da saia sungada, indo e vindo com o labor dos braços tambem nus. Então a espuma alvinitente ondêa entre a lage do lavadoiro e a verdura do limo. Largada a faina, ao crepusculo, entram as trabalhadeiras a molhar a couve. A agua faz-se ludra, e o **cosido**, talos, folhas crestadas, resta boiando á tôa, té que a cachopa o recolha para o ceiote dos porcos.

O tanque não tem tradições amorosas. Sabe-se apenas que duas sopeiras, a Paixão e a Palmira, como esta furtasse á outra um sabonête que lhe déra o namoro, se agarraram cerca do lavadoiro, aos murros, ás dentadas, findando a rusga por atirar Paixão a ladra dentro d'agua.

De inverno, pois que abundam as chuvas, o tanque reduz-se a um logar lamacento e doentio, que, pela visinhança do folhêdo, gravetos e tonas ensopadas, cheira mal. E' visto de passagem e lembrado

com temor. Em voltando o bom tempo, ao contrario, o lameiro, secco e aquecido, muda numa paragem saudavel, e, como canta o rouxinol escondido no buxeiro, o tanque fica sendo o recanto mais aprasivel da quinta, um refugio de suave bellesa e encantadora melodia.

E' em fins de Abril que elle chega. Habitante fiel daquella umbrosa hospedaria, installa-se num galho bem discreto e põe-se a cantar. Como todos o conhecem desde a infancia, ninguem se admira da sua chegada, recebe-se naturalmente a lyrica apparição. Porém, um dia, depois do almoço, D. Cacilda, que cose na sala de mesa diante do jardim, tira, de repente, os olhos da costura e fala para o corredor, onde a mãe lê **O Seculo** num banco de castanho:

— O' minha mãe! Está ouvindo o rouxinol?

— Estou, sim. Estava aqui a ouvil-o.

Emquanto, na sala, com um tom d'intimidade, róda monotona a machina, á beira do tanque, dormem extendidos os calceteiros da Camara, tendo os braços por almofada. Jantaram ao pino do sol. A ferramenta com que desempedram a ladeira em frente á quinta, poisa no arreto-embaixo dos malmequeres. Uma rapariguinha de cara redonda e rêpas atrigadas guardou no amieiro a padella do arroz, desceu ao pateo com os olhos fitos no portão. Mal se perdeu a sombra da pequena pela sombra da loja, um bando de pardaes caiu piando sobre as migalhas de brôa. Da rama do buxeiro cae sobre elles o canto do rouxinol misturado ao aroma dumas pernadas de pinheiro em destroço pelo alpendre. Ora parece que o perfume gorgeia; ora é como se o cheiro do pinhal im-

pregnasse o canto do rouxinol. Finda a sésta, quando os homens acordaram e foram estremunhados apanhar os alviões e as marretas, um delles, de escassa barba e boccarra emmurchecida, voltou-se para o buxo:

— Olé... O gajo já **cai** anda...

O companheiro olhou p'ra cima:

— E **câ** lindo qu'**êll** canta!

As raparigas de trabalho passam gemendo ao peso da canastra d'estrume, lavam os pés na taboa levadiça onde a Ceu bateu roupa a manhã toda, falam os seus amores e as suas revoltas, ouvindo-o de ouvidos moucos. Manoel do Aral faz outro tanto. Junje, roçando os troncos, os bois ao carro, grita ao Antonio para abrir o bueiro e soltar a agua, mas nada que occorra acima das abas do seu chapeu, afora os trovões, lhe chega ás oiças.

A's vezes, meio dia soado, ha pelo tanque, no vasio do alpendre, um silencio profundo, uma calma grande e luminosa. A agua montou ás bordas da parede. Adormecida com a sua cabelleira de limo em desalinho, retrata a vara da nóra com o calabre pendente, a ramagem dos buxos, retrata o loureiro, invertido e esfolhado. A menina senta-se no banco de pedra e faz meias, cruzando pelo fio dùas compridas agulhas brancas. Ah! como nos basta, a nós, essa luz, essa doçura de natureza quieta! Mas sente-se tremer um ramo. Irrompe um gorgeio. E' o rouxinol. O seu canto traduz florescencia e fulgor. Da sua cella verdejante, elle proclama a primavera de Portugal, recita o seu poema de perfume e côr á gleba reverdecida. Eu quiz ver nesse meigo lusiada Schumann,

transfigurado em passaro, cantando, com o vir das rosas e dos lirios, saudades de Clara enamorada, a saudade do tempo, como fizera nas **Scenas de creança**. Paizes desconhecidos... Noivos que se encontram... Borboletas... **Rêvêrie...** O poéta fala,,, Melancolia dsitante apagando-se nos estos da vida reflorescente... Mas o canto do rouxinol é um thema desenvolvido com variações. Elle canta a primavera: a festa dos brotos novos, dos arbustos em rebento, das corollas desabrochadas; canta a terra florida, num gorgear transbordante do gosto de viver. Mais recorda um pequenino Mendelssohn alado fazendo a apotheose da estação e influindo, no canto feliz, o colorido, a sonoridade dos campos em flor. Mettido no seu recolhimento inaccessivel, abre o liquinho pardo e esquece o mundo, em que vive, o mundo que se mata, em baixo, entre a esperança e o desespero. Quem passe, quem fale, quem brigue ao pé do tanque, não lhe merece sentido. A lavadeira bate uma camisa de virgem, com a voz, a cabeça perdida no sonho e volupia do fado. Moreira descavalga, prende ao buxeiro o burrico, negocioso, importante, berra o preço do gado na Ribeira, lucros, prejuisos, planos. A' tarde, uma moçoila namoradiça colhe um ramilhete de carvalhas, abanca no assento de granito, ri de saude mirando-se no espelho liquido. Os bois ruminan pacificamente, com os olhos cheios de mansidão, enternecidos para a agua. Antonio, subindo da horta, magricella e terroso, grulha, de laracha, as suas malandrices sensuaes á creada, a Gloria, que pica abobora na varanda. E o rouxinol, no seu ramo sombrio, canta, canta, canta...

Anoitece. As outras aves passam pipilando em despedida, voando aos ninhos, agasalham-se, dormem. Elle, não. Deixa-se, no seu buxo discreto e fica-se a cantar dentro da noite. Para o rouxinol não ha bom tempo, máo tempo, nem claridade, nem escuridão. Tudo é só tempo de cantar. Uma noite acordei pelas tres horas. Chovia, ventava. No angulo da casa, no telhado, zunia clamoroso um vento de tormenta. Quando, emfim, a galharia da nogueira cessou de se arremessar contra a janella, a vibração que se distinguiu, foi o canto do rouxinol, impassivel no seu galho molhado, rompendo a batega, como um hymno de bonança. No quarto contiguo raspou um phosphoro. Travou-se conversa de quarto a quarto.

— Está ouvindo o rouxinol?

— Estou...

— Antigamente dizia-se que elle canta assim sem parar é p'ra reter a fêmea no chôco. Emquanto não saem do ovo os rouxinolinhos, não deixa de cantar.

Passámos a olhar com respeito aquelle buxeiro annoso do tanque, onde, possivelmente, havia um ninho de rouxinoes. E o rouxinol cantou até o fim da primavera. Já o trigo aloirava pela seára e as ceifeiras buiam na pedra as suas setoiras recurvas, quando, uma tarde, ao accaso, se notou que elle partira.

A ceifa

Entre o caminho da matta e os castanheiros do muro, a seára semelha, sob o céu de verão, uma enseada d'oiro pallido onde medram papoilas seje-

taes rubras e cor de rosa. Chegou o dia da ceifa. Manhã cedo, quatro raparigas, tia Rosa, a Belmira, a Gloria e outra, uma corpulenta e vermelha, que ellas trouxeram de Repezes, entram o trigal, de lenço á cabeça, canellas nuas, empunhando em silencio cada qual sua foice ceifeira. Uma brisa suave sopra nas espigas maduras. Os grãos tatalam surdamente, e as praganas, finas mas eriçadas como agulhas, scintillam ao sol! Calcando os talos resequidos, os grossos pés fazem como se fossem pisando a agua dum córrego. O trigo murmura-lhes nas plantas e, desafogado, vai-lhes rascando as pernas cabelludas.

As raparigas, ao entrar, rumaram diversamente. Distanciadas, as quatro pequenas foices erguem-se. A sombra de quatro novilunios vadeia por sobre as loiras ondas. Toca a segar. Toca a ceifar. Tia Rosa, a Gloria, a Belmira, semearam aquelle trigo, um entardecer humido, na primavera. Cahiram as chuvas d'Abril. O trigo medrou. Depois, ellas mesmas o mondaram, pensativas, pela época em que o Mantas, guiando o arado além dos marmelleiros, tirava os olhos dos bois para as fitar de longe.

Hoje a seára é pão, é vida, é esperança, é consolo. Ellas, no entanto, ceifam indifferentes. Ceifam como outrora espalharam os grãos, sem cuidado, sem carinho. Porém essas raparigas da Beira cresceram ouvindo cantar durante a ceifa, e é cantando que cortam o trigo. A de Repezes, bisonha na sua corporatura gigantesca, trabalha calada. Tia Rosa e a Belmira cantam baixinho, cantam para si, misturando a cantiga ao ruido da palha a tombar. Mas a Gloria, que tem a voz estridente como o melro, canta

sempre, canta por todas no vae-vem da séga, e é preciso que canse, para ouvir-se na matta o grito das corbachas.

Ao meio dia ellas jantaram. Agruparam-se no alpendre do palheiro e comeram de vista cahida. Após a sésta voltaram á seára. Quando as quatro mulheres defrontaram os castanheiros, um bando de pombas brancas voou do trigo ceifado, alvoroçadamente. A faina recomeçou. A voz da Gloria recomeçou tambem, rompendo o cheiro morno do trigal. Do pomar, da parreira, da quadra dos milhos novos, vê-se-lhe subir e descer a cabeça redonda envolvida num lenço amarellado. O canto ouve-se de toda parte. A voz da ceifeira cobre a seára, difunde-se na claridade, vibra na soalheira. Anda um caso d'amor com viagem ao Brasil, nesse fado estriduloso, fado de paixão e saudade. Embora. Partindo de em meio as espigas aureas, o fado enche a quinta de bem-estar, como se a tristesa da musica saudosa, matasse-a a alegria da colheita, a ventura do trigo amadurado, o trigo vida, esperança, contentamento.

Agora a foice cae abandonada. As raparigas apanham no trigo segado mancheias de palha. Atam-nas, arranjam os vincêlhos, apertam as paveias. A seguir, juntam os molhos em feixes enormes, amarram-nos com atilhos mais fortes, põem-nos á cabeça e conduzem-nos á eira. A' tardinha, para que não fique trigo exposto aos gatunos, vai mais o carro buscal-o. E algum que resta, gavelas esquecidas, hastes respigadas aqui, além, acartam-nas as raparigas.

Vindo, ao crepusculo, revistar o trabalho, o pa-

trão inda as vê marchando á luz mortiça, cabisbaixas por entre os sulcos da rilheira.

A malha

Desde a vespera, tia Rosa, a Gloria, Belmira, tiradas ao amanho da quinta, se empregavam em arranjos para a comesaina dos malhadores. Belmira, o nariz branco e chupado fungando pela horta, gastára a tarde a cavar no cebolal. Manhã cêdo, inda teve de correr novamente ás hortaliças e apanhar uma canastra de couves. Gloria, ganhou ao forro com outra canastra e desceu com ella cheia de batata.

Este dia da malha, dia luminoso de verão, escolhido para a pesada tarefa, os trabalhadores ganham em dobro, e comem e bebem á vontade e do melhor. Habituados a essa custosa faina, amando-a mesmo, pela fartura que offerece, andam, rogados, de quinta em quinta, ao termo das colheitas. Hoje, como nos annos passados, lhes coube a quinta do Giestal. Por isso amanheceram no portão, tendo vindo de Repezes e do Aral, com uma legua de caminho, para lidar sem descanço até o occaso.

Pelas visinhanças da eira, por toda a velha casa de pedra, mormente na cosinha, vai uma carinhosa e brava azáfama. Como as trovoadas de S. João matafam a uva e, na adéga, ha só vazio e mofo, vieram da venda da Augusta, que espichou pipa nova, numerosos quartilhos de vinho. Pela escada do pateo, subiram três espraiados bacalháos, muita triga-milha, grandes brôas alambreadas. E matou-se um carneiro. A cosinheira é tia Rosa; as duas outras, ajudantes. De cócoras, dando as costas ao fogão e á lareira, as três tiram as fonas ás cebolas, picam batatas e des-

talam a couve nos fundos alguidares. Tia Rosa anda doente, anda «palheta.» As suas sobrancelhas lustrosas curvam para umas palpebras olheirentas, e ella toda é pallidez e magresa. Porém qu'importa? O vigor dos musculos sadios que se retezam na lage ao som das cantigas, reanima-lhe os braços descarnados, accelera-lhe o fraco sangue indolente. Uma destas manhãs encontrei-a cahida entre os bacellos da vinha, livida, anafragada, com o sacho aos pés — «Uma cólica, um horror!» — contou depois a Gloria. A pobre mulher, assim que me viu, solevantou-se, as mãos sobre o ventre, para me saudar com o seu ar serio e respeitoso. Mas nem se lembra que definha, tia Rosa. A longa colher de páo empunhada como uma arma de commando, vai de panella em panella, mexe, prova, revê e, a voltear do fogão ao fogareiro, o rosto amarello avermelhando-se no calor, nada esquece, não perde um só passo das moças. «Tu já puzeste a mesa, oh Gloria?» «São oito os homens, não te esqueças». «Tira a almotolia da ponta do banco, mulher»... Sem murmurar, Gloria faz tudo, attenciosa, humildemente. De vez em quando, tia Rosa abre o forno do fogão, puxa a pingadeira, calca o carneiro com a concha da colher. Depois, relanceando pela cosinha, o nome de Gloria torna a reboar d'encontro ás paredes fumarentas.

A manhã passa cálida e limpa.

Na eira, ladeando a «camada», defrontam-se as duas alas de malhadores. Os pirtigos nas suas mãos robustas, erguem-se e descem alternados. Antes de bater o trigo, os mangoaes dansam no ar por sobre os chapeirões. Manoel do Aral e o Mantas, em man-

gas de camisa e collete, revolvem a palha com forcados de pontas buidas. Os homens labutam gemendo — um gemido consolador, que sae com a respiração, acompanhando a quéda dos pirtigos. **Uai...** E é compassadamente que parte dos rijos peitos esse saudavel **Uai...** e sobe do trigo o **ploc** dos mangos malhando na morna claridade.

Meio dia. Manoel do Aral á frente, os malhadores marcharam para o jantar. Manhãsinha, ao chegar, receberam uma desjejua de pão e aguardente. A's oito horas almoçaram. Sopa secca — verdura, carne e pão. Mas a desjejua, o almoço digeriram tudo rapidamente nas lages da eira. Ao transpor a grade do pateo, via-se-lhes no aspecto um appettite devorador. A mesa, junto á janellinha quadrada que domina o tapume de buxos á beira do jardim, estava coberta com uma toalha de linho ampla e alva. Sob o olhar previdente da tia Rosa, as copeiras improvisas Gloria e Belmira iam e vinham da varanda para o fogão. Trouxeram primeiro o caldo verde, fumegando e cheirando nos pratarrões pintados de ramagens azues. Depois, veiu o bacalháo, o arroz de carneiro, as batatas cosidas. O arroz e as batatas foram postos em bacias. O bacalháo espaçava-se nas travessas, atulhado de couve e cebolas grandes como laranjas. Inda a chiar na padella, o lombo revestia-se duma códea de febras oleosas, assentando num lago de graxa, com uma cercadura de batatas meudas e doiradas. Os malhadores sentaram de face á janellinha e á parede. Servido o caldo, a Gloria appareceu com a cabaça de vinho, que correu de bocca em bocca, esvasiando-se em gargalaçadas formida-

veis. Tia Rosa, com as repas luzindo-lhe na testa suorenta e um leve sorriso suavisando-lhe o rosto grave, fiscalisava, de pé no batente da cosinha, mostrando compreender, recompensada, a gula contente dos homens. Penso que, em época d'appettite inda maior, houve bulha por comida em jantares semelhantes. Mais tarde, como se repetissem os pugilatos, hão-de ter achado o meio facil de os evitar. De maneira que, hoje, levam todos o garfo á bocca ao mesmo tempo, não podendo nenhum comer mais do que outro. Ha elegancia nesses fortes pulsos costumados á enxada e ao pirtigo, quando levantam os leves trinchantes num movimento vagaroso e uniforme. Recebido o boccado, os garfos descansam á borda dos pratos até findar a mastigação, que é saboreada e lenta. O primeiro a retomar o seu garfo apressa os retardatarios. Elles comem sentindo nos companheiros os concorrentes perigosos numa conquista em que os direitos se equivalem. O jantar terminou sem que nenhum fosse logrado. Comeram todos egual e brutalmente. E levantaram-se em paz risonha, após um derradeiro giro da cabaça para molhar o resto das fritas. Porém antes de descer, sobraçando os chapeirões, juntaram as mãos e resaram dando graças a Deus deante dos pratos vasios.

A malha tem que aproveitar o ardente e demorado sol de verão; não admitte sésta, nem conversa. Por isso os homens desceram da varanda e encaminharam-se directamente á eira. Manoel do Aral e o Mantas, escorando-se no cabo dos forcados, esperavam-nos á sombra dos seus chapeus d'aba larga. As raparigas, tendo jantado, lavaram a loiça atabalhoa-

das, apanharam os gadanhos cahidos no alpendre e galgaram tambem a lage. O sol aquecera. Pelas mêdas, os talos crepitavam de secura e calor. Quando o vento soprava, formavam-se na estrada ondas altas de poeira, que transpunham o muro, cobriam os milhos, as ervilhas, o alfobre e findavam por envolver o rude labor. As pombas brancas da quinta visinha passavam, a espaços, procurando grãos perdidos ou desguardados. E para os lados da Azenha, uma névoa esbranquiçada encandeante cobria colinas e pinhaes, apagando, ao fundo, numa fórma vaga e distante, a egrejinha d'Abravezes. Só os pardaes se aventuravam ás visinhanças da eira, chilreando e saltando. Os homens, entretanto, malhavam a cantar. O gosto do fado, parece, preservava-os da fadiga, e, como a alegria delles era sadia e mascula, as raparigas venciam de vez a sua timida postura, para cantar tambem. Na occasião do «vai-vem», feita a debulha duma camada, irrompia o «bemdito». O «bemdito» é uma cantata d'indole pagã, na qual se agradece aos céus o trabalho realisado, mas que disfarça uma exigencia malandra de mais vinho... Quando echôa o «bemdito», no intervallo da malha, homens e mulheres ajudantes vão, de forcado e gadanho, separar em sliencio o feno do trigo. Mal, porém, brilham os ganchos sobre a palha, ha-de correr alguem á cosinha a buscar vinho. Vai a «paqueta», a Micas, que é filha dum faquista de Lisbôa e, de fugida, anda a namorar o movimento. Micas torna resfolegando, accesos os enormes olhos pretos e a bocca desgovernada num sorriso, com uma cabaça transbordante. A toada suspende-se. A cabaça corre de mão em

mão, como no jantar, e as boccas sequiosas, voltadas para a luz, descommedidamente gargalaçam. Manoel do Aral e o Mantas, as raparigas, bebiam tendo os homens retomado os mangoaes. A Micas reconduzia a cabaça, devagar, inda a sorrir, olhando o vinho pingar.

Assim passaram a tarde, batendo, chuchurreando, cantando na crua soalheira. Ao vir da noite, já as mulheres, de vassoura e ancinho, juntavam o trigo, esse trigo sem joio da quinta do Giestal, amontoando-o nos cantos da eira, e inda as vozes vibravam, voluptuosas e quentes, ao **ploc** dos mangos malhando nas ultimas espigas.

Os mendigos

Amanheceu terça-feira na estrada, debaixo da figueira da quinta, um sujeito em cabello, mangas de camisa e collete, segurando o cabresto dum burro preto que trazia nas costas uma como barraca de panno branco. Quando passaram os primeiros cam-ponezes, irrompeu de dentro uma voz chorosa, quasi rouca; e o guia, com o peito encostado á cabeça do burro, levantou a toalha que servia de porta á barraquinha. Então appareceram duas pernas esqueleticas e vermelhas levantadas, cruzando-se na altura dos joelhos, servindo de supporte ao lençol, formando, emfim, a armação daquella extranha tenda. Pelo angulo das pernas descobria-se, ao fundo, de onde partia a voz lamentosa, uma enorme cara chupada. Era uma expressão monstruosa da deformidade humana, uma creação sinistra da mendican-

cia portugueza, o corpo que alli jazia deitado numa velha albarda. O burro parecia educado, ou cumplice no horrendo caso. Não se movia. Dava-lhe o sol nas ancas e na cabeça, o guia, para correr o misero panno de bocca, ia-lhe com o estomago de encontrão ás ventas, e elle, quando muito, abanava a cauda para enxotar as moscas...

A dois passos, sobre a sacola poisada no chão, estava um piresinho de folha de Flandres, especie de cinzeiro, conservando os restos duma pintura escarlate. A cara do homem haviam-na queimado as soalheiras, tornara-se uma cara morena, suja, coberta de pellos grossos como cerdas, a suar sob o basto cabello negro empoeirado inteiramente em desalinho. E elle mal pestanejava. Exercia o seu officio, de olhar duro, um olhar velado d'esquecimento de tudo quanto não fosse calculo. O seu gesto de contra-regra fizera-se preguiçoso, automatico e frio. Lia-se-lhe no aspecto, não resignação, mas identificação e a subserviencia animal do burro. A' approximação dos transeuntes, tirava-se da sombra, sem olhar a quem vinha, subia a cortina de listras encarnadas, e recebia as esmolas com a outra mão, tambem sem olhar. Descobrindo a alimaria com a barraquinha ás costas, nestes dias de feira franca, circo, cosmorama na Ribeira, os camponezes julgavam aquillo alguma fantochada e estugavam o passo. Só a voz supplicante os acordava para á realidade terrivel. Desanimavam, embora o panno branco armado no alto os mantivesse em espectativa. E quando, em face do homem, viam erguer-se a toalinha, o ar delles era de horror. Estacavam aterrados e,

sem racionar, a alma forreta abria-se-lhes num frouxo de caridade, mettiam os dedos nos bolsos, nas mochillas, nos cestos, davam do que tinham, brôa, sardinha, pão, até dinheiro.

A barraca veiu a ser, na estrada, uma armadilha inevitavel á piedade dos camponios.

* * *

Via-se, no emtanto, que não só a piedade os decidia. Os mendigos, em Portugal, encontram-se por toda parte, são ardilosos e, choramingas ou cantores, attraem indifferença, tanto pela vulgaridade, como porque dar, cá, mesmo pouco, é, para a maioria, tirar do indispensavel. De resto, o mendigo portuguez, se não é cego ou aleijado, incapaz de andar, acompanha-nos, persegue-nos, a ponto de aborrecer. Elle procura os logares mais frequentados, os logradoiros, os sitios festivos, as occasiões de regosijo publico, todas as inopportunidades imaginaveis para se apresentar embuçado em remendos e pedir insistentemente. Põe-se deante dos cavallos nas estradas; se não lhe dão, sai correndo atrás do carro centenas de metros, sempre a repetir a sua cantilena, o seu «dê-me, senhor...» Nas estações de caminho de ferro, nos jardins, na calçada dos hoteis, na proximidade das cadeias, a primeira pessôa que nos dispensa um pouco de intimidade, é o mendigo. Nas romarias e feiras, aluga uma familia o seu banco, está a ver os romeiros, a conversar, a comer a sua merenda alegre, a esquecer as suas proprias miserias, quando a sorprehende o pequeno esfarrapado, com uma

viola, a cantar, para pedir. Se não é o mendigo musico e cantor, cujo typo commum é o velhote atarracado, sanguineo, de voz estrondosa, chegam velhos, mulheres em molambos e creanças. As creanças muitas vezes suspendem os seus brinquedos para atacar o transeunte, e, como os outros, não o deixam senão ameaçadas.

Acontece muito que uma velha vai a algum recado e encontra um homem ou senhora bem vestida. Se, por accaso, a olham, a creatura occupada transforma-se immediatamente em mendiga, extende a mão, encolhe os hombros, mascara-se duma physionomia dolorida e começa: «Cinco reisinho para pão, meu senhor, que ainda hoje não comi.» Ha mendigos que contam historias horriveis de pobreza domestica, se fazem aleijados, inventam mortes de filhos (estes ultimos são caracteristicos das praias), sendo que todos, finalmente, mentindo ou soffrendo, chorando ou cantando, espalham uma longa, lamuriosa chronica de fome nas velhas cidades portuguezas.

Sómente os cégos, os peores aleijões sensibilizam a solidariedade nacional. Os extrangeiros dão, mas sentem-se constrangidos pelo numero, pela variedade, pela tristeza que as vozes mendicantes sobrepõem á porcaria das ruas, ao vetusto da architectura.

Guerra Junqueiro devia pensar nesta penuria vagabunda do seu paiz de cantigas, quando disse, em Berna, maravilhado, que, na Suissa, não se erguem mãos para pedir. Pensando-se, depois disso, na obra do insigne philosopho-poeta da **Oração á**

Luz, fica-se na duvida se o exercito mendicante, distribuido em aldeias, villas e cidades de Portugal, impressionou ou não sympathicamente a Guerra Junqueiro. Porque os seus versos não o cantam. E' como se elle o não commovesse, ou terminasse por indifferental-o, como succede aos mais.

Em Portugal, a miseria que commove, não é a dos mendigos, é a miseria dos que trabalham. E' o professor primario ganhando cinco tostões por dia para alimentar e vestir mulher e filhos; o trabalhador d'enxada, que cava das seis da manhã ás oito da tarde, comendo ao meio dia uma malga de caldo com batatas e, ás cinco horas, duas sardinhas ardidas com uma côdea de brôa, para ganhar dois tostões; o criado de servir, sujeito a uma especie de escravidão mais humilhante que a escravidão legal, porque sobre elle se exerce a auctoridade cheia de despeito e inveja dos que não podem mandar sobre outrem e não comprehendem a vida sem mando; as pobres raparigas tratadas a bofetões e ponta-pés, emquanto lavam, esfregam, correm, da madrugada ás onze da noite, comendo mal, dormindo num monte de trapos humidos e ganhando por mez mil e quinhentos ou menos. Miseria tal, quasi infinita nas suas modalidades tragicas, anonyma, desconhecida, desprezada, sim, commoverá a quantos, de sorpresa, a defrontem. E' a miseria sem recurso, sem esperança, que se eterniza silenciosa, num rude trabalho inglorio, do qual não sobra tempo ao menos para o desgraçado se queixar. Esta, mal a vêem. Se a deparam, é nalguma classe de representação social mais elevada, no exercito, no magisterio: lan-

çam-lhe duas palavras de pena passageira, se a não invejam; pois muitos a desejam e acceital-a-iam como a fecilidade completa sobre a terra.

A miseria mendicante passa, repassa, clama, choreja á vista de todos. E todos a deixam passar e repassar, insensiveis, como usurarios. Exemplo: na cerca da quinta visinha, a rapariga, que vem da aldeia, poisa a canastra das uvas. A' soleira do portão, um pobre homem aleijado, que passou o dia a pedir, vendo-a trepar e descobrir a canastra, diz-lhe:

— Dê-me a menina um cachinho, que tenho muita sêde.

Ella desce, com dous enormes cachos rôxos:

— Diga-me cá: se eu não passasse agora aqui, vossemecê não se ficava com a sua sêde?

— Sim, ficava; mas se a menina soubesse como eu tenho sêde...

— Pois tome lá — E atirou-lhe uns quatro bagos empoeirados que levantou do chão, emquanto mastigava gulosamente.

Mas o aleijado do burrinho preto era um caso extraordinario. Bastava verem-no, para aterrorisar-se. E, por medo religioso, e tambem por espirito de transacção com a justiça divina, pois que vinham a negocio, desfaziam-se de pequenas moedas, de nacos de pão, batata, cebôla, maçães verdes. No momento em que se achavam diante das duas pernas cruzadas em V, torcidas e vermelhas no fundo claro do lençol, tomava-os, a esses camponezes palreiros, um tremendo pavor. Estacavam, com os olhos esbugalhados sob o carreto e, depois, só as mãos

se moviam, para cascaviar, tremulas, no bolso uma migalha do que traziam. Durante esse movimento instinctivo, sahia de dentro a voz do aleijado, voz gemida, meio rouca, emittindo-se com intervallos de respiração anciosa:

— Dê-me, minha senhora, alguma coisa pelo amor de Deus. Dêem alguma coisa ao aleijadinho.

E não se calava até sentir silencio na estrada. O homem ficava de lado, com o braço erguido, sustendo a toalhinha, cabeça ao sol, o olhar duro.

— Ai, como é triste...

Punha-se a contar. Eram sete pessôas de familia. Veiu um dia o raio, matou cinco, pae, mãe, três filhos, deixando os dous outros entrevados, immobilizados para sempre.

* * *

O dia aquece. Não se póde fitar o saibro da estrada. Os camponezes tiram-se de ante o espectaculo assombroso com os olhos semi-cerrados e caminham incertos, a voltas entre os dous muros. E' este o dia maior da mendicancia na cidade e, para mais, lá de baixo, da Ribeira, sobem os rumores da feira franca, promessas de gente a passar com o saldo dos negocios. A' esquina, defronte um do outro, estão o Manuel Marceneiro e a Conceição. Manuel Marceneiro tem a mulher e a filha ao lado, e, junto ao portal, a cántara com agua e o saquinho das esmolas. Conceição sentou-se no meio das muletas deitadas em angulo. Anda pallida, traz os olhos num constante mover-se, fazendo-se muito brancos

de vez em vez sobre o casaco coberto de remendos côr de sangue. Vê-se além balançar a cabeça nervosa da Ernestina, uma que nasceu céga e mendiga, á mesma sombra de muro, naquelle desespero de cabeça, abanando com as mãos, ha trinta annos. Os de Vil de Moinhos, os d'Orgeus, os de S. Salvador, homens de paletó ao hombro e chapeu braguez, dão-lhe aos cinco e aos dez réis, para serem felizes na feira, e Ernestina promette-lhes responsos ao deitar. Ella os conhece ja, pelo falar: «E' o senhor João Marques, de Tondellinha...» «Sou eu, sim; tome lá...»

A voz de Ernestina gastou-se nesse pedir de trinta annos. Na de Conceição vibra uma musica de mocidade amortecida, onde impera a resignação quasi inconsciente dos que vão envelhecendo em infortunios sem remedio. Manuel Marceneiro fala só para agradecer, e fala baixo, com dignidade, porque foi um honesto artista e ainda deseja trabalhar. Porém as duas vozes femininas enchem com o seu clamor a claridade. Passa a carroça do quartel, aos solavancos, a dórna vasia cheirando azedo, oscillando e batendo; passa a tropeada dos burros, pequeninos, gingando ao peso das taleigas; passam mulheres conversando, cantando ou brigando, e o que se ouve sobre tudo, ás terças-feiras, dando uma alma de soffrimento á vida ambulante, ás coisas, á paisagem á luz, é aquella melodia tormentosa das duas velhotas virgens pedindo pão.

Desta vez, ellas emmudeceram. A barraquinha branca erecta nas costas do burrinho, a outra voz mendiga mysteriosa, que tantos se apressam em ouvir, dominou-as, fechou-lhes a bocca murcha. Nota-

se unicamente a cabeça de Ernestina, as suas magras mãos terrosas baloiçando-se á beira do caminho, e os olhos redondos de Conceição, olhos que talvez ninguem contemplou jamais com um pensamento d'amor, esbranquiçando-se para o vacuo.

A' tarde, a sombra da figueira recolheu, alongou-se, parte pelo muro, parte sobre o alfôbre da quinta. Então o guia desatrelou a barraca, desmontou o aleijado, deitou a albarda na erva e accommodou-o com calços nos ombros e nas cadeiras. Defronte, amarellecia uma vinha, os cachos raros mirrados, a diminuta garrulha deste anno com as suas parras doentes de nodoas rubras. Adeante, nos declives cultivados, sobresaiam as vastas quadras loiras dos milhos maduros. No horizonte, os pinheiros da serra fundiam-se na bruma cinzenta que precede o pôr do sol nestes começos d'outomno. Sentia-se na estrada o aroma dos figos inchados. Um bando de pardaes piava debaixo dum marmelleiro. E a luz que envolvia a tarde, era dum doirado tenue, suavissima.

Neste scenario tranquillo, as duas pernas ossudos do aleijado, agora visiveis inteiramente, erguiam o seu angulo vermelho. Do que elle era, viam-se apenas essas pernas retorcidas, os pés tortos, cujas plantas nunca assentaram no chão, e a cabeça, onde crescia um cabello ralo côr de linho e brilhavam dois olhos esverdeados, expressando fadiga, sob a pennugem dos supercilios. O guia afastara-se, a passo lento, beirando as oliveiras. O burro, livre, descan-

çava em pé com as orelhas mergulhadas numa restea de sol. Chegaram mulheres e garotos, — as mulheres a falar, os meninos olhando calados. Uma dellas, de queixo comprido e argolas d'oiro, approximou-se mais e submetteu o aleijado a interrogatorio. Sem o apparato da barraca, o terror que elle infundia, misturava-se de curiosidade:

— Você donde é?

— Sou de Gouveia.

— Você vê?

— Não, minha senhora, sou cégo. Dê-me alguma coisa...

Os pequenos olharam-lhe os olhos.

— Coitadinho. Que annos tem?

— Trinta e seis. Tenho trinta e seis annos. Dá-me alguma coisa, hein, minha senhora?

— Trinta e seis annos... E como se chama?

— Paulino. Chamo-me Paulino. Então, não me dá nada?

— Só se fôr um pedaço de pão, que é o que eu trago aqui. Quer?

— Quero. Tudo é esmola.

Ella metteu a mão no bolso da saia, deu-lhe metade do seu pão e foi embora sem mais palavra. Ficaram os pequenos, sós, continuando a fital-o sem nada dizer. Houve um minuto de silencio na estrada. O aleijado falou afinal, com raiva.

— Tirem-se dahi, meninos, tirem-se d'ahi!

Um dos garotos, vestindo um casaco de mulher que lhe ia até os pés, protestou:

— Você não disse que era cégo? Si fosse cégo, não via...

A voz do aleijado alteou-se, cansada, mas irada:

— Tirem-se dahi!

— E' cégo e vê...

— Tirem-se dahi, meninos!

O homem apontou na curva do muro. Os garotos olharam inda um momento o aleijado e retiraram-se para o pé do mirante, onde havia um resto de nozes verdes. Paulino, vendo-se só, a ouvir os passos do guia, que se aproximava, abriu a bocca, recomeçou a clamar, com as pernas tolhidas apontando o céu azul:

— Ai, quem tem pena do pobre aleijadinho — E anciou — Ai, foi um raio que o poz assim. Foi um raio que caiu na casa, matou pae e mãe, matou mais três pessoas, e ficaram dous irmãos, ambos queimados, ambos entrevados, pela graça de Deus e de nossa mãe Maria Santissima. Ai, quem me dá alguma coisa...

Domingo triste

Amanheceu um domingo clareado pelo sol menos frio destes primeiros dias de verão, um domingo de junho em Portugal, morno e vasio. O domingo, em toda parte, em Paris como em Mamanguape, assume este ar de festa e repoiso, uma grande calma nas coisas e um mais fundo sentimento da vida nos seres. Queremos, por isso, o nosso domingo cheio de silencio, se precisamos descançar, movimentado, folgazão, se preferimos divertir-nos. Eu, porém, á sombra desta parreira patriarchal, não desejo nem a folia ingenua das creaturas alvorotadas, nem minha

rêde do Brasil. Desejo matar o tempo com a leitura ou com a paizagem, para tirar-me de mim.

E' meio dia, com uma vasta curva de céo pallido e quente. No horizonte fez-se azul a serra do Caramulo; os pinheiros tambem mergulharam numa nevoa azulada. O vento sopra as macieiras e levanta do caminho o palhiço secco do centeio. Descançam na eira os gastos mangoaes em féria. Uma borboleta voga no morangal em flôr. Canta á distancia um cuco. Pela estrada deserta ergue-se d'ora em quando uma nuvem de poeira. O mais é vacuo, monotonia. Retomo **As desencantadas**, de Pierre Loti, para concluir. Este livro excessivo de colorido e minucia, correndo trezentas paginas sem acção entre os cemiterios e as mesquitas de Constantinopla, fecha tragicamente. Vira-se a ultima pagina malquerendo o romancista pela impressão profunda de tristeza que elle nos influe ao findar. Agora o dia peorou: é-me preciso esquecer as três jovens circassianas de véo negro. Esforço-me em ouvir canto do cuco. A luz tornou-se mais intensa; o céo esbranquiçado encandeia; batem as folhas ventiladas sobre a minha cabeça. Olho o pinhal, e o que vejo na penumbra, é a figura infeliz da pobre rapariga envenenando-se com um toxico arabe que mata dando a illusão do amor. Que dia longo!

— Não vai á Sé, snr. doutor? Ha lá hoje grande festa, com três bispos.

As duas torres negras da Sé recortam-se no céo alvacento. O sino grande badala solennemente. E' verdade, lá dentro estão três bispos, a quem o povo festeja pensando que glorifica á Virgem Maria; e

elles mesmos, concorrendo á ceremonia, se servem do culto, da credulidade do povo para affrontar a Republica. Todos se illudem. E' uma festa politica, uma festa monarchica com a intenção, em parte, as apparencias, a pompa commovente das festas da Egreja.

— Não, não vou, snra. Maria.

O sino continua a vibrar. Cala-se emfim, mas fica no ar um som demorado, ondulando e amortecendo lentamente. Então o silencio cresce, o horizonte é mais largo, o Brasil mais distante. Surgem lembranças, nitidas, actuaes, no domingo aquecido: um quadro da infancia, o rio, rolando a agua ludra entre as ribanceiras, sob o velho ingá sombrio; um episodio da Academia, o collega que achou café moido na sua caixinha de tabaco; amigos, cidades, viagens; a bahia de Guanabara, tão tranquilla e azul, um transatlantico entrando vagaroso em meio ás fortalezas e a bandeira auriverde tremulando á ventania no cimo do Pão d'Assucar. Tudo, porém, finda por afastar-se e fundir na idéa da circassianazita bebendo o toxico arabe que mata dando a illusão do amor. A visão triste domina todas as mais. Que mal nos fazem os romancistas quando nos tentam agradar expondo os aspectos dolorosos da vida, como se a vida fosse sómente tristeza, decepção, vicio e morte!

Da banda d'Abravezes, onde a capella caiada brilha ao sol, vem a pancadaria rithmada dum bombo. E' a romaria, são as raparigas a dançar debaixo das carvalheiras. Bumba! Bumba! Bum! O calor augmenta, o tempo vai preguiçoso, as folhas bolem devagar. Bumba! Bumba! Bum! Entardece. As coi-

sas, que, pela manhã, se accusavam mais patentes, mais vivas no seu trajo de luz dominical, parecem agora apagadas e distanciadas. O pinhal fez-se uma mancha irregular no céo esbranquiçado; a serra, uma barra nevoenta aproximando o horizonte; o saibro da estrada tem pontos scintillantes. Prefere-se fechar os olhos. Mas não se dorme. Bumba! Bumba! Bum! O bombo enche com o batuque longinquo a redondeza, a cidade somnolenta, os «povos» apaziguados. Com repetir-se, monotoniza-se. Ora se ouve, ora se não ouve. Toca sempre, passa minutos esquecido, e, como póde accentuar a monotonia da tarde, produz uma calma resignada, quasi doce. Bemdicto sejas tu, bombo de romaria, que me consolaste com o teu som duro de coiro batido. Bemdicto, porque fazes esquecer e adormecer. Bemdicto, porque a tua musica não é triste nem alegre e te afunda, ás vezes, tu mesmo, no esquecimento. Esse continuado zabumbar afoga as proprias fortes imagens da leitura de Loti. Não é mais a rapariga desmaiada na sua cadeira, apertando, no gesto final, uma carta de paixão. Vejo-a, ao contrario, descendo a corrente num caique, a face mysteriosamente escondida no véo caracteristico das mulheres turcas. Como é bonita no dia em que rompe o incognito e mostra os olhos castanhos intelligentes! Que riso saudavel o da sua bocca vermelha!

Um guincho agudo na vizinhança. Outro. Mais outro. Aquillo não para. E' o Cid que mata um porco. O desgraçado grunhe desesperadamente. E não ha mais bombo que se sobreponha aos gritos do misero animal esfaqueado. Parece que o proprio bom-

bo de Abravezes grunhe. O grunhido ganha a paizagem, penetra a luz, espalha-se na tarde calida. Não rompe de sobre um banco do oitão do Cid degradado em porqueiro. Sobe do pinhal, da Serra, das macieiras, da torrezinha branca, da agua quieta do tanque, de toda parte. Generalizou-se, invadiu-me. Que saudade do Brasil!

A VELHA CIDADE

A velha Cidade

A terra de Viriato

A' vista das serras verdejantes do Caramulo, de Santa Luzia e da Estrella, que as nevoas da manhã e do anoitecer cobrem perennemente de espsso véu azulado, a velha cidade vive uma vida de recordações, agitada, no trabalho e na politica, pelo rumor dos romances locaes, que o gosto, o habito do commentario transfiguram em melodrama ou comédia. Desde as aldeias distantes, da portinhola do comboio, dos autos, dos carros da carreira, vêem-se as duas torres da Sé, curtas, encardidas, projectando-se no céu desmaiado; aproximando, por sobre os cabeços e mattagaes, as da Misericordia, as de Fontello e S. Sebastião, mais esguias e novas, surgem de permeio aos sobradões pardacentos cujas vidraças deslumbram nas horas do sol.

E' Vizeu. A Sé demora no cimo dum outeiro e é o centro da antiga povoação, que cobre a encosta de ruasinhas construidas á moda medieval, assobradadas e estreitas, como se obedecessem á intenção de encurtar a cidade para não alongar a muralha. Esse bairro contrasta com o bairro moderno de Maçorim, onde se abriram avenidas, e as moradias, ajar-

dinadas, corridas de janellas e varandas floridas, olham as hortas e quintas dos arredores, aspirando o aroma dos jardins.

Nas visinhanças da Sé, o piso das ruas tem no meio, abrandando o empedramento e supprindo as calçadas, um largo passeio de lages, que os transeuntes preferem, maldizendo, em defesa dos sapatos, a brita grossa dos lados.

Deixando-se as alamedas amplas, claras, arejadas de Maçorim, a cidade velha espanta pelo acanhado e escuridão das suas quelhas, a extravagancia da architectura, a porcaria e máo cheiro de tudo.

De quando em vez depara-se com uma ruina de casa senhorial; as frontarias com brazão mostram-se numerosas; resiste, numa curva de ladeira, o paço onde nasceu el-rei D. Duarte, uma torre quadrangular, pintada a ocra, com uma janella gothica na altura do segundo andar e, ao que corre, sem entrada certa. Na rua Direita, que é, segundo a regra, tortuosa e ladeirenta, está um sobrado de frente abaulada, capaz de desafiar a engenharia que discute a torre de Pisa. Outros sobrados, do segundo pavimento para cima, saem do nivel um metro, como para simples sacada, e, nesta linha, sobe galhardamente a parede até o algerol. Est'outro abre só por uma porta de arco ogival talhado no granito. Aquelle foi apenas fenestrado — tem tres janellinhas de tamanho diverso, a primeira quasi rente ao angulo do edificio, e as duas mais, pequeninas, irregulares, cavadas á tôa. Conservam-se ruas, sujas, humidas, sem luz, das quaes se poderá tocar nas paredes fronteiras alongando os braços para os lados.

Aqui se encontram três andares na altura em que hoje se construe um só. Uma fachada contem um nicho, com o santo pintado a cores vivas dominando os telhados visinhos. Adiante, um muro altissimo sustenta um relevo de pedra formando cruzes enormes. Este solar termina pela capella. Perto do largo da Sé, ha um predio de cinco andares affrontando outros, muitos, que fazem pensar em casas adaptadas para uma raça de anões. Em certas vielas as portas figuram antes entradas de antros. Desembocam para uma negridão de quartos calçados a lagedos, baixos e churdos, com grosseiras escadas de pedra levando aos insalubres aposentos superiores onde a claridade entra egualmente escassa. Pelo calçamento as crostas da sujeira se eternisam, a par das manchas de bagulho e despejos que, nas depressões, empoçam como algares. Na terra do heroico pastor parece escolherem-se os sitios tradicionaes, cantos de muros seculares, os arcos contemporaneos das pugnas mais honrosas da cidade, os traços architectonicos dum passado digno da poesia evocadora de Herculano, para as utilidades mais sordidas. Não ha logar destes que não tenha sido promovido a latrina. Os camponezes, a arraia-miuda defeca pelo pé das paredes com a maior semcerimonia. E tresanda por tudo, conjunctamente, um pesado fedor d'excremento humano e bosta d'animaes. Porém, abandonando a meada de beccos e vielas, inda na encosta, para as bandas da Cava, da trincheira historica de Viriato, para os lados d'Abravezes, e, ao contrario, desandando sobre o Rocio, os casarões quadrados eternizam-se num cerco de flores

e perfumes ao ruido da agua das fontes caindo pelos tanques de granito, com os mirantes saudaveis a espiar, da sombra dos buxeiros, os descampados do valle e os cabeços dos montes cobertos de pinhal.

A Sé

No cimo do monte mais alto da cidade a Sé envelhece dominando as estreitas ruas do bairro medieval, que cobre a encosta. A sua torre da esquerda conta sete seculos. A outra concluiu-se quatrocentos annos depois. A frontaria, que apresenta, como toda a construcção, uma alliança sem bellesa dos estylos gothico e manuelino, gastou tres decennios em ser restaurada: recorta-se no céu distante em pedra ennegrecida cavada de nichos que ostentam estatuas de marmore, e abre por uma larga porta com grade de ferro, terminada num arco redondo acaçapado. No sitio do claustro pequeno, tão elegante com a sua arcaria, os seus capiteis, cimalhas e o remate de columnas jonicas, erguia-se, outrora, a residencia do conde D. Henrique e sua mulher, que fundaram o templo primitivo numa das capellas de em volta. O claustro grande, edificado em 1534, assenta em alicerces do paço dos reis de Leão e das Asturias. E a sala do Cabido, dois seculos mais nova que o claustro, cobre o logar da casa que habitou S. Theotonio.

Começada por uma simples egreja piedosamente levantada pelos paes do fundador da monarchia, a Sé foi ganhando terreno e magestade, á medida que crescia, sobre o recuo da moirisma e, mais tar-

de, o de Castella, o poder da christandade. Primeiro se desdobrou em outras egrejas menores. Depois resurgiu adeante com as proporções monumentaes duma obra extraordinaria. Subiu, alargou, coroou o morro historico e, como lhe era preciso mais espaço, pois a fé se tornava mais pomposa, extendeu-se pelo poiso dos reis, dos heroes e dos santos.

O templosinho do conde de Borgonha acompanhou Portugal nas suas conquistas, desenvolveu-se com ellas. Ao tempo do Condado Portucalense consistia numa egreja modesta plantada num cerro da Beira Alta, animando e consagrando os feitos das hostes christãs victoriosas sobre os moiros. Quando o filho de D. Tareja se fez o rei de Portugal independente, tambem cresceu o templosinho votivo do Conde D. Henrique. E não mais deixou de augmentar a então pequena Sé de Vizeu emquanto a aventurosa Lusitania se engrandecia. As conquistas em Africa, na Asia, na Oceania, o oiro do Brasil, a dilatação do dominio nacional, assignalando eras de gloria e prosperidade, offereceram á Sé os recursos materiaes.

Uma a uma, as épocas notaveis de Portugal, triumphos, os accrescentamentos de gloria e de riquesas reflectem-se nos progressos desse monumento de pedra religiosa. O reinado de D. João I, quando mestre Affonso Domingues corporificava o seu sonho magnifico do mosteiro da Batalha, levou-lhe, com o animo dos empreendimentos congratulatorios, arcadas, relevos e sumptuosidades de arte gothica á sua severa architectura. Nos dias venturosos do rei D. Manuel, reedificou-se o coro e a abobada.

A phase dos descobrimentos inspirava os bispados. Depois das reformas de D. Diogo Ortiz de Villegas, D. Nuno de Noronha espraiava, já descendo a encosta, o paço episcopal e o seminario num grave casarão. Assim, até a dominação de Castella e, para além, até á dominação de Pombal, a Sé desenvolveu-se, enriqueceu. Quando desappareceu o illustre ministro, representava o esforço das gerações numerosas que pelejaram pela unidade e independencia nacional, envelhecendo, na sua postura definitiva, como um symbolo da patria. Ao lado de Collegio e da columnata da varanda livre, a frontaria sombreava o adro arenoso, mirando as duas torres da Misericordia. Dentro, a nave cruciforme alinhava enormes columnas sobre os tumulos dos bispos e dos bravos. Debaixo desse piso de sepulturas um lençol d'agua era contido em funda cisterna, sem ao menos comprometter a segurança da massa monstruosa. As columnas projectavam-se, entre azulejos esplendidos, até a arcaria do tecto, em cujos angulos corriam grossas cordas de granito que nós artisticos, aqui e além, enredavam. Aos fundos, um alcacer gigantesco, com sacadas, mirantes e custosa escadaria exterior talhada em altos blocos de pedra, hospedava os reis. Nas capellas, nos altares, no côro, por toda parte, a magnificencia dos doirados, os lavores de talha refulgentes, bordaduras, minucias que a arte christã da Edade Média espalhou nas cathedraes da peninsula, faziam pensar em raras energias, nas grandes raças que produziram o Infante, Vasco da Gama e Luiz de Camões.

A's invasões moiriscas, ás guerras, saques, in-

cendios, a tudo, pela só imponencia do seu prestigio espiritual, resistira a Sé de Vizeu. O bispado, que Affonso Henriques restaurara, durante seculos accumulara preciosidades nos objectos do culto: adquirira tecidos raros do Oriente, paramentos de grande pontifical, imagens de marfim maravilhosas, como o Christo da altura dum metro esculpturado numa peça unica, a cruz de prata macissa tres vezes mais alta que o Christo; cofres, calices, relicarios, corôas, tudo de prata ou de oiro; a custodia do seculo XVI, deslumbrante no seu acabamento gothico; missaes valiosissimos, livros de canto-chão em pergaminho; a estante de bronze fundido, que o côro retem, a par da bancada de castanho, figurando um pelicano; o orgam a alongar os seus pistões brancos de em meio a duas columnas; um quadro do seculo XIII, e mais de trinta taboas geniaes de Grão Vasco.

No momento em que as tropas de Napoleão entraram na cidade ávidas de rapina e saque, muita dessa riquesa houve de ser escondida. Duas columnas de nave são vasadas. Quanto foi possivel conduzir e passar nas discretas aberturas, metteu-se nessas columnas providenciaes. A Sé possuia um segredo, segundo se sustentava e inda hoje refere a crendice beirã. Aquillo que passasse as columnas e chegasse ao subterraneo, estaria guardado e inattingivel, com a condição de ser fechada a portinha do segredo. Uma vez trancada essa portinha mysterosa, ser vivo não penetraria o subterraneo, visto não chegar la o ar... Arrecadadas as alfaias principaes, o sachristão da Sé puzera no bolso a chave do segredo, fechára-se com ella na escura nave e,

fielmente, puzera-se a guardar as doze estatuas dos apostolos, que eram de prata, com corporatura de homens. Mas os soldados franceses arrombaram a larga porta da Sé, mataram o sachristão e, sem atinar com as riquesas, pois que as restantes jaziam em outros esconderijos protectores, levaram-lhe os apostolos de prata. A chave desappareceu com o cadaver. E inda hoje la estão sepultadas no subterraneo as famosas alfaias...

A imaginação beirã dá-lhes proporções phantasticas.

Quando o pintor Almeida e Silva dirigia, ha vinte annos, a limpeza interior das naves, cujas columnas um bispo extravagante fizera caiar de branco, brocando a pedra para melhor imprimir a caiadura, lembrou-se de devassar o subterraneo. Era mais uma tentativa — dizia elle ao cura... O cura concordou. O pintor ergueu uma alta escada e subiu até a bocca duma das columnas, com um gato amarrado a uma guita. Assistiam estudantes do Lyceu. Almeida e Silva deitou o gato. Poucos segundos depois a guita deixou de estremecer-lhe na mão. O gato havia morrido. O insuccesso dessa tentativa confirmou a lenda da ausencia de ar no subterraneo e mesmo no vacuo das columnas até que se encontre o **segredo** da Sé.

Hoje, a Sé de Vizeu, menoscabada pela reacção republicana, não passa dum negro monumento de cantaria evocativa. Depois de serem despedaçadas mesmo as cruzes toscas dos cemiterios das aldeias, a bandeira verde e vermelho, nos dias de commemoração civica, affronta-a tremulando defronte entre

as duas torres da Misericordia. Do valle, das estradas, dos povos proximos vê-se aquelle panno revolucionario batendo, ao sopro dos ventos da serra, no ferro sagrado de uma cruz secular. Os democratas victoriosos desdenham transpor a larga porta veneranda. As solemnidades catholicas realisam-se no recolhimento dos cultos prohibidos. Pela porta principal já não entram os bispos trajando as suas vestes rôxas imponentes. A Republica impoz-lhes o trajo civil: elles atravessam o adro a pé, empacotados num casacão de lã preta, como qualquer velho rheumatico. Só as mulheres, associando o sentimento religioso ás theatralidades da moda, vão impavidamente resar e ser vistas nas missas dominicaes. Isso concorre para a prisão dos maridos ao fim das conspirações. Porém, á tarde, quando o sol começa a descer por traz das mattas de pinheiro, uma longa sombra pacifica deita-se no pateo areiento. Os occasos de verão doiram-lhe as torresinhas tisnadas. A luz derradeira do crepusculo deixa-lhe, acariciando-lhe a negrura dos angulos, um doce brilho rosado fugitivo, emquanto o velho relogio, apagando-se nas primeiras sombras da noite, marca as horas de irreverencia e esquecimento. E' nessa hora sentimental que eu prefiro subir o morro historico e atravessar o adro deserto. Então a Sé, coeva da nação, olhando a cidade medieval e os campos socegados sob o fulgor das estrellas, recorda-me o Portugal dos Lusiadas melancolicamente perpetuado numa illustre, saudosa memoria.

Grão Vasco

Segundo as investigações pacientes do historiographo sr. Maximiano d'Aragão, o grande Vasco Fernandes, o maior pintor portuguez de todos os tempos, nasceu em Vizeu, trabalhou trinta annos a sua nobre arte e morreu obscuro em Thomar, sem que ao menos lhe ficasse a memoria duma sepultura conhecida. Seu nome andou confundido ao do fidalgo Vasco Fernandes do Casal. Deram-lhe varios appellidos: ora Carvalho, ora Manoel, ora Casal, e a mesma insigne individualidade do artista, realçando a obra vastissima de pintura christã espalhada nas egrejas e conventos portuguezes, dous seculos após a morte delle, ennevoava-se num mytho, que só os estudos completados por seu illustre conterraneo vieram definitivamente esclarecer.

Remexendo, nos armarios do archivo da Sé, a papelada dos livros de praso, o sr. Aragão descobriu, sobre a vida de Grão Vasco, o com que provar o nascimento e permanencia delle na terra do berço. Grão Vasco casou com Joanna Rodrigues, uma senhora do Almargem, povoação á direita do Vouga. Teve dous filhos, Beatriz e Miguel. Foi emphyteuta duma casa sita á rua da Regueira, no logar da residencia de D. Julia Brandão, filha dum heroe do cerco do Porto, Manoel Joaquim Brandão. Caiu ainda em seu poder a vinha do Pesseguido, trazida pela esposa, na possesão d'Orgens. A sua casa da Regueira pagava ao Cabido da Sé o fôro annual de 60 réis e dous capões. Depois de morto Grão Vasco, em meados do seculo XV, por a viuva não

ter com que pagar os tres vintens e os dous capões, tomou-o a sua conta o conego Touraes, e a casa passou emfim a Amadiz Tavares, meirinho da Correição.

Mas, esbatida embora nos longes duma lenda carinhosa, a tradição, que o mesmo arguto pesquisador colheu, resa que Grão Vasco era filho dum moleiro, nascera numa choupana ao pé dos moinhos paternos inda agora conhecido por **Moinhos do pintor**, vivera pobre a ponto de não poder pagar ao Cabido o foro dos tres vintens e dois capões, morára cerca da egreja de S. Miguel, em cuja nave fora sepultado o ultimo rei godo, e fizera, na sua arte, prodigios que emparelham com outros semelhantes do genio de De Vinci.

A bemfadada choupana erguia-se no fundo dum valle, cercado de rochas e pinhaes, á beira da torrente que empurrava a mó do moinho de pedra. O moleiro moía trigo para numerosa freguezia de Vizeu, especialmente para certo fidalgo. Era o pequeno Vasco o almocreve que todas as manhãs ia, tangendo um burro carregado de taleigas, entregar o trigo aos freguezes do pae. Suppõe-se que havia em Vizeu uma escola de pintura. Os quadros existentes nas egrejas impressionavam-no. Vasco prendia o burrico e folgava da recovagem indo, coberto de pó, estudar e namoral-os. Com a migalha das gorgetas comprava tintas; nos vagares do trabalho, pintava. Nesse penoso alvorecer do seu genio fez coisas maravilhosas. Pintou, numa adega, um Baccho pançudo escanchado numa pipa. Certa vez pedira-lhe esmola uma mendiga: elle pintou nacos de pão e ce-

bolas num pedaço de panno e entregou-lh'o dizendo que o vendesse e tomasse para si o dinheiro. As cebolas e os nacos de pão deram dez moedas á mendiga. O professor de Vasco habituara-se a jantar descalço. Uma tarde em que mais sentiu andar sempre descalço, aproveitou, no **atelier,** a ausencia do mestre, bifou-lhe os chinellos e pintou outros no logar delles. A' volta do jantar, indo apanhar os sapatos, sem haver dado pelo engano (tão perfeita era a pintura), o mestre apenas melou o pé numa pouca de tinta fresca...

Mas o moleiro não concordava com essa mudança do filho. Queria-o almocreve e moleiro, como elle, entre a choupana do valle e os freguezes de Vizeu, e zangava-se com o desleixo em que ia o rapazelho desmedrando. Porém um dia Vasco pintou-lhe um burro á porta do moinho. Ao ver a pintura, tomou-a o moleiro pela realidade: viu nella simplesmente o burro das taleigas exposto ás moscas e, irritado, ralhando, foi tangel-o para a loja, quando viu, espantado, que a vergasta apenas flagellava as taboas da porta. Só então comprehendeu o talento do filho. Correu ao paço do fidalgo e contou-lhe o caso extraordinario. O fidalgo tomou conta de Vasco e mandou-o estudar pintura no extrangeiro.

Durante a viagem, Vasco achou-se um dia na miseria, como succedera ao peregrino de Perugia. Foi ter á casa dum pintor. Pediu-lhe trabalho. Aquelle desconhecido esfarrapado mereceu-lhe a minima attenção. Só por piedade lhe deu o que fazer. Inda como outro pintor fizera ao Perugino, deu-lhe tintas a moer. Em certa occasião entrou no **ate-**

lier e pintou uma mosca em pleno rosto d'uma figura. Quando o pintor descobriu a mosca, tentou enxotal-a... E não pode abraçar ou castigar o hospede engenhoso, porque Vasco havia fugido...

O pequeno almocreve, o humorista do burro, dos chinellos e da mosca, tornado á terra natal, enriqueceu sua patria de quadros notabilissimos, engrandeceu com a bellesa das suas taboas as egrejas, os conventos, a Academia de Bellas Artes de Lisbôa, as galerias da nobresa, e, na serie das trinta e quatro composições valiosas conservadas na cathedral da cidade, deixou as taboas de castanho do S. Pedro, que honram Portugal bem mais que a fama das conquistas de seus navegadores e guerreiros. Eu vi o S. Pedro uma manhã, incitado pelos olhos azues duma creança, que brilhavam simultaneamente de admiração e pavor quando ella me falava do «bispo» da sachristia. Essa creança confessou-me que o «bispo», com aquelle olhar vivo e fito, lhe fazia medo. Conta-se um episodio romanesco do pintor Antonio José Pereira com o S. Pedro, de Grão Vasco. Antonio José Pereira fizera-se um conhecedor meticuloso dos segredos picturaes. Nos seus passeios pelas antiguidades de Vizeu encontrou e adquiriu uma taboa encardida, breada de crostas escuras em cujos intervallos se descobriam signaes duma velha pintura. Empreendeu revelar o mysterio daquelles seis pés de castanho centenario. E revelou-o. Da taboa desvalorisada resuscitou a composição dramatica do **Calvario**, com esta assignatura tão preclara — Vasco F. R. Z. Pereira não se dava ferias. Já edoso, tendo tolhida a mão direita, pintou

com a esquerda os retratos do letrado Manoel José d'Almeida, do sabio Oliveira Berardo e de João Mendes, que Thomaz Ribeiro classificara typo de bellesa appolinca. Mas o seu sonho maior, a tarefa magna da sua finalidade artistica, foi copiar o **S. Pedro,** tal qual o acabara Grão Vasco. A. J. Pereira tinha um filho padre, que era fiel do Cabido. A paixão do pintor, dia a dia, augmentava. E tão forte, fervorosa se lhe arraigou na alma, que irradiou e se communicou ao ministro de Deus. Então pae e filho, combinados, servindo-se dum processo que fazia reproduzir o quadro com as suas dimensões, difficeis traços e pormenores, applicando-se lhe uma tela embebida em substancias chimicas apropriadas, obtiveram a copia. A brava tentativa satisfez o sonho do pintor. Algum tempo corrido, expunha elle outro **S. Pedro,** onde se reflectiam os encantos do **S. Pedro** primitivo. Mas, depois do contacto da tela impressionavel, o **S. Pedro** de Grão Vasco apresentava manchas que a depreciavam, tornando preciso recorrer a um retoque, que, mais tarde, outro illustre pintor, Oliveira e Silva, beirão tambem, magistralmente realisou. O caso, entretanto, divulgou-se pela cidade como um sacrilegio. A maledicencia apanhou-o nas primeiras timidas murmurações, deu-lhe vulto, e os estudantes do Lyceu, inspirados num movimento vingador, esperaram o filho de A. J. Pereira á porta da Sé, vaiaram-no, atroaram o bairro de protestos e apressaram-lhe a demissão de fiel do Cabdo.

Atravessando a arcaria da nave para ver o **S. Pedro**, lembrava-me a exclamação a Racsinski, autor de **Les Ars en Portugal**, e um juizo arrebatado do critico Natouche. Ao defrontar o quadro de Grão Vasco, o fidalgo prussiano estacára, resumindo a sua admiração neste verso dos **Lusiadas**:

Cesse tudo que a antiga musa canta.

E Natouche, tendo escripto, com uma eloquencia divinisadora, que «nem na presença da **Madona** de Raphael, nem das grandes pinturas do Vaticano, ou dos frescos da Capella Sixtina, sentirá com tanta força que estava em presença dum genio raro e poderoso», concluira que o **S. Pedro**, é «um dos seis ou sete principaes primores de arte do Mundo». Mas, quando me vi diante do olhar do **S. Pedro**, olhar humano e palpitante para a minha visão extasiada, pensei na creança d'olhos azues, a quem aquelles olhos de tinta feitos ha quatro seculos infundiam terror.

Os olhos de **S. Pedro** encaram-nos duma face do arabe moreno, com severa doçura. O chaveiro do çeu está enthronisado. Pesa-lhe na cabeça, bem cingida e geitosa, a tiara papal. Cae-lhe dos hombros a casula riquissima do sacerdote maximo da Egreja. Descançam-lhe sobre os joelhos os santos evangelhos. Tem, á mão esquerda, erguida, a chave da celeste morada, e a dextra detem-se parada, num gesto d'esquecimento, completando a serenidade imperativa da physionomia.

Considerada historicamente, a composição de Grão Vasco é paradoxal. Na sua phantasia,

o pescador de Tiberiada apparece trajando as vestes sumptuosas do papa; a potestade explende-lhe duma curul pontifical, cujos ornatos, por culmulo de desencontro chronologico, são nada menos que os anjos montados em dragões da cadeira principal inda existente no côro da Sé. A cidade, vista ao fundo, lado direito, é flamenga, mostra as empenas triangulares, á maneira de degráos, que ainda se vêm em Bruges. Nas columnas, que são corinthias, facilmente se notam irregularidades, desproporções consideraveis. A paisagem é de Flandres, isto é, transplantada da pintura flamenga quinhentista. E **S. Pedro** calça luvas.

Diante da obra prima de Grão Vasco, considera-se tudo isto e fica-se, no entanto, sem animo para a abandonar, parado, enlevado.

E quando se reflecte que o **S. Pedro** foi pintado no seculo XV, numa época em que s. santidade dominava espiritualmente a Europa, e Perugino, não influenciado ainda pelo seu discipulo Rafael, nem combatido por Miguel Angelo, dominava a arte com a sua pintura sagrada cheia tambem de contradições, tudo se justifica ao pintor portuguez. De resto, os seus contemporaneos da peninsula foram attrahidos pelo estyllo, a technica flamenga, que então fazia escola em todas as Hespanhas.

A figura de **S. Pedro** representa o poder papal, destacando-se da cidade negrumosa, das finas columnas, da paisagem, do proprio throno; os detalhes secundarios apagam-se, numa como penumbra, por traz da tiára, e o que avulta, é o santo, ou papa, ou symbolo, immortalisado no seu extraordinario explen-

dor. Porque, S. Pedro, papa, arabe trajando vestes pontificias, seja qual fôr a significação convencional, é bello. Toda a paixão esthetica do inda agora mysterioso Grão Vasco se produziu nelle. Ha um sonho magno de creação no grande quadro, e comprehende-se que, querendo objectivar esse sonho, toda a paciencia e affecto do artista creador se esmeraram, como para attingir o ideal supremo, definitivo dum genio. No olhar, onde, com assombro, estacam os mais ingenuos, sente-se palpitar a visão profunda de certas figuras de Rembrandt, descobre-se uma ancia infinita d'expressão, que fosse a synthese, a finalidade dum espirito excepcional. A chave salienta-se admiravelmente, parece esculpida; a sua sombra rivalisa com a realidade. O claro-escuro, leve, suave, natural, ganha o trabalho inteiro, insinuando-se ainda nas imperfeições architectonicas. No panejamento, realçam minucias delicadissimas. Ha trechos, na casula, que se confundiriam talvez com o tecido.

O pintor muito se exercitára nessas particularidades paramentaes. Quando começamos a observal-as, queremos afastar a illusão, descobrir os traços do pincel, o segredo scenographico enganador, e nada mais se nos accusa que um primor de tecidos raros, uma harmonia de colorido encantadora.

Demorava eu a minha deslumbranda impressão ante as taboas felizes da sachristia. Entrou um padre magro e alto. Abeirou-se da commoda, poz-se a desparamentar-se. Entrou depois uma rapariga, alta, magra tambem, e pallida, com olheiras. Cochichou na orelha do padre. Elle ouviu de vista baixa, e, imme-

diatamente, ambos desandaram para o corpo do templo. S. Pedro, que tudo olha, via-os sair. E os seus olhos severos seguiram o nervoso par até que as duas esguias creaturas desappareceram na abside.

Evocação

Uma noite, ao luar, contemplando, no mirante da quinta, sob a nogueira que sombrêa a estrada, a cidade silenciosa, tão escura de encontro ao céu desmaiado, evoquei os feitos antigos dos serranos da Beira.

Das cercanias da Cathedral, daquelles paços esquecidos e arruinados, sahiram os cavalleiros da Edade Média para as pugnas sangrentas da patria e da fé. Por estes valles e cerros adormecidos, nos soutos sombrios e nos descampados dos arrabaldes, durante seculos o tropel dos ginetes ajaesados sorprendeu e espantou a matinada. As sombras onde o aldeão agora dorme a sua sésta de pobresa resignada, acoitaram homens d'armas, estandartes que voavam por cima de armaduras e morriões, lutadores moiros e christãos, suevos, romanos, gente de Leão e Castella, resfolgando o cansaço das batalhas. O oiteiro de quelhas mal cheirosas foi o bairro fidalgo de Ordonho II, que, num dos solares certo já desapparecido, installou sua côrte faustosa arrebatada mais tarde pelo famoso Almansor, o capitão dos moiros castelhanos. As muralhas, de que pouco resta além da chronica vangloriosa, detiveram outro rei de Leão, Affonso V, que uma setta matou na tropelia dum cerco. Os ventos da Beira sopraram, pelos

penhascos e faldas de entre o Caramulo e a Serra da Estrella, na ponta de lanças ensanguentadas, nas capas, nos pelotes desfarçando cotas de malha que resguardavam o peito dos guerreiros, assobiando com a furia dos zagalotes e peloiros. Por noites estrelladas, a via-lactea, que, neste anno de ventaneira e trovão, se espelha na aguas quietas do Pavia, passou, em reflexos, sobre as laminas mortiferas.

Os carreiros, os ervaçaes, a urze, o tojo, eram familiares das esporas doiradas e repoisavam dos contactos do sol com a fôrma dos sapatos de ferro e das grêvas, aqui calcados na pata de corceis, adeante molhando-se no sangue das victimas.

Toda a verde serrania convisinha a Vizeu é o antigo scenario épico de guerrilhas em que os proprios soldados romanos se vieram bater e só pela traição e o assassinato, puderam triumphar de um simples pastor de quem a paixão do solo onde nascera fez heroe.

Pelo tempo da moirisma e, depois, nos dias máos das invasões d'Hespanha, os seus muros não dormiam tranquillos, a espada dos cavalleiros não se embainhava segura de uma féria duradora.

A setta que matava Affonso V, influia em seu genro Fernando, o **Magno**, uma sêde de conquista e de vingança crudelissima, e suas hostes afinal, arremessando-se em nome da Cruz, tomavam a cidade.

As victorias, os triumphadores, conquistadores, reconquistadores succediam-se. Cada um delles cuidava de reconstruir as fortificações destruidas no ultimo combate. E desta sorte, a cidade, gloriosa,

saqueada, incendiada, mais resistindo sempre, via escoarem-se gerações de fidalgos nas suas quadrellas e trincheiras temerosas.

Um dia, os hespanhoes corridos de Aljubarrota, encontrando-a meio abandonada, porque os nobres vassallos d'el-rei se tinham partido para a guerra, saciaram nos habitantes de Vizeu aquelle furor carniceiro que, no campo da honra, não puderam realizar as suas espadas fugitivas. Mas D. João I, o **Defensor do Reino,** soube recompensar em homenagens o que a terra de Viriato perdera nas victimas immoladas á sanha de Castella. Reuniu duas vezes as cortes portuguezas deante da cathedral, e, quando lhe aprouve galardoar o grande infante D. Henrique, foi Vizeu o ducado que imaginou condigno dos serviços e merecimentos daquelle que creára, em Sagres, a escola de navegação donde as primeiras timidas caravellas se aventuraram aos mares desconhecidos.

O desastre em Africa, que, com as lembranças tristes de D. Sebastião desapparecido, arrefeceu no paiz os surtos arrojados, trouxe á valente cidade a decadencia e o desanimo. Mais tarde, a dominação d'Hespanha vergou-lhe o resto d'impeto varonil assignalado em tantas lutas. O orgulho das nobres façanhas definhou nas humilhações do dominio extrangeiro. As espadas enferrujaram-se nas quadras empobrecidas, e a só lembrança dos seus feitos, repetidos nos serões pelo inverno, lhes dava o fulgor e a força de brandir e cortar nas carnes moiras e castelhanas.

Na hora em que as tropas de Napoleão lhe transpuzeram as portas desguarnecidas, havia no bairro

medieval sobras de fidalga vaidade a fermentar orgulhos de familia, e as derradeiras alfaias da Sé — traço de um bispado muitas vezes secular, eram escondidas sob a campa dos guerreiros.

Vizeu d'agora

A Vizeu onde estou, cidade de reminiscencias e contrastes, vivendo entre formosas serras verdes, abriga uma população conservadora animosa na politica e no amor, inesgotavel d'imaginação phantassista, mais disposta aos prazeres que á tristeza.

E' Republicana. A bandeira verde-encarnado tremula, nos dias de gala, junto á cruz das egrejas seculares. O seminario e o antigo convento dos Terceiros alojam batalhões de infantaria e cavallaria. Quem lhes passe pleas cercas ou lhes defronte os classicos portões, debalde evocará as tertulias d'estudantes ou de frades merendando e folgando em baixo dos carvalhos. Nos pateos, nas sombras do arvoredo, cavallos espojam-se rinchando; pelos bancos de pedra, segundo a tradição inda saudosos das orações vesperaes ciciadas ao toque das ave-marias, repotream-se galuchos chalaceando namoros, e á noite, á hora das preces, a corneta serviço sopra com um estridor marcial sob o clarão das estrellas.

Com a Republica, a familia dividiu-se em monarchicos e republicanos. A tropa invasora dos templos, que as mulheres, apesar de devotas, amam implacavelmente, proteje as instituições. Quando rebenta uma conspirata, das muitas, e truculentas, que ensanguentam a politica e a economia portugueza, a ca-

deia de Vizeu recebe grande porção de conspiradores, e, na leva de monarchistas que visitam e alimentam os presos, marcha sempre pessôa de confiança d'alguma farda.

A soldadesca barafusta dia e noite pela Praça, pelos jardins e ruas, concorrendo, indefectivel, sobretudo nas festas e sarilhos; envolve-se na vida urbana tão intimamente, que, nos ajuntamentos, quer profanos, quer religiosos, parece ser tudo um e soldados e paisanos aguardarem apenas a occasião de trocar a fardeta pelo jaleco.

Duas vezes na semana, ás quintas e domingos, a banda do 14º dá retreta no coreto do Rocio, que é o centro civico da cidade. A gente moça—senhorinhas trajando segundo os figurinos de Paris, estudantes com longas capas negras esvoaçando, vão dum extremo a outro do passeio, á noite, de verão e, pelo inverno, de uma ás tres da tarde, por entre os renques de bancos, onde as mães e os homens graves conversam olhando-os passar. As exhibições faustosas fazem-se no Theatro Viriato, na Sé, nas toiradas e nos bailes do Gremio, dos Bombeiros, do Montepio, nos quaes, os velhotes se agglomeram no bufete ou nas bancas de jogo e as mães de familia, vestidas rigorosamente de preto, se assentam ao longo do salão emquanto as filhas dansam. A aristocracia costuma ir aos domingos á missa do meio dia, na Sé. A' sahida os estudantes formam álas nos degráos da entrada, com a cabeça ao sol, e assistem descer e esmadrigar-se para as ruas esconsas uma multidão de olhos pretos mysteriosos e encantado-

res. Essas lindas mulheres beirãs gostam de apparecer bem trajadas.

E' habito social que lhes herdou talvez a passada riqueza e prestigio da cidade. Poupam, recolhem-se um anno, para que, nas grandes festas, a simples burguezinha possa emparelhar o seu traje com o da fidalga mais rica.

Em Setembro abre-se na Ribeira, ao pé da Cava de Viriato, a Feira Franca instituida por D. João I. Armam-se barracas, em que se vende tudo, desde a panella de barro e a albarda grosseira até a joia mais fina.

A' terça-feira, o Rocio, a rua Formosa e a Praça transbordam de povo das aldeias. Os homens, com o casaco pendurado ao hombro, falam alto e muitissimo debaixo dos seus beirudos chapeus. As mulheres, com crucifixos de oiro sobre o peito e enormes argolas nas orelhas, agitadiças, attenciosas para os soldados, falam tambem muito e alto, e prolongam o final das phrases numa agudeza aflautada, tão forte, que o coro das vozes fica vibrando por cima dos negocios. E, sem dispensar o **carago!** hespanhol, usam todos uma rude pronuncia em que o **c** brando sôa **tch.** Depois das onze, as carreteiras reerguem as suas canastras, traçam o chaile e distribuem-se pelas quatro estradas poeirentas de Vizeu. Em meio aos grupos que se vão descem, de regresso, familias inteiras, endomingadas, cada pessôa com o seu ramo tangendo para a aldeia a porca e os bacorinhos não vendidos.

E' uma volta penosa. Ao começo a marcha corre bem; mas, de repente, em plena rua, a porca em-

perra. O marido puxa para a estrada, a duas mãos, a corda que a prende por uma perna. Mãe, filhos, ás vezes uma ninhada dos doze aos cinco annos, açoitam o animal, quando três bacoros rompem o cerco. La correm todos, desesperados, apertando os ramos, vergastando e gritando afflictamente. Assim até a aldeia.

Nos dias communs Vizeu é quieta e repoisante. Ao amnahecer, os padres e as beatas sobem lentamente as ruas ingremes, caminho das egrejas. A's nove horas, um cura inda joven galga a sineira de S. Sebastião e toca á missa. Defronte, num sobrado de caiadura limpa, os doentes de todas as classes esperam a consulta do dr. Cortez; depois da qual o illustre clinico accende um cigarro, abre o guarda-sol e, saudado por quantos o vão encontrando, caminha para o Hospital, que a sua direcção traz merecedor dos maiores elogios. Depois das missas, a casa da Camara enche-se de advogados, escrivães e partes interessadas na faina do tribunal e dos cartorios. Damas **dai alta,** caprichosamente enchapeladas, saem a compras. Algumas dellas, seguidas da creada, param ante as canastras da Praça, indagam preços, regateiam. Quando relogio da Sé badala meio dia, a Praça, o Rocio, a rua Formosa e as mais ruas melhores caem num grande silencio.

Até as duas, só a espaços a calma dessa sesta de provincia é ferida pelo raspar dalgum sapato ferrado nas lages do calçamento, ou o martello do latoeiro isolado, batendo na sua tenda.

Entre o almoço e o jantar, pessôas gradas, officiaes e letrados conversam na livraria coisas da terra,

politica é lavoira, emquanto o comboio do Val de Vouga, apitando no valle, lhes não traz as folhas do Porto com assumptos novos para as mesmas conversas. A' tardinha, um sujeito magro apregôa os jornaes de Lisbôa pela avenida, e é quasi assaltado junto aos quiosques do Rocio. Cae a noite. Vizeu como que adormece. Do interior das casas vem uma luz parca. Pelas quelhas, nas visinhanças da Sé, attraentes pela sua cumplicidade lugubre, juntam-se em namoro estudantes e costureirinhas desvalidas. Nos bancos do Rocio, conversa-se; mas os individuos mais qualificados, os da justiça, do commercio e da industria, se param nos bancos do logradoiro, aguardam a hora de affluir para o Gremio, onde passam a noite no cavaco. Alguns se recolhem á casa pela madrugada. Ha em Vizeu um estimavel senhor que se não deita jamais no dia em que acorda. Uma noite, no Gremio, depois da ceia, o doutor delegado, por troça, disse que perderia vinte mil réis se elle bebesse vinte ovos. Firmou-se a aposta, acercaram-se os amigos, e o heroico noctivago bebeu os vinte ovos.

A' noite, a cidade medieval terá encanto sómente para quem lhe quizer recordar o passado bellicoso. Mas, então, sentirá, avolumando-se nas ruas ermas, nas vielas, nos terreiros, sob os arcos historicos, partindo dos solares, soprando da propria egreja da Misericordia, um cheiro activo, envolvente, dominador de sardinha assada.

As festas de Santo Antonio

Portugal vem de festejar seu santo nacional, o milagroso santo Antonio de Lisbôa. Em Vizeu, apesar das chuvas e dos ventos, os festejos foram excepcionaes. Doente da garganta, não pude assistil-os. Mas sempre vi e ouvi com que contar alguma coisa. De festa religiosa, houve apenas uma missa cantada e sermão. Talvez seja a exaggeração, muito commum neste paiz, para o bem como para o mal, porém dizem que nunca ouviram ao bispo pratica assim eloquente e profunda.

A' celebração da Egreja concorreram as damas vizienses o mais galantemente possivel. As senhoras de Vizeu são famosas por seu esmero e luxo no vestir. Contam que a rainha D. Amelia, que costumava dar esmolas para os pobres em todas as cidades onde demorava, depois de examinar-lhes em silencio a **toilette,** uma tarde de recepção, dissera:

— Uma cidade onde as mulheres se vestem assim, não tem pobreza, não precisa de esmolas.

A rainha enganava-se assim julgando as senhoras de Vizeu. Em Vizeu ha fortunas, gente que passeia no extrangeiro; mas aquelle primor de vestuarios, as sêdas, os vidrilhos, as rendas finas, eram a exhibição dum dia extraordinario, a chegada de sua magestade, tão magna e tão grata á capital deste districto então, como outrora e ainda hoje, o dia de Santo Antonio. Aqui se diz: «Quem não põe vestido novo dia de Santo Antonio, é porque não póde». E quando se vêem taes vestidos novos: «Os brincos, os anneis devem estar empenhados.» A' viziense po-

bre passa resignadamente em casa o anno inteiro, poupando, para apparecer bem nas festas de Santo Antonio. E si nas festas nao tem economizado o necessario para um vestido conforme o ultimo gosto, possuindo alguma joia, põe-na no prego e veste-se, embora o resto do anno passe-o comendo mal, sem sair, para juntar com que a desempenhar. Algumas levam assim a vida, empenhando e desempennando braceletes para se apresentarem distinctamente uma vez nos doze mezes. Nesse dia nao de encontral-as trajando segundo o melhor figurino pariziense no que elle tenha de mais vistoso, — chapeo moderno á moda da estação e sapatos finos. E' por isso que as ruas estreitissimas de Vizeu, ordinariamente são transitadas apenas por mulheres da aldeia que vêm a compras, de lenço á cabeça e chaile aos hombros. Pensa-se serem ruas abandonadas, essas ruas mudas, escuras, frias, humidas, cujos portaes fronteiros quasi se pódem tocar abrindo-se os braços. Ao tempo das festas, não: ellas se repovoam, se alegram de olhos negros espiando das janellas, e, nalgumas, ha, ás vezes, mais bandeirolas que cabeças. Essas bandeirolas são hoje republicanas.

No Rocio, as bandeiras penderam mesmo dos palanques, donde familias assistiram á batalha de flôres. E que satisfação em todo este povo!

Os que vivem no Brasil, pensativos, caseiros, queixando-se da politica, não sonham como estas populações da Europa se divertem. O divertimento cá é uma condição da vida. Ninguem comprehende viver sem se recreiar. Festas como as d'agora despertam, exaltam essa capacidade grande de alegria, que

é em todos uma das feições humanas mais patentes e irradiantes.

Quando me falaram a primeira vez no Santo Antonio, pensei numa novena, missa cantada, **Te-Deum,** e procissão dentro da Sé. Quanto se illudira a minha supposição! As festas começaram por uma toirada. Cerimonias religiosas, houve-as, e muito concorridas e solennes, mas as boccas pouquissimo dellas publicaram, subindo o enthusiasmo sómente até ao sermão. Ao contrario, os toiros foram recebidos na estrada de Repezes por milhares de pessôas, animadas todas de um regosijo parecido áquelle com que antigamente eram recebidos os grandes do reino. Logo que Vizeu teve por hospedes os bois da toirada, as creaturas encheram-se de um contentamento que nem as chuvas, nem as névoas de junho puderam arrefecer. Desceram aos toiros por uma tarde fresca, com chuviscos, molharam-se na volta, molharam-se nas passeiatas nocturnas da rua do Commercio, sob os fogos chinezes da Cava de Viriato e, ainda em baixo de grossas nuvens e juizos ameaçadores, encheram o Rocio para a batalha. Não se poderia medir então o contentamento popular. Avaliemol-o por isto: o notario, homem de cabellos brancos, cheio de filhos e de achaques, foi de automovel a Coimbra, á noite, reentrando pela madrugada, para solicitar ao director do theatro coimbrense mais um espectaculo da companhia em que anda Palmira Bastos. Vieram romeiros do Porto, de Coimbra, de toda a margem do caminho de ferro da Beira. As aldeias proximas despovoaram-se. Já não havia commodos nos hoteis, e os bilhetes de theatro, estando duas

companhias trabalhando diariamente, eram adquiridos por favor.

As quinze mil almas de Vizeu, com umas duas mil de fóra, fartaram-se de «guzar». Tiveram para isso duas toiradas, a missa cantada da Sé, seis espectaculos, fogos chinezes na Ribeira, na segunda, de nove da noite até uma da manhã, exposições no hospital, na casa da Camara, festejos nos quarteis, musicatas nas ruas illuminadas, uma tarde de batalha de flôres, e tudo coube em quatro dias chuvosos.

A batalha de flôres esteve desanimada, para batalha. Mas sempre rodaram uns seis carros magnificos. Dentre elles destacavam-se dois pela originalidade: um aeroplano e um moinho de vento. O moinho levava moleirinhas que atiravam rosas dos postigos. O catavento não rodava. Effeitava, no emtanto, excellentemente. O aeroplano marchava sobre um carro de bois. Porém a mesa desapparecia como simples succubo para uma cobertura de hera nova, e o cabresto da canga era tirado por uma camponeza muito bonita, vestida á moda do Minho. De cima, os aviadores atiravam **bonbons** e confetti á multidão. Deram-lhe o primeiro premio. Premiaram tambem um carro de chinezas. As carinhas beirãs que lá iam, ficaram muito bem achinezando-se. Para que não faltasse a politica nessa tarde de flôres e lindas raparigas, um automovel conduzia cinco meninas vestidas de azul e branco. Chamaram-lhes **talassonas**.

A praça em que os carros passearam, é pequena. Ha no centro um coreto, onde a musica tocava o tango argentino; por fóra, rente ás arvores, uma

rua de oito metros, que foi o campo da batalha; mas, dos lados, sobrados e rampas que o povo encheu completamente. Familias de socios do **Gremio** puderam ver tudo do alto, recostadas a um largo gradil. La estavam as **toilettes** custosas que ellas mostravam com orgulho. Outra gente formigava na praça, em torno ao coreto, ou, estacada nas ladeiras, reparava. Em meio aos chapéos novissimos das senhoras, aos côcos e abas largas dos homens, sobresahiam os **bonets** militares cintados de encarnado. Onde se dobrava o tagal dos **plateaus** e dos **canotiers,** descobria-se uma pasta de cabellos negros luzidios cahindo sobre um rosto trigueiro ou moreno pallido. Cá as loiras são raras. O moreno, um moreno de trigo maduro, onde brilham dois olhos pretos ou castanhos, é que aformoseia a face da portugueza serrana, encantadora de reminiscencias castelhanas e arabes. Se é rica, ostenta um **toque** vindo de Pariz, se não arranjado no Grandella, em Lisbôa. Se pobre, a cabelleira farta desapparece encapuzada no lenço, cujas pontas aperta, em volta do pescoço, o chaile peninsular. Muitas vezes não se lhes vêm as mãos. As mãos seguram as dobras do chaile, comprimem com elle o tronco, descendo até os quadris, donde com o andar, as duas pontas franjadas ficam baloiçando ao longo da alrga saia. Nesse comprimir do chaile ha talvez uma preoccupação de belleza, porque elle acompanha rente a fórma perfeita grossamente embuçada. O lenço é, em regra, amarello, azulado ou escuro com flôres amarellas. O chaile, azul marinho. Na subida, ao fundo da praça, essas mulheres de lenço e chaile se apinha-

ram, ficando-lhes sobranceiras, no gradil do **Gremio**, as elegantes de chapéo. Estas, porém, não passavam das figuras femininas de todas as pequenas cidades vaidosas da Europa e da America. Quem se destacava, naquelles milhares de pessôas, eram as de lenço. Ellas, sim, lembravam o verdadeiro Portugal de todos os tempos, meio moiras, meio hespanholas, fortes, sadias, a cara energica, entre mysteriosa e sentimental, olhando, como duma edade remota, esquecidamente, aquella comedia ingenua da raça enfraquecida e civilizada atirando-se malmequeres da caixa dos automoveis.

* * *

Na manhã seguinte, findos os festejos, uma banda de musica desceu a rua do Commercio, com a bandeira social ao centro, acompanhada de garotos e assistida, nas calçadas, pelos camponezes vindos á feira. A banda dobrou a rua Formosa, enfiou pela rua Direita, parando aqui, além, sempre a tocar. Disseram-me que andava a cumprimentar as sociedades recreativas e beneficentes de Vizeu. Na rua Direita, estorvou uma vacca. Ficou adeante a bater, emquanto o animal arremessava da corda, que o vaqueiro mal continha, bem que a segurasse com as mãos ambas. Então **Mané pa Bouga,** mendigo velhote um tanto philosopho, aproveitou a presença das meninas que surgiam nos sobrados, para pedir. Era o unico indifferente áquelle pittoresco fim das festas. Durante a tocata, os pinotes da vacca, a curiosidade das raparigas, esteve com o carapuço e os olhos piscos para cima.

A cavalhada

A's quatro horas, rompeu a nevoa, um bando de vadios cantando o fado. Foram os primeiros enthusiastas da cavalhada, descendo a Vil-de-Moinhos ao encontro dos romeiros e acordando a cidade com a berraria da cantata. Depois de ouvir este despertador lyrico ambulante, ninguem mais dormiu. Amanhecia. No calôr dos aposentos, consultava-se o relogio. Cinco horas. Mais madrugadores, carros, risadas. O aborrecimento, porque a cavalhada só subiria ás sete, crescia em raiva contra os fadistas, mas tambem os rumores da rua incitavam o desejo de assistir ao espectaculo sempre novo da cavalgata dos moleiros.

Vil-de-Moinhos é um «povo» numeroso de moleiros, operarios e pequenos lavradores, afundado no valle ao pé de Vizeu, com egreja, seu parocho, casaria de pedra, alguns predios de dois andares e muitos moinhos. Atravessa-o um braço do Pavia, transitado sobre ponte, com quédas dagua varias captadas em baixo para mover a lage das mós na tritura do milho. A gente é activa, andeja e desboccada. Só os dentes, os que lavram a terra, a professora, o padre, os velhinhos, não sobem diariamente á cidade. Pela madrugada, são os trabalhadores da Camara e das fabricas, galgando a ladeira, desembocando na Cruz de Pedra, gralhando ou cantarolando. Ao meio dia, as mulheres, raparigas e velhotas, de pés descalços, com o cesto do jantar para

os homens. A' tardinha, tambem gordas camponezas d'idade e cachopas vêm carregadas, os seios a tremer, desnalgando os quadris, resfolegando suorentas ao peso dos canastrões. São portadoras satisfeitas de legumes, verduras para o mercado, mercadoras de brôa, de triga-milha, de sêmia. No correr do dia, vão e vêm carros, puchados por dois boizinhos fulvos, o carreiro á frente, de carapuço á cabeça, tamancões e a aguilhada ao hombro. De volta, leva moçoilas carreteiras, que cantam, enfeixadas entre os fueiros. O carreiro, pachorrento, joga-lhes chocarrices.

A população de Vil-de-Moinhos celebrizou-se em Vizeu e na fama das aldeias convizinhas, pelo seu desregramento de linguagem. Não haverá talvèz em todo o planeta creaturas assim pornographicas. Os palavrões obscenos mais grosseiros caem da bocca dos homens, das casadas, das solteirinhas e das creanças com a espontaneidade, a naturalidade duma saudação. Tudo que a sexualidade depravada pôde inspirar de torpe á linguagem, a gente de Vil-de-Moinhos recolheu com ardor e usa com uma volupia bravia. Avalie-se que a expressão, das expressões sujas, mais innocente naquelles labios sadios e, porisso, a unica que ouso aqui divulgar, é esta: — «Olha que eu dou-te um pontapé na maçã da albarda, alma do diabo».

Nestas paragens, ha pessôas distinctas cuja lingua é assaz porca, creaturas de apparencia sensivel, suave, que, conversando coisas d'amor e vida alheia, empregam termos indecentissimos. Mas os de Vil-de-Moinhos contam maneiras particulares,

mais fortes, mais livres, incomparaveis de sabor vicioso e caracter gallego. Vi já, na avenida nova, estando graves senhoras ás sacadas, uma velha poisar no calçamento a canastra de couves para descompor a um sujeito. Comprehendo-lhe a intenção, o sujeito entrou numa alfaiataria e escondeu-se. As damas recolheram. E ella, bracejando furiosa, batendo os pés redondos, em toda liberdade, escandalizou as proprias regateiras. Um cano d'exgotto rebentando para falar.

Vil-de-Moinhos possue typos que são conhecidos em Vizeu como se fossem typos da cidade. E' **Mané pa Bouga,** que vai mendigar todas as manhãs á rua Direita e regressa de tarde, baixote, franzino, corcunda, cosido num casaco coberto de remendos, a mão no bolso da calça, vagaroso, desconfiado, um comprido cigarro fumegando nos beiços e os olhos meio scismaticos volvendo-se lentos para tudo. E' o tolo cantor, Zé da Rita, bem trajado, alvo, infantil, escancarando a bocarra, a cantar sempre que descobre uma janella povoada. E' o silencioso irmão da esposa dum commerciante, que a sua entolecera dando-lhe certa beberagem maligna, para se escapulir com o amante. E' o Constantino, o musico, com a clarinêta no sovaco, a repetir maniaco: — «Ai, Jesus! Ai, que se acaba o mundo. E é por minha causa. Ai, Jesus!» E' emfim a Rita Comboio, pequena, grossa, a gracejar immundamente com os homens e, incansavel, caminhando carregada mais que qualquer um.

* * *

Trezentos e sessenta e três dias do anno, os fogos de Vil-de-Moinhos accendem-se para coser o caldo verde, as batatas, algum feijão, e os habitantes, se bem tagarellam e descompõem, são afinal os trabalhadores submissos de todas estas terras humilhadas por nove seculos de preponderante fidalguia. As mulheres desandam o caminho com os tamancos na amieira e os pães da ceia, ás vezes, dentro dos tamancos; os maridos recolhem á noitinha, ás gargalhadas, aos empurrões, embora moidos de fadiga; e se perguntarem ao garoto donde é, elle responderá tirando a boina rôta: — «Sou de Vil-de-Moinhos. Dáme cinco reisinhos, meu senhor?» Porém, na vespera e dia de S. João, Vil-de-Moinhos remoça e se engrandece.

Alguem que se lembre de interrogar o mesmo humilde garotinho da boina rôta, vel-o-á voltar a cara, sem se descobrir, galhofeiro, atrevido, para dizer: — «Sou de Vil-de-Moinhos. Quer alguma coisa?»

Nos dois grandes dias, o adro amplo da capella prommove-se a arraial das festas joaninas, apinha-se de romeiros. Chegam os **ranchos** com a merenda em saquinhos, pendurada no cabo do guarda-chuva, espessos copos e garrafões cheios para a vinhaça. Come-se, bebe-se, dança-se o **vira** e, á noite, canta-se e dança-se ainda pulando em roda das fogueiras.

Economizara-se mezes e mezes para os gastos da romaria. Tem-se um S. João gordo, farto, bem regado. Saem da arca as jaquetas de saragoça, en-

gommam-se as saias brancas; lustram-se os acoturnados de coiro de vitella, e meia Vizeu, á carro, á automovel, a cavallo, a pé, vai rondar a egreja, ver dançar a **caninha-verde,** ouvir os descantes.

Depois da cavalhada, enche-se a «praça», toca a comprar. De S. Salvador, de Orgens, de Marzovellos, subiram «datas» de bacorinhos, de gallinhas, de cabritos. Pelas calçadas, ás nove horas, no rico dia, estão ainda restos de espectadores. Vêmol-as passar, as carreteiras, rapariguinhas e carcassas, sobraçando leitões, frangos, pesos de vacca, quartos de carneiro. Malhôa não reparou ainda, quero crer, nestes quadros, emfim tristes, da glutoneria portugueza. E' um longo desfilar de barrigudas cosinheiras e bonitas meninas, cada qual com o seu leitãozinho loiro, manso, quieto, movendo a cabecita docemente. Alguns guincham com desespero. Mas quasi todos são levados tão calmos, que dá vontade de os affagar. Vi um gallo, que me pareceu a figura representativa daquelle despreoccupado conduzir-se para a faca. Annunciou-se á distancia com um cocoricó estrondoso. E não deixou de cantar, em meio aos bacoros, pela avenida a fóra, por toda a estrada. Pareceu-me a alegria das almas communicada; uma reproducção viajeira do gallo de Rostand, esse gallo da Vizeu, mais vaidoso, mais illudido que o outro, cocoricando como allucinado, em pleno sol, com os esporões no ar.

* * *

Um tambor troou na curva da estrada. Os moradores da Balsa, agglomerados na quelha, debaixo

das oliveiras, alvoroçaram-se, correram a vêr. Troâva o tambor na boléa d'um **char-á-bancs,** junto ao cocheiro, e era a caixa da musica, a bater do lado de fóra, isolada como se os mais instrumentos, que vinham dentro, no carro, não tocassem tambem. Aquem do **tejadilho,** pannejava uma bandeira — vermelho e verde, — estandarte da irmandade. Depois, manchas multicôres, a ondular, adeantando-se na poeira. A multidão, soffrega, avisou: — «Os mordomos»! Sim; trazendo o estandarte o reitor da mordomia, a cabeça enfiada n'um chapéo de dois bicos, vinham os mordomos, de cartola, casaca, luvas brancas, montando pequenos cavallos magros. Descobrindo-lhes, ao longe, os peitilhos brilhantes, os altos chapéos de pello, as luvas de camurça, ninguem diria que eram os moleiros de Vil-de-Moinhos, vistos na tarde passada a guiar a carroça de taleigas, com os enormes pés sujos mettidos em immensos tamancos. O S. João vestira-lhes roupa de etiqueta, aristocratizara-os, e lá se approximavam encasacados, commentados, ridiculizados e felizes. Apenas a casaca tornara-os mal geitosos, de naturaes que são nos remendosos factos de cotim. O da esquerda, arqueava um grande folho sobre o peito, apparecia-lhe a ceroula; o porta-bandeira mal via o caminho, com o panno a tapar-lhe os olhos. Só se lhe descobria a ponta do queixo, o que nem sempre acontecia. Um desespero: o bico do chapéo a afunilar o estandarte, e elle a afastar as dobras para o hombro. O da direita, por ser pequeno, menino de feições, quasi se enterrava inteiro na cartola, e notavam-se-lhe as luvas, tão longas tinha as mangas da casaca, por-

que segurava as redeas e o chicote. A cartola cobria-lhe as orelhas e apoiava-se, atraz, no collarinho, mostrando o rosto só do nariz para baixo.

Os da Balsa são gente pauperrima, que vive quasi escondida num angulo da cidade entre quintarolas, mas consideram os de Vil-de-Moinhos linguas temiveis, se bem que trabalhadores, simples typos d'aldeia nascidos para dar pabulo á galhofa. Era galhofeiros que apontavam: — «Olha os moleiros». A cavallada é-lhes constante e edosa como o entendimento. Todavia, repetiam sem cessar: — «E os moleiros de casaca...» Elles, se ouviam, não se molestaram; proseguiram picando os cavallinhos, imperturbaveis na sua gloria ephemera de mordomos.

O **char-á-bancs** passou atacando um «dobrado», seguindo os moleiros, que abriam o prestito. Depois, dominando o falario, vinha um tropel de muares cavalgados por sujeitos de mascara, com grande acompanhamento. Marchavam **landaus** conduzindo senhoritas e creanças, autos, cavalleiros, povoléo, tudo a passo, numa nuvem de pó. Para as pessôas amantes da boa pandega, onde haveria mais pittoresco, mais razão de franco riso saudavel que na cavalhada dos moleiros? Em Vizeu e nas aldeias proximas canta-se uma quadra que bem lhes retrata o prazer pela ruidosa cavalhada.

Eu hei de ir ao S. João,
Ao S. João da Carreira,
Ou a pé, ou a cavallo,
Ou na barca da Ribeira.

A cavalhada partira da egreja de S. João, em Vil-de-Moinhos, para ir, de romagem, atravessando a cidade, á capella de S. João da Carreira, que alveja á borda da estrada, com um arraialzinho defronte, sob as arvores. Entre os mordomos e o acompanhamento, ziguezagueavam, com olhadelas ao povo, ás sacadas, aos mirantes, os imprevistos mascarados. Os mascarados de Vil-de-Moinhos lembraram-me o antigo inicio de carnaval de Mamanguape embora não soprassem, como la, os trombones e pistões clarinando marcialmente na madrugada de domingo. Com que saudade os vi passar, extravagantes na sua bizarria de calças avessadas, a mascara mal posta, a vergastar os jericos e virando-se na sella para responder tolices com a voz churumelosa! Este cavalgava enfiado numa camisa de mulher. Outro se satisfizera com o casaco de cotim, o infallivel colletão apertando a camisa encardida. Havia criticas. Como de Vil-de-Moinhos vêm as carreteiras com canastras, um delles cobriu de ganga a armação d'uma grandissima canastra, prendeu-a ao rabicho, e lá se apresentou abrigado na sua tenda vermelha. O companheiro foi mais imaginoso e complexo. Montou no burro os petrechos todos d'uma cosinha. Armou nas costas do animal um cavallete e pendurou-lhe nas taboas a padella do arroz, a certã, a vassoura de giesta, a almotolia do azeite, facas, trinchantes, uma balança, ferros velhos e o panno dos pratos. Os mais eram papangús d'aldeia, escanchados nos burricos, seguidos dos risonhos peregrinos de Vizeu. E' tradiccional irem os da cidade buscar a cavalhada a Vil-de-Moinhos, leval-a a S. João

da Carreira e reconduzil-a ao adro donde partiram. Como caminhavam de vagar, quando chegaram á cidade traziam de mistura as carreteiras e as regateiras que demandavam a «praça». E podia-se notar, no meio de duas victorias, dois cestos de repolho; ao lado dum patêgo vestido de mulher, com o lenço beirão a segurar a mascara, dois canastrões de batatas, e, mesmo ao pé dos mordomos, tufos de couves e pilhas de brôa. Mas era tudo cavalhada...

Entrando a cidade, a caixa rufou mais forte na boléa, sem se importar se aquillo era ou não da partitura. Um alegrão para todos os espectadores, uma esplendida manhã aquelle S. João carnavalesco, a mascarada dos moleiros, com a sua musica, a sua felicidade aldeã, ao trote dos burricos, nas escuras ruas seculares.

Iamos a entrar, quando se ouviu um galope na estrada. Eram retardatarios: meias de mulher, calção de chita, collete em mangas de camisa, chapeu braguez e uma pressa desesperada. Eil-os a galopar perdidos na avenida, o braguez abanando, em busca da cavalhada. Então a Virginia cabreira, que afinal pôde passar com as chibas, vociferou tangendo a vergasta:

— Vocês tambem querem ir a S. João da Carreira?

O S. João

A's nove horas, inda uma vaga claridade mostra ao longo do horizonte o pallio escuro dos pinheiros. O nevoeiro de Junho, adensado em montões no

fim da tarde cálida, encheu os valles, subiu nas encostas, cobriu os bosques de carvalho e os reduziu a manchas azuladas monumentaes na verdura dos campos. Neste resto de luz mortiça, termo do dia, esvaindo-se num alvor impreciso de luar, ergue-se uma pequena chamma, e logo se apaga, no terreiro da casnihota de pedra. E' noite de São João na Beira Alta. Aos reflexos do sol quadrando em oiro as vidraças da velha cidade, succedeu o clarão das salas illuminadas. Luzem por sobre as cumieiras balas de pistoletas riscando no crepusculo largas curvas brilhantes verdes e vermelhas. Num terceiro andar afastado, rodinhas vertiginosas irradiam as chispas doiradas. Accendem-se as fogueiras. Erra no ar quente o aroma do rosmano. Vem da Balsa um côro de vozes fracas. São meninas em descantes. A este momento, Portugal todo canta. O velho reino navegador e aventureiro, transformado hoje numa republica de emigração e conspirata, esquece glorias, infortunios, saudades, para cantar pela bocca das suas creanças e moças enamoradas.

A noite de S. João
Tem taes feitiços e encantos,
Que endoidece o coração
E até faz peccar os santos.

Começaram as **orvalhadas** de S. João. A nevoa que cobre as seáras nesta noite de Junho, envolve o espirito do Baptista, é uma névoa religiosa e sagrada, vae fundir por milagre, decifrando destinos. Aquillo que pernoitar sob a orvalhada, posto

com a intenção, fortificada na fé, de desvendar o futuro, sendo recolhido antes do amanhecer, ficará abençoado, a agua, a semente, folhagem, symbolos, tudo. Deita-se a clara dum ovo no copo. Leva-se o copo ao sereno. Pela madrugada, a clara haverá tomado uma forma que representa a destinação de quem a deitou. A' meia noite, colhe-se agua nos tanques. Agua bemdicta, aquelle que nella banhar ao menos as mãos, será protegido contra a doença e contra a maldade. Ao pé da leira, junto a alcôrca da réga, cresce a erva de Nossa Senhora, erva santa, que resiste aos temporaes e não precisa de sol para medrar. Vai-se, no escuro, quebrar-lhe os rebentos, um para cada pessôa amada, filho, marido, amiga, noivo, namorado. Extendem-se os galhinhos destinados sobre uma pedra, ao relento.

Aqui deito esta ervinha
Em louvor de S. João,
P'ra ver se me queres bem,
Ou não.

A' hora da revelação, a vergontea que se houver conservado verde, provará affecto correspondido; a que tiver murchado, affecto morto, ou falso.

Accende-se na sala, em meio ás solteiras, uma candeia de azeite, para a queima das alcachófas. Estão unidas todas as meninas. O morrãosinho fumega em cima da mesa. Ha nos olhares uma concentração abalada de temor. Uma avança, muda, e chega a alcachófa ao lume, chamusca-a duvidosa, a tremer. Depois outra, mais outra, até a ultima. Apa-

ga-se a candeia, descem ao quintal, supersticiosas, sisudas, expõem as alcachófas á orvalhada. Ante-manhã, correm a buscal-as. Se a alcachófa reverdeceu da queimadura, é o amor fiel; se continua chamuscada, como sahiu da labareda, não ha amor no coração para quem foi.

Aquelle que desconfiar da firmesa de certas amisades, lhes põe os nomes num papel, que, dobrado, se deita a uma bacia d'agua. A bacia dormirá á orvalhada. Si pelo alvorecer, o papelinho houver aberto, somos realmente queridos.

Querendo-se saber como se chamará o noivo desejado e não conhecido, queima-se uma moéda de cinco-réis, que se leva em seguida á orvalhada. De manhã, chega-se á janella com a moéda empalmada. Ao primeiro mendigo, que pedir, dão-se-lhe os cinco-reisinhos e pergunta-se-lhe a graça. Antonio. Será Antonio.

Ao tempo que se prescruta o destino em amor, sorprende-se tambem a fortuna sobre haveres. Traz-se da horta uma vagem de fava, escolhem-se os tres grãos maiores. O primeiro, descasca-se totalmente; o segundo, só metade; o terceiro não é descascado. Mettem-se os tres grãos debaixo do travesseiro. Ao despertar, no dia seguinte, enfia-se a mão e retira-se um dos tres. Si fôr o primeiro, ser-se-á pobre até a morte; o segundo indicará meia pobresa; o terceiro, riquesa.

* * *

Estas consultas á sorte se fazem no intervallo dos descantes. Em frente á porta, está a fogueira

accesa. E' pequena. Não se quer fogo, basta a fumaça. Um monte de rosmaninho espera ao lado, para a alimentar. Sobre o rosmano queimado eleva-se uma columna azul de fumo onduloso. No ambiente morno espalha-se o cheiro provocador. O ar, pesado e aromatico, influe esquecimento e volupia. As raparigas sapateiam, dão-se as mãos e assim, encadeadas, num arrebatamento d'alegria communicativa, dançam cantando em volta da fogueira:

No altar de S. João,
Nascem rosas amarellas.
As rosas estão calcadas
Do sapato das donzellas.

Param de dançar. Dissolve-se a roda, extendem-se em linha, uma atraz da outra. A da frente salta a fogueira. Crê-se que o aroma do rosmaninho, em noite de S. João, dá felicidade. E' preciso defumar-se a gente com elle. Pulando, pois, o defumador benefico, mergulhando na fumarada, é que nos santificaremos contra o mal. Toca a saltar. Mas uma labareda irrompeu dos ramos seccos. Precipitam-se todas sobre a fogueira, matam a flamma a pés. Agora vem mais rosmano para animar a columna de fumo azul. Tantas vezes se alteia o fogo, quantas o vão extinguir, numa furia jubilosa, os sapatões de vitella. Quando de novo se ennovela a fumaça, as mãos procuram-se instintivamente, arfam os seios, movem-se os quadris no voltear choreante e recomeçam as cantigas:

O' meu santo S. João,
O' meu santo pequenino,
Has de ser o meu compadre,
No meu primeiro menino.

Dança-se, canta-se até cançar. Afinal, a fadiga afrouxa os dedos ás dançadeiras, cessa o alarido, separam-se, deixam de dançar. Para repoisar, come-se, bebe-se, fala-se por tres regimentos em folga. Porém, na moradia defronte, arde uma fogueira. Arde outra adeante. Ardem fogueirinhas por toda parte, a crepitar fumegando e cheirando. O bando dançador concerta-se, constitue-se em **rancho** para as visitar, o sai cantando rua afóra:

Si tu fores ao S. João,
Traze-me um S. Joãosinho,
Si não trouxeres um grande,
Traze-me um pequenininho.

Cá está a fogueira extranha. Sempre a cantar, as raparigas circumvagam-na rompendo, ás vezes, uma nuvem de fumo. Que importa! A fumaça é perfumosa, é bemdicta. Forma-se a roda. Uma pequena d'olhos pretos articula, meio musicada, para signal, a palavra de inicio. As mais conhecem os versos, ouviram a solfa desde o berço. Cantam:

S. João, p'ra ver as moças,
Fez uma ponte de prata,
As moças não vão á fonte.
S. João todo se mata.

Nenhum folguêdo lhes excita mais a jovialidade franca de solteiras. O S. João é uma festa d'esperança. Vão a cantar, eil-as, vai um bando de futuras mães, a maternidade em flôr pedindo marido ao santo casamenteiro.

Meu S. João casai-me cedo,
Emquanto sou rapariga;
Que o milho, sachado tarde,
Não dá palha nem espiga.

A correr as fogueiras, o grupo não sabe, nem pensa nas horas. Anda a vagar, para cantar e dançar, para casar. Não sei o que lhes acontece, em casa, ao regresso. Vi, comtudo, um bando em cabello, que recolhia, já tarde, cansadas as vozes, mas que cantava pelo nevoeiro, numa toada de marcha, ironicamente:

Na noite de S. João,
Muita pancada levei,
Por causa das alcachófas
Que por meu amor deitei.

A feira franca

Desço á Ribeira, á noite, attraido pela musica extranha duma trompa acompanhada a bombo e tambor, que me vem de la baixo, e pelo clarão dum nevoeiro rosado que paira sobre a praça. O que é, bem o sei; pois se me aventuro á humidade e ao pó das ruas mal cuidadas, é para ver a feira franca, a

feira de S. Matheus, a feira annual de Vizeu, creada por D. João I, restabelecida por D. Affonso V e continuada nos tempos prosperos e nos dias desanimosos de Portugal.

Deante dos dois socalcos da Cava de Viriato, no campo onde se fazem as toiradas, construiu-se uma rua provisoria de barracas de pinho e estabeleceu-se o commercio urbano, com outros negocios, especialidades industriaes, fantochadas e cosmoramas, vindos de fóra. Uma espessa multidão de familias, gente de todas as classes da cidade e da aldeia, mercadores, pregões, ao estrepito de orchestras, campanhinhas e gramophones, vai e vem, passeando na extensa rua sob uma fila de enormes globos electricos. As senhoras edosas, as pessôas commodistas alugam, a vintem por assento, os bancos expostos ao longo das barracas. Os mais comem, bebem ou andam.

A feira franca é uma exposição dos productos nacionaes, objectos de luxo e de uso commum, de que quasi todo o Districto, principalmente os lavradores, vendidas as colheitas, se vae munir, mas que todos, afinal, com um profundo amor aos gosos e folganças, procuram para se divertir. Concorrem cutelleiros de Guimarães, ourives do Porto, fanqueiros, lanificios da Covilhã, loiças das Caldas, doceiros de Lisbôa, peixeiros de Estarreja, quantos têm que vender e lobrigam compradores no Campo da Feira. De quinze a trinta de Setembro, o commercio da cidade abre succursaes nas barracas de madeira. Lojas de modas, lojas de peso, casas de chapeu e sapato, joalheiros, taverneiros, latoeiros, al-

bardeiros, esvasiam mostruarios e depositos e, um frio amanhecer, são vistos na Ribeira, a cabeça quasi tocando o tectosinho das barracas, a chamar aos camponezes.

Encontra-se tudo nas barracas da feira. Joias, preciosidades de oiro e prata, que se vêem nas montras de Lisbôa, Coimbra e Porto, brilham agora nas cabanas amarellas varridas de vento e poeira. As quinquilherias mais interessantes foram trazidas de suas prateleiras civilisadas para as asperas taboas. Improvisaram-se papelarias, bazares de crystal e loiças finas, outros de brinquedos, como o celebre **Bazar dos três vintens,** onde se vendem bonecos, realejos, rodas, miudezas graciosas de creanças pelo preço fixo de seis centavos.

Installou-se uma cutilaria em cujos cartões espelham as facas mais ricas e originaes de Guimarães. Num angulo da rua, abriu-se um barracão de albardas, alto, com tres faces á escancara e grossas varas passadas de lez a lez sustentando pesados albardões de fôrro branco. Dentro ha sellas, freios, esporas, estribos de metal nickelado e muita prata alvejando no coiro dos arreios.

Esta barraca vende roupas feitas. A vizinha, objectos de moda. Na outra, além, estão sómente ferragens. E nas duas pontas da rua: do lado d'Abravezes, deparam-se mesas e carros ambulantes com bebidas em roda dum gramophone que repete hymnos de nações diversas; do lado da cidade, uma serie de barracas de comedoria e divertimento, claras, alacres, retumbando para o pateo, onde o mulherio

de lenço e chaile canta, dansa, come ou repoisa pelo chão guardando saccos e panellas.

Ao fundo dessas barracas festivas, installou-se um circo Russo, com ursos de tinta na coberta e um cavallo amestrado, no picadeiro. A' entrada, uma familia, marido, mulher e filho, faz o reclamo tocando a extranha musica que desci a ouvir. O marido sopra na trompa uma eterna polka de corridas; a mulher, queimada, suja, as repas caindo-lhe pela cara, bate o bombo e os pratos, e o garoto, completando o acompanhamento, surra um velho tambor com duas baquetas grosseiras, tremendo de contente.

Pela praça, em frente ao circo, vende-se o peixe. E' um mercado oleoso de barracas baixinhas, illuminadas apenas pelo lampeão de petroleo, que deita uma luz vermelha e fumacenta sobre as barricas de enguia. Percorre-se o pateo até a ponta da rua onde o gramophone morfanha os hymnos, pelo meio de caixas vasias, montes de telhas, destroços d'emballagens e pares de sopeiras e soldados, que aproveitam o escuro para encontros d'amor.

Da outra banda, á borda da estrada, alonga-se a exposição das loiças. Os mercadores extenderam em mesas baixas o que tinham de melhor, terracottas, pastores, cavalleiros, saloios, gallos — paliteiros, pucarinhos e cantaros lavorados. Pelo chão amontoaram alguidares, pingadeiras e umas panellas quasi negras que mal são vistas na penumbra.

A animação da feira recomeça adiante com os tascos improvisos ao fundo da rua, os compartimentos reservados, que regorgitam dos comedores falas-

trões das aldeias e sisudos senhores da cidade bebendo discretamente sua garrafa de vinho branco.

Para os fins economicos a que a destinaram D. João I e D. Affonso, a feira corre principalmente, de dia. Pela manhã realisa-se, nos claros da barracaria do peixe, o negocio de gado. Conglomeram-se, ás juntas, os pequenos bois fulvos da Beira, carneiros, chibas, porcos, perus e gallinhas. As transacções fazem-se com gravidade, ajustam-se com o ar sério que reclamariam casos de honra, e as mais avultadas findam sempre em vinhaça. Crê-se que pela feira franca se vende tudo mais barato. Os camponezes aguardam-na e accorrem de todo o Districto com o dinheiro amealhado. Depois de sortidos, procuram as sombras, sentam-se e comem. Si é domingo, esperam a noite parando pelas joalherias, pelas quinquilherias, pelas barracas de passamaneria, senão dormindo ao pé das arvores da Cava.

Damas da cidade costumam, durante a feira, vestir de novo as creadas. Descem demanhã e, como os da aldeia, demoram diante as joias vindas de Lisbôa e do Porto.

Nos domingos á noite a espaçosa rua não comporta a gente da cidade e os camponezes confundidos entre as barracas amarellas. As senhoras vizienses vão á feira como vão ás festas de Santo Antonio, trajando sêda, calçando caro, com o luxo possivel. E' preciso uma infinita modestia associada a uma invencivel pobresa, para se mostrar tres vezes o mesmo vestido sobre aquelle piso irrigado. Algumas damas, contradizendo suas maneiras simples e naturaes, assumem ares de distincção aristocratica.

Outras, porém, constituindo maioria, palpitantes de cores vivas, se satisfazem com passear sem descanso, recebendo e distribuindo adeuses e galantes sorrisos. Por isso, camponezes, lavradores de jaqueta e varapáo, caminhando deslumbrados, roçam, muitas vezes, a aba poenta do seu chapeu braguez pelas fitas e plumas dos **toques** parizienses.

Certas familias, quando acontece estarem acompanhadas pelos seus chefes, vão a alguma barraca respeitavel cear vitella com vinho verde. Os feirantes da aldeia chegam com a enfiada de enguias á barraca, pedem o vinho e pão e abarrotam-se tralhoando coisas de lavoira e de coito.

— Oh senhora Maria, olhe que assim vai afogar o morgado.

A senhora Maria está gravida. Entrou sorridente, com a testa molhada de suor. Antes de entornar a caneta, virou-se para os conhecidos:

— Oh! Dei ali duas voltas á francesa, que foi um regalo.

O protector da creança é um sujeito de queixo agudo e olhos pequenos:

— Cuidado, senhora Maria; olhe que isto de creanças...

— Sabes tu que mais, oh mô trolha, eu aguentaria cá mais uma abora, sabes? Já pari dois num só dia. Bem o sabes tu. Ca o meu barbas não é homem p'ra brincadeiras.

— O tô barbas...

— Não no troco por tres como o senhor Zé da Travanca.

Nisto ergueu a cortina d'algodão e penetrou o

compartimento um lavrador, homem possante, barbado, carrancudo.

Ao canto da mesa, como ao canto d'outras mesas em que abancavam, comendo, esvasiando garrafas, os da aldeia, cavalheiros de Vizeu «enaipavam», em copos espessos, certo vinho branco delicioso. Pelos corredores encontravam-se conhecidos dos dous sexos, e dum compartimento cheio d'estudantes saiam uns versos de pobresa, numa voz magoada e tremente unida ás queixas duma guitarra sentimental.

Minha mãe é pobresinha,
Não tem nada que me dar....
Dá-me beijos, coitadinha...
Quando os dá, põe-se a chorar.

O corredor dos «reservados» desemboca no pateo, sobre as dansas e o remoinho dos passeantes voltando-se, á claridade, á alacridade dos jogos e patuscadas. A barraca maior annuncia com luz «farturas» de Lisbôa, das que se vendem na feira d'Alcantara. A outra, contigua, é a do tiro ao alvo, a do **Pim-pam-pum.** Esposas de officiaes e quantas senhoras se enthusiasmaram na tarde cruel do tiro aos pombos na quinta de S. Caetano, vão disparar duzias de chumbo grosso contra o ovo equilibrado na agua do repuxo.

O animatographo enche-se. Nos quinze minutos d'intervallo, o caixeiro duma confeitaria distribue **bon-bons** ás creanças. Os rapazes chamam-no por appellidos, ha gritaria, bater de bengalas, risadas. As raparigas das aldeias, invadem as fantocha-

das e o cosmorama, as «vistas». Contaram-me que um anno se exhibiu, na feira, a tragedia de Ignez de Castro, em cera. Foi um extraordinario successo urbano e rural. Mas a attracção maxima são os fantoches, o indefectivel Roberto esmocando as irmãs de caridade e destroçando á pancada até um enterro. Os fantoches recordam-lhes, a essas folionas ceifeiras, os entremesses das suas romarias, os moços trabalhadores vestidos de mulher, dansando no palanque do adro da capella sob arcos de flores. E preferem, segundo ouvi a uma declarar, ainda os entremeses do Roberto, á propria musica de pancadaria. Que gargalhadas, que expansões de saude e prazenteira mocidade saem das suas boccas rasgadas! A satisfação dos camponios é tamanha, que representa, por si só, tambem um espectaculo no terreiro dos theatrinhos. Porém a musica do circo chama com a sua polka barulhenta. Entra-se. O palhaço defronta o cavallo e pergunta-lhe quem é a senhora mais bonita da funcção, e o animal vai balançar o focinho sobre os joelhos duma menina bem trajada. Em pouco, circula na feira a opinião do cavallo, e é de ver-se o bom humor dos conhecidos repetindo-a entre piadas. Porque, depois das nove, a feira-franca se converte numa estupenda pagodeira.

Quando eu regressava, as torres da Sé, os angulos do Lyceu, os contornos da architectura severa da cidade, recortaram-se no luar de outomno, veladas numa grossa névoa azul. Era bem o seculo do Mestre de Aviz, mergulhando numa doce cor de sonho, a rever, atravez os rumores da Ribeira, lem-

branças da Edade Média, sempre presentes na provincia portugueza.

Henrique Castriciano em Vizeu

Henrique Castriciano telegraphou-me de Lisbôa: «Amanhã Vizeu». Fui esperal-o á estação no comboio das quatro, e elle não viera. A' noitinha um automovel parou em frente á casa da quinta rodeado de garotos. Era o poeta. Para vir de Lisbôa a Vizeu, deve-se mudar duas vezes de comboio, na Pampilhosa e em Santa Comba Dão. O conductor esquecera-se de avisar-lhe a descida em Santa Comba, e elle, sem conhecer estas paragens, se viu chegar, por uma tarde neblinosa e friorenta, a uma estação donde o trem não passaria. «Aqui é Mangualde — disse-lhe o conductor com o ar mais natural da peninsula — Se vossencia quer ir a Vizeu, tem que ir d'automovel; si não quizer, dorme p'ra pegar o carro da carreira, amanhã...» Henrique escolheu vir immediatamente e chegou, após quarenta minutos de solavancos, na vertigem do auto, por entre os pinheiros e carvalhos da estrada.

A casa da quinta cheira agora a maçã **bravo do esmôfo,** a mais cheiorosa e gostosa maçã de Portugal. As folhas amarellecem. Vem o frio chegando, e os nevoeiros do outomno cobrem as serras e pinhaes. Sahimos pouco: Apanhamos algum sol nos declives da matta, mas contentamo-nos com a velhice perfumosa da casa de pedra e a vista dos montes nevoentos, além do valle.

Entre os livros que me trouxe o Henrique, vem

o novo livro de Paul Adam — **Les visages du Brésil.** Mas nós preferimos ler o Brasil na nossa memoria, na nossa saudade, com a nossa propria critica. O querido immenso paiz de palmeiras, recuado, á outra banda do Atlantico, abocanhado pela gula politica e o commercio extrangeiro de certas cidades, appareceu-nos, assim longe, tão bello, tão fragil, tão carecente de trabalho e carinho...

Henrique Castriciano passara na Suissa um anno pelas mãos dos medicos, pesadas mãos nem sempre hygienicas, nem sempre milagrosas ou consoladoras. Quem não houver passeado os nervos doentes nas alamedas de abêtos, sobre a neve dos Alpes, sacudido pelas contradicções e explorações de certos medicos suissos, deve dar graças á bôa sorte por mais este motivo de socego e ventura. Henrique Castriciano, peor que eu, foi victima desses encontros máos. Pouco faltou para que o anniquilassem os diagnosticos fazedores de neurasthenia, contradictorios e terriveis. Pois, no embate dessas graves doenças imaginarias, preoccupavam-no, paralellamente, as coisas do Brasil, a educação da mulher no Brasil, que é o seu problema essencial e de que o Rio Grande do Norte, guiado por governos intelligentes, já obtem optimas vantagens. Uma vez, ao termo do inverno, descia eu de Château d'Oex á Losana, e fui encontral-o, no seu aposento do Hotel du Parc, á beira do lago, gripado e febril, perdido numa alta cobertura de lãs e linho. A' borda da cama, por cima do creado mudo, em cadeiras e na mesa, estava a maior livraria de viajante e doente que hei visto. Havia volumes de Historia, Litteratura, tratados de Hygiene,

livros sobre molestias e tratamento do nariz, que era então um dos seus cuidados primordiaes; porém, cobrindo os romances, os poemas, as obras de critica mais recentes, dominavam os compendios de educação, estatisticas, mappas escolares, prospectos de officinas, amostras de rendas, exemplares de cadernos de escripta e tiras e tiras de apontamentos.

— Mas com tamanha serie de exames e resfriamentos, tu podes pensar nestas coisas?

Ora meu velho! Que hei-de fazer, sósinho por estes hoteis?

Agora, tendo viajado atravez a Italia e Hespanhà, onde assistiu á tragedia de uma toirada á antiga, e lhe mostraram, no Escurial, dois leitos onde Filippe II recebeu, ao mesmo tempo, a noticia da victoria de Lepanto, Henrique Castriciano chega-me a estes sympathicos penhascos da Beira Alta, nos quaes a guerra me prendeu. Quando, á noite, nos reunimos no casarão, sentindo a ventania arremeter contra os vidros da janella, o nosso assumpto não é a Suissa, nem Paris; o nosso assumpto é o Brasil. Ah! Como Henrique sonha um Brasil culto, activo, previdente, honesto, conformado nas praticas da ordem e do progresso verdadeiro!

Cinco dias, conhecendo a cidade em trabalho ou em descanso, conversámos livros, paizes, paisagens, viagens. Porém, antes e depois de tudo, conversámos do Brasil, irmanados por essa força de estima consolidada «num mesmo consentimento de vontades, e estudos, e sentenças».

Scenarios do «Amor de Perdição»

Nessa manhã doirada, fui mostrar a Henrique Castriciano as reminiscencias da cidade medieval, a Sé, os arcos, egrejas, frontarias, brazões e o resto das muralhas. Depois, havendo transposto as ruasinhas friorentas do bairro historico, entrámos um largo banhado de sol, com o theatro, um sobrado manoelino, uma egrejinha caiada, ao fundo, um casarão vermelhaço, da outra banda, e horizontes de céo azul poisando em montanhas de verdura ondulada.

Naquella praça, que os ventos do outomno açoitavam com altas ondas de poeira, passára-se uma larga parte sentimental e dramatica do «Amor de perdição». Foi com profunda estima pela memoria de Camillo que caminhámos para a casa onde vivera Thereza d'Albuquerque, a formosa e infeliz Julieta de Portugal. O convento perdera os dois lanços de janellas gradeadas, o arcozinho que levava a uma plaçuela onde se fizeram as antigas toiradas, a escura cerca, toda a remota solemnidade dos dias da tragedia. Um dos lanços, a pedreira da cerca, o material aproveitado num renque de cellas destruidas, foi tudo convertido no edificio das officinas de Santo Antonio, que dão hoje pão, instrucção e trabalho a dezenas de orphãos. O outro lanço, demoliram-n'o. Resta a egreja, muito branca e acanhada naquella prodigalidade de luz e contemplativa paisagem, defrontando-lhe o caio do oitão.

As senhoras de Vizeu fallam desses logares com um doce respeito á menina lacrimosa que os perlustrára entre intrigas de freiras e a alcovitico

duma falsa mendiga, a escrever escondido cartas de paixão. Dentre as que leram o «Amor de perdição», poucas o conhecem de uma só leitura. A novella de Camillo é a biblia amorosa da cidade. Ellas tratam das personagens como de pessôas familiares, amparando numa sympathia carinhosissima os dois namorados, o ferrador com a ingenua Marianna, a propria alcoviteira mascarada em mendiga, ao passo que repellem o pobre pae brutal, com palavras de odio e vingança para o primo de Castro d'Aire, a victima do desprezo e rancor de Thereza, o qual veiu a findar sob o bacamarte de Simão, num affrontoso assassinato. Uma dessas senhoras dise-me, uma tarde, textualmente:

— Dignos é que elles eram, Thereza e Simão. O outro é que era um bandido. Pois si a rapariga não n'o queria, p'ra que andava elle ainda a perseguil-a.

A critica das senhoras de Vizeu creio se generalisa nas leitoras de romances portuguezes. E' uma suggestão natural dessa novella de amor e de morte. Mas o romancista proprio a incita com a maneira de narrar os episodios, tão fundamente os repassa dos seus affectos pessoaes, cada vez menos isentos de parcialidade. Simão Botelho era um nevropatha vicioso, truculento e ainda mais desgraçado. Camillo, entretanto, sem attender ás reservas de hereditariedade em que tumultuavam os pensamentos máos, resalva-o com attribuir-lhe, orgulhosamente, «sangue do melhor de Traz-os-Montes»... Estudante, Simão aproveita as férias em Vizeu para esbordoar os humildes aguadeiros, só porque esses aguadeiros, donos das vasilhas que os machos do corregedor dei-

taram abaixo do parapeito de um chafariz, se indignavam ante os destroços dos seus cantaros quebrados. A sua sociedade attrahente era a arraia-meuda. Aos dezeseis annos, em Coimbra, rebenta a um tempo demagogo, agitador politico, clavinoteiro e vagabundo, que se mistura «á infima vilanagem». De repente muda num solitario scismatico, por ter a enfeitiçal-o os olhos de uma bonita menina. Então o campo, as arvores, os sitios mais sombrios e ermos se tornam o seu recreio. Mas, quando uma carta de Thereza lhe conta que o rival se interpõe, insistente, nos seus amores, o primeiro movimento de Simão é preparar-se para apunhalar o rival em sua propria casa. E assassina, por fim, o fidalgo de Castro d'Aire, mettendo-lhe uma bala na cabeça. Thereza, aos quinze annos, na edade em que Camillo capitula o amor como a «tentativa da avezinha que ensaia o vôo fóra do ninho», a manifestação derradeira «do apêgo ás bonecas», arma-se do fingimento de uma namorada experimentada, e vê e falla a Simão tres mezes seguidos, «sem dar rebate á visinhança e nem siquer suspeita ás duas familias». Depois mente, disfarça, engana, ora a tremer de pranto, ouvindo as supplicas do pae, ora a transbordar de solicitude pelo primo, que detesta, até o cumulo de, no moemnto em que a fidalguia de Vizeu lhe festeja o natalicio, cercando-a de finezas, damas e cavalheiros «á competencia», fugir da sala para fallar ao namorado no fundo do quintal. Porém essa creaturinha, representativa do espirito de simulação que o arabe e o frade ensinaram á alma peninsular, morreu de amor; o arruaceiro que, «em Coimbra,

abarrotado de vinho, andava pelas ruas armado como um salteador de estrada», o contradictorio, o sanguinario Simão, cuja violencia de caracter o levava a «confessar soberanamente» o seu crime de assassinio, é deportado para a India, e morre tambem de amor.

Um desembargador do Porto considera Simão «um doido com sentimentos nobilissimos». Lê-se a novella e sente-se ser esta a opinião de Camillo. Sem dar sentido ás taras lamentaveis que determinaram as attitudes e rebeldias de Simão Botelho, não sóbe além do juizo do velho desembargador o juizo das senhoras de Vizeu. Lêem e relêem a novella, sem ver, na horrivel tragedia, sinão motivos para lagrimas. Uma dessas sensiveis senhoras, assitindo ao drama do «Amor de Perdição», no theatro, enlouqueceu. Lá está ainda no hospital do Conde Ferreira, tolinha de todo.

Camillo, na verdade, entrechou o triste caso de um modo tão envolvente e empolgante (ou é, de si, esse caso infortunado que envolve e empolga pela sua terrivel complicação), que, mesmo depois de lhe haver analysado com frieza as personagens, se é conduzido ao horror das consequencias derradeiras, sem que, no embate das emoções, nada mais accuda que a queixa dolorosa de Figaro em presença da fatalidade. Sim: por que estes successos, e não outros differentes?

Parámos um momento, Henrique Castriciano e eu, na fonte onde Simão quebrára os cantaros. Já não descem aguadeiros, aos trinta, a apanhar agua nessa fonte memoravel. Nem machos de corregedor

avançam o focinho pelo parapeito e derribam as vasilhas dos miseraveis. Nem estudantes insolentes desancam a fueirada as moças, as raparigas, só por conjurarem contra creados malvados ou descuidosos dos grandes senhores. A agua da fonte é salôbra, ganhou fama de má. Dizem uns que faz bem ao estomago; querem outros que seja uma agua calcarea, malsaborosa e pesada. Só o povoléo do Arco se vae supprir ás torneiras seculares, sob o olhar morto da imagem de pedra que os domina de um poial.

A' tarde abancam á sombra do casarão, que é hoje o Correio Geral, ouvindo a agua pingar, velhas cuscuvilheiras, mendigos e soldados.

Quando entrámos o solar dos Albuquerques, evoquei a filha desse fidalgo rixoso que contava trinta annos de libertinagem e se sentia morrer só por ver um namoro de creanças. Evoquei Thereza sahindo a larga porta, caminho do convento, com tinteiro, papel, o maçete de cartas de Simão mettido no seio virgem. A entrada estava deserta. Havia no saguão silencioso lageas frias, humidade e bolor. Passámos ao «guichet» dos sellos. Como levavamos cartas para o Brazil, deitámol-as á caixa.

O milagre

Noite de S. João, rebentou na cidade forte trovoada; mas isso não impediu que os socios do Gremio reunissem nos festivos salões e as familias dansassem até tarde. O Gremio funcciona num sobradão bem cuidado, que domina o Rocio, tendo em frente um jardim, e, rente ao logradoiro, uma ingreme rampa com o para-peito de uma grade de ferro que a segue de alto a baixo. Pelas dez horas,

continuando a tempestade, foram as dansas arrefecendo. Toda vez que os trovões abrandavam, senhoras e meninas, embrulhadas em capas d'inverno, apertando o cabo do guarda-chuva, esgueiravam-se pela parede e ganhavam a rua Formosa, se não subiam ao Soar de Cima, caminho das ruelas centenarias. Outras, porém, as que moram distante, houveram de ir-se embora a carro. E' uma difficuldade tamanha galgar um carro aquella rampa do Gremio! Porém la subiam, a heroicos empurrões dos animaes e inda maiores chicotadas dos cocheiros. Da feita em que um carro já descia com a sua carga gentil de valsistas, um horrendo trovão estrondou sobre o Gremio. Os cavallos, espavoridos, desnortearam; em vez de descer, voltaram-se para o Rocio e, sem que força humana os detivesse, precipitaram-se na praça levando de roldão um bom lanço da grade. Os passageiros, o cocheiro, os cavallos, nada soffreram senão o susto. As rodas do carro cahiram inteiras: como succedera ás pessôas, o carro nada soffreu.

Ao dia seguinte, a cidade enchera-se do espantoso caso. Estiára. No sitio do desastre começaram de apparecer os curiosos. Foi Vizeu em peso que se deslocou para ver a grade por terra, a rampa nua e pedaços de pedra pelo chão. Os camponezes, antes e depois dos negocios, paravam ali embasbacados. Como se para offerecer mais dilatadamente á popuação o effeito do grande drama, a Camara demorou em retirar os destroços. Senhoras da alta, a bôa sociedade viziense quiz ver; fez-se romaria ao recanto do passeio. Commentou-se com muita palavra e muito gesto o acontecimento. Nos commentarios

repetia-se o facto. A narrativa desandam para os lares, viajou para as aldeias, cresceu, transformou-se. A' tarde, eram já tantas e tão assombrosas as versões, que nem sei se a que acima registei seja a verdadeira. Porque, ao jantar, soubemos, com os mesmos visos de authenticidade, que o carro não conduzia menina nenhuma: rodava em baixo quando estalou o trovão; mas, como cahira um raio sobre a grade, o lanço visto por terra desabára-lhe em cima, batendo na capota, nos joelhos do cocheiro, na cabeça dos cavallos, até cair, sem fazer o minimo estrago...

Uma certesa, porém, ficou, mais ou menos arraigada, nas casas e choupanas da Beira Alta, e é que aquillo fôra milagre...

O VERÃO DA GUERRA

O verão da Guerra

Em S. Pedro do Sul

As thermas de S. Pedro do Sul fluem numa cóva, entre montes cobertos de pinheiro, com moradias brancas pelas faldas. Corre, ao fundo, pontuado de penedos, o rio Vouga, que bordam velhas videiras verdejantes, a par de milharaes espessos vicejando-lhe nas margens.

Duma banda e da outra, em sentadas estreitas, ha casas, sobradões, hoteis pintados de vermelho escuro. O rio é atravessado por uma ponte de pedra, sob cujo ultimo olhal a agua é profunda e negra. As mulheres lavam roupa acocoradas no saibro grosso. Ha barracas azues, para banhos, á beira da corrente. Sobe-se. A' direita, demora o casarão sujo dos primitivos banhos, com janellinhas de cella gradeadas de ferro e um escudo d'armas á entrada. Em cima, ao fundo duma pequena praça onde, sob uma arvore, se vendem meias e missangas, está o novo estabelecimento, grande, quadrado e branco. Por uma subida, ao longo da frontaria, vai-se ter á nascente, á casita das inhalações.

Vê-se de longe a fumarada a crescer no ponto em que a agua, irrompendo duma rocha vulcanica, ferve ha seculos na temperatura de 66 gráos. A captação fôra feita em 1689, e lá está, sobre a parede de granito, a inscripção commemorativa encimada duma cruzinha de pedra a que falta um braço.

A impressão primeira das thermas é que alli reside uma farta fonte de saude e mais farta ainda de riqueza. Entra-se. Na bilheteria, ha bilhetes postaes da villa, cartões de banhos, de pulverisações, de duchas, de inhalações.

O meu companheiro de viagem disse-me desolado:

— Venho aqui ha dezoito annos e nunca vi a analyse destas aguas.

Fomos correr o estabelecimento. A' primeira sala, no alto da parede, emergia, em marmore, o busto da rainha D. Amelia, grande como um enorme camafeu. A rainha estivera em S. Pedro varias vezes, a tratamento da garganta. Das suas estadias subiu na municipalidade um orgulho realista cheio de gratidão, e mudaram o nome das thermas para **Thermas da rainha D. Amelia.** A fim de que a mudança se publicasse e perpetuasse, metteram por cima das janellas uma nova denominação gravada em pedra. Porem veiu a Republica, e a municipalidade, que explora as thermas, passou por sobre o nome da rainha uma tira de grosso papel. Veiu ainda, depois da Republica, como vinha antes, o sol. Queimou, estalou, rompeu o papel. Hoje reapparecem as lettras, e pode-se bem descobrir **inha, a, e, lia.** E' tudo.

A installação das duchas, concluida ha pouco, é bôa. As banheiras, pessimas.

— Ha tambem a outra, a velha casa. Está lá ainda o quarto onde dormia D. Affonso Henriques.

Nesse antigo estabelecimento, tomou-se banho num tanque vasto, onde, ao que contam, entravam muitas pessôas para a mesma agua, ao mesmo tempo. Pela unica vez lastimei D. Affonso Henriques, embora a piscina em que se banhou fosse feita especialmente para lhe receber a perna ferida em Badajoz. Também lastimei el-rei D. Manuel, o venturoso, que se banhou na mesma piscina.

— V. exc. não quer ver os banhos **mixticos?**

Banhos mysticos, pensei desorientado. Emfim...

— Quero, sim.

Eram banhos mixtos, os taes das barraquinhas azues á borda do Vouga. O meu companheiro, que, na qualidade de portuguez, lamentava toda aquella falta de ordem e asseio, confidenciou-me:

— Falta é direcção, reclamo.

Sahimos para o Chafariz. Na praça, em volta das missangas, varinas de chapeu redondo, aos bandos, remexiam caixas de medalhas, meias, fitas e bonecas.

De volta, desanimado, quando o meu companheiro, frequentador das thermas ha dezoito annos, me noticiava ali pretender demorar até setembro, fui sentar-me ao mirante do hotel, num banco quebrado, ao pé da grade, onde floriam cravos vermelhos. Em baixo, o rio deslizava na areia clara. Os derradeiros reflexos do occaso punham na correnteza immensas manchas roseas e azuladas. Um vento mor-

no soprava as parras verdes á beira d'agua. Duas aves flecharam esse maravilhoso fim de tarde, voando longamente contra os pinheiros da encosta. Meu companheiro falou do Rio de Janeiro, do Rio de 1882, que elle encontrara, rapazinho.

Pela manhã, tomado o café, dava eu caça ás pulgas do hotel na minha calça, quando parou o automovel. Corremos para S. Pedro e Vizeu, por vinte e tantos kilometros de ampla estrada, pinhaes, curvas do Vouga, quintas, aldeias, lavradóres em trabalho, céu limpo, sol quente e gorgeios. A' noite, em Vizeu, accordou-se que S. Pedro do Sul é a Cintra da Beira.

Noite de arraial

Na vespera da Senhora da Saude, á noite, o povo de Paradinha diverte-se com o supplicio de um gato, que, corrido das chammas, tem de saltar do topo dum mastro plantado no arraial.

O dia da Santa, como é feita a romaria pelos donos da quinta, passam-no a dansar, a cantar, comendo e bebendo embaixo dos carvalhos; mas essa folia aldeã limita-se numa revivescencia do respeito dos couteiros medievos pelos senhores da terra.

Outrora, o velho Sebastião Carvalho, hoje, a sua prole numerosa preside aos festejos. Enfeitam a capellinha armoriada, que fôra do fidalgo do Arco. Levam a banda dos Capacetes ou a dos Milhundros; fazem cantar missa, com três padres, sermão, foguetorio e morteiros. Uma procissão das ima-

gens de S. Antonio, S. João, a Rainha Santa, a Padroeira e anjinhos que ostentam trajos faustosos vindos de Coimbra entremeando os andores, passeia a rua de choupanas e a rua de carvalhos. A cidade vai merendar em volta á casa patriarchal, nas sombras do arvoredo. Promittentes piedosos enchem de moedas uma salva de prata. Convalescentes resam horas seguidas ao pé do altar depois de percorrerem de joelhos a capellinha de pedra. E um grande jantar de familia reune, ao cair da tarde, na sala de mêsa, que abre sobre o valle, os descendentes do honrado lavrador.

Os moradores recebem estes festejos, a concorrencia, a presença dos proprietarios, a banda, como uma dádiva celeste, pois essa gente é gratissima a quem quer que a divirta. Porém só na vespera á noite se entrega aos folguedos tradicionaes, com a bravesa instinctiva posta a serviço da sua expansividade zombeteira.

O pinheiro vem da matta a gingar no lombo dos moços lenhadores, acompanhado de garotos e creanças, todos em algazarra pela erva atrigada, ao sol quente de Agosto. Deitado no arraial, num limpo do terreno, á distancia das arvores, vestem-no de ramas seccas, silva e caruma, mettem o gato na ilata preso a um vincelho, e, em breve, o rude tronco, levanta-se direito á vista dos montes azulados. Ao escurecer, já as raparigas pulam cantando em roda do pinheiro, ao batuque dum bombo. Para o cercar tambem de dansas e cantares, ceifeiras, carreteiras, trabalhadores da malha, das colheitas, das obras de Vizeu, todo o povo de Paradinha e Repezes se arran-

ca alvoroçado á canceira das fainas. As lanternas do arraial mostram o grosseiro mastro, illuminado, apontando o céu de verão, longinquo e azul sob a faixa estellar da Via-Lactea. Não se ouve o gato mexer. O ruido que o bichano produz, confunde-se ao falatorio e á pancadaria da musica. Mal se vê bulir a lata no cimo do pinheiro.

Queimado o fogo preso, inda ao troar dos foguetes, um velhote aproxima-se e atêa lume á palha. A folhagem crepita, uma lingua ignea rebenta e tremula. Immediatamente param as dansas e as cantigas. Alarga-se o cerco. Os olhos erguem-se anciosos. E o fogo abraça o tronco, queima-o, escodêa-o, vai subindo e estralando, e já se escuta barulho na lata, que uma labareda mais alta começa de tostar. Agora o vincelho se parte. Ninguem pestaneja. De repente, o gato cae sobre o povoléo e, sem que o possam agarrar, atira-se furiosamente para o matto.

Esse espectaculo enche o coração dos camponezes. A gargalhada, os pinchos, as palmas com que vêem o animal correr derribando as giestas, picando-se nos tojos, é tudo tão forte e sadio como os seus penedos natães, os ares bons das suas verdes serras.

O sorteio

Agora, em Julho, os jovens conscriptos, os mancebos, sobem das aldeias a tirar a sorte para o serviço militar. Esse serviço militar obrigatorio, elles o detestam. Sobem, no emtanto, a cantar. Não sei se

é de contentamento que cantam caminho da inspecção. Cantam talvez por vicio, porque cantar, na felicidade ou na desgraça, é habito de todo portuguez do campo. Em Portugal inda se foge para o Brasil com passaporte falso e passagem paga pelos engajadores, só por **fugir** á tarimba. Mas o dia em que os mancebos vêm á sorte para soldado, é um dia de ferias na soalheira das searas. E' por isso talvez que vão ao accaso do sorteio, complicar provavelmente a vida para sempre, com o mesmo expansivo prazer com que saem ás romarias, em **ramaldas.** Elles reunem na aldeia, á sombra dum carvalho, trajando a andaina domingueira, a melhor, com cravo encarnado á lapella, a muchila do farnel ás costas, o guarda-sol numa mão e a viola na outra. Contam-se então todos; põem-se em marcha. Entram na cidade aos bandos, os guarda-sóes pretos abertos, violas, guitarras, vibrando o fado, a cantar perdidamente em plena luz e calor do verão.

Quem tiver filhas no mundo
Não 'ria das malfadadas;
Que as filhas do triste fado
Também nasceram honradas.

Accodem familias ás janellas. Quando se notam olhados, batem castanholas com os dedos e mettem-se a dançar no meio da rua. De volta, os sorteados trazem a guia na fita do chapéo, dobrada ao comprido, tremulando ao vento. E é a mesma jovial **ra-**

malda, em descantes, castanholando e dançando pela rua ao tinir dos instrumentos. O unico desses homens que vi cabisbaixo e isolado, não trazia guia. Porém uma rapariga que mexia a tina de sulfato na vinha do visinho, vendo-o defrontar o portão, ergueu-se agitada e gritou para fóra, indifferente ao sulfatador, que esperava com a machina ás costas:

— O' Manuel! sahiste livre?

Manuel olhou-a aborrecido, sem parar:

— Sahi.

Ella ficou a seguil-o com os olhos ao longo do muro.

— Avia-te, rapariga!

A rapariga metteu de novo o mexedor na tina; e mexia falando:

— Pois se eu estou mais contente do que se tivesse um conto de réis na mão, carágo!

Voltava outro bando, outra **ramalda.** Que festa a da guitarra e da viola fadeando á frente das guias tremulas! Mas, atraz da **ramalda,** uma mulher seguia as cantigas chorando alto. E respondia a quem lhe falava:

— Pois não hei de chorar? Ha três annos que meu irmão ficava **esperado,** e hoje foi sorteado!

A Emigração

Tem-se mantido ultimamente em Portugal desabrida campanha contra o Brasil. O elemento official, que a sustenta mandando desacreditar a economia e finanças brasileiras em escriptos á porta de

camaras municipaes, (1) dá a entender que pretende com isso evitar que partam para o extrangeiro os camponezes, contendo-os em suas terras. Não obstante, os camponezes embarcam aos magotes. Na

---

(1) Essa campanha de descredito passou-se ao Brasil, e está sendo exercida, ora com disfarce, ora declaradamente, assumindo, nos dois ultimos annos, proporções que, noutro paiz de condencendencias menos desmarcadas, haveriam levado já o povo e o poder publico á reacção. Constrangidos pelo exclusivismo das conspiratas, com immensas levas de agricultores, que, ao contrario dos italianos, dos polacos, dos allemães, dos russos, etc., aqui chegados, desdenham o campo e ficam na cidade, têm-se transportado á nossa terra homens de letras, alguns dentre os mais presados pelos intellectuaes brasileiros. Esses escriptores, com outros tantos politicos exilados, vêm erguendo, em conferencias, em commemorações, uma algarada, cada vez mais ruidosa, na qual se proclamam, por sobre omissões e allusões deprimentes da nossa individualidade nacional, incomparaveis feitos portuguezes.

Certos jornaes ditos brasileiros, que, na realidade, não o são, têm concorrido sobremodo para isso. Rebaixando nossas aspirações nacionaes, os proprios destinos do Brasil, não só admittem por collaboradores aquelles jocosos missionarios, como os auxiliam com inedictoriaes seus. Mesmo hoje (12 de Junho de 918), quando inda echoam as commemorações da batalha do Riachuelo, que foi verdadeiramente um grande feito da marinha brasileira, um sr. Alexandre de Albuquerque — o mais grosseiro de todos —, depois de alardear o passado historico de Portugal, reduz-nos a... um simples *presente geographico*. Saiba-se que esse importuno começou a escarnecer o Brasil depois que uma Faculdade de Direito nossa lhe confirmou a carta de bacharel trazida de Portugal, permittindo-lhe assim advogar na Republica como os filhos do paiz. Eis as mimosas palavras do terribil campeão :

«Passou hontem o dia do grande epico, que é a synthese mais extensa da Patria Portugueza, e a mais alta encarnação do

Beira Atla, ao que me informam, ha aldeias onde se não encontram mais homens, outras inteiramente despovoadas. E o jornal em que leio as noticias da emigração, dá como emigrante para o Brasil até um brasileiro...

O unico brasileiro

Quando o comboio deixou de vez, atraz do pinheiral, as torres da cidade, o meu companheiro de wagon metteu o braço embaixo do banco, levantou uma gaiola de folha de Flandres e encostou-a no almadraque visinho, á ilharga da mulher.

— Maroto!

E ella, uma senhora gorda, amarellenta, o cabello ralo aberto para as orelhas, os olhos meudos e bondosos afundando-se nas palpebras inchadas:

— Filhinho...

Que seria? Ergui-me. Fui ao extremo do carro para voltar-me, vêr de frente «o maroto», «o filhinho». Rodavamos a descer para as thermas de S. Pedro do Sul, por entre encostas cobertas de pinheiro, com um céo baixo e esmaecido cobrindo a soalheira. De vez em quando, nalgum rincão pedregoso, verdejavam milhos curtos, mas viçosos, pendoando por

---

genio da lingua commum ás duas grandes nacionalidades — Portugal e Brasil.

E digo duas grandes nacionalidades, porque Portugal o é, não só pelo seu vasto dominio colonial, mais principalmente pelo seu passado historico, como o Brasil *pelo seu presente geographico.*»

sobre as folhas cahidas. Os lavradores dormiam no chão, á sombra do arvoredo. O vento sacudia as agulhas, remexia as carumas. Fugiam melros espantados e, aqui, além, mulheres de lenço vermelho escoravam-se ao cabo do sacho para vêr a passagem.

— Papá!

Era um papagaio. Um papagaio que chamava **papá** aos donos, marido e mulher. Como me relacionei com elles antes de chegar, soube que haviam estado no Brasil, residiam em Lisboa, não tinham filhos e era brasileira a ave. **Papá** marido, ao saber-me brasileiro, com a doçura, a amabiildade em que abrandam os portuguezes no Brasil, indicou-me o hotel mais cómmodo, o hotel para onde ia, e, depois do jantar, em que, por disposição da hoteleira, fomos ainda companheiros de meza, teve a gentileza de mostrar-me o estabelecimento, a nascente, as diversas especies de banhos, terminando com um passeio pela estrada de Vouzella, estrada larga, clara, cheirosa, com o valle em baixo e a ermida da Senhora do Castello muito branca no alto da serra.

Deitei-me pensando no papagaio. Pela manhã, ao café, D. Maria entrou com elle no salão. Trajava, uma **matinée** listrada com as côres monarchicas, frouxa, de mangas largas, caseira.

— Eu gosto d'este hotel porque não ha luxo. Anda-se como se quer. Não é, filhinho?

E cingia o papagaio ao seio, punha-lhe as mãos á cabeça, beijava-o, tornava a beijal-o, como se fosse uma creança.

— E' muito mansinho, muito, muito...

Nem pensava a meiga senhora que eu também

gostaria de acariciar o papagaio. Elle era o unico brasileiro visto por meus olhos em três mezes de Portugal, o unico patricio encontrado em três mezes de ventania e trovoada. A menina entrava com o café. D. Maria poisou o papagaio na janella. Elle marchou, arrastando a cadeia pelo poial. Depois parou e fitou-me. O vento no rio soprava-lhe a penugem dos encontros. Com os invernos de Lisboa, tornara-se um papagaio escuro, magro, de unhas cinzentas. Mas os olhos que lhe rolavam nas orbitas redondas, eram os mesmos, dois olhos aloirados, contemplativos e limpidos. D. Maria soprava o café, á moda do Brasil, no pires.

Lôro fitava-me. Um minuto estivemos assim, olhando-nos um ao outro. O seu olhar parado demorava com preguiça. Como, porém, quiz eu vêr, nas suas pupilas abstractas, reminiscencias da nossa patria longinqua! Como, por momentos, me pareceu elle evocar, em saudade, o meu sertão distante e combusto, as revoadas verdes, ao sol do meio dia, por sobre os roçados! E as grandes arvores, o bando em repoiso nos ramos, quebrando o silencio da tarde com a gralhida, o tumulto dos gritos selvaticos, a lingua negra e grossa batendo no bico recurvo como ensaiando falar... Mas o que, sobretudo, me lembrou o velho papagaio magro, foi, afinal, o Brasil. Quanto o amei, no breve encontro dos nossos olhos, á brisa fresca do Vouga! Verde, amarello, a floresta, o oiro, as côres da bandeira, o sonho, a esperança, elle proprio, papagaio brasileiro, symbolo alado da patria, unico patricio meu em Portugal!

O analphabetismo

O sr. Faustino da Fonseca acaba de publicar no «Seculo» um artigo sobre a instrucção em Portugal. O analphabetismo europeu, nessa publicação, é parcamente definido; mas fica-se sabendo que na Suecia, Noruega, Dinamarca, Allemanha e Suissa, toda gente sabe ler. Na Inglaterra, a percentagem de analphabetos regula 2 por cento; na França, Italia, Hollanda, Belgica, Austria, entre 2 e 17 por cento; em Portugal, 91 por cento. Segundo recenseamento, havia em Portugal em 1911, uma população escolar (de 5 a 10 annos) de 703.153 creanças. Dessas creanças sabiam ler apenas 68.964, ou sejam 91 por cento de analphabetos, como acima se refere. O cuidadoso pedagogo estuda particularmente o analphabetismo de alguns districtos do paiz, demorando e commentando mais quando trata das três cidades principaes: Lisbôa, Porto e Coimbra.

No Porto, em 19.163 creanças de edade escolar, sabem ler apenas 2.221; em Coimbra, de 6.729 creanças de 5 a 10 annos, sabem ler 818, e em Lisbôa, na capital, de 72,819, sabem ler 14.260. O bairro de Lisbôa chamado o «coração da cidade», a Baixa, conta 3.721 creanças analphabetas.

Registando, segundo as conclusões estatisticas, o analphabetismo de outros districtos, o sr. Faustino da Fonseca consigna o seguinte: em Valpaços, de 3,077 creanças, sabem ler 206; em Montalegre, de 2,463, sabem ler 84; em Ponte do Sôr, de 1.435 sabem ler 46; em Ribeira da Pena, de 1.188, sabem ler 43. Em todo o conselho de Porto Moniz,

não são analphabetas 12 creanças de edade escolar. Na ilha de Santa Maria, sabem ler 35, e na de Porto Santo, 8.

O artigo do sr. Faustino da Fonseca está urdido de conclusões lamentosas e patrioticas. Nada disso me apraz analysar, pois que só me proponho aqui levar estas informações ao meu paiz, para onde Portugal, a contra gosto dos seus estadistas e sociologos, envia todos os annos milhares de individuos, dois terços dos quaes, como provam as resenhas quotidianas do «Diario de Noticias», são analphabetas.

O sr. Faustino da Fonseca não responsabiliza ninguem pela crescida percentagem de analphabetos encontrados na sua terra. Seria injusto se o fizera. Porque, desde o governo João Franco, ha em Portugal forte campanha contra o analphabetismo. O infortunado ultimo ditador da monarchia instituiu a instrucção obrigatoria, commettendo aos professores primarios o dever de fazerem annualmente um recenseamento escolar, mediante o qual seriam chamadas ás escolas officiaes todas as creanças de cinco a dez annos de edade.

Uma das obras da Republica mais notaveis ha sido o interesse pela reducção do analphabetismo. Ultimamente quasi todos os professores primarios portuguezes deram opinião sobre a centralização ou descentralização do ensino, havendo precedido á **enquête do Seculo** um congresso em que excellentes idéas de reforma foram expendidas. Entretanto, o numero de analphabetos, se não augmenta, decresce mui lentamente.

Será, por certo, vicio antigo da nação, principal-

mente das populações ruraes esta resistencia á carta de A. B. C. Uma professora cá da provincia da Beira Alta conta-me o facto seguinte:

— Quando eu estive na aldeia, para attrahir as creanças pobres, as que trabalhavam já, ajudando aos paes, sobretudo os pastores, dava-lhes aula mais cedo, duplicando o meu trabalho. Mesmo assim, faltavam constantemente ás licções. «Mas porque vocês não vêm á escola, meninos?» perguntava-lhes eu. «Porque o pae não deixa, minha senhora — respondiam. Elle diz que, guardando as ovelhas, nós lucramos mais do que vindo á casa da mestra».

Isto ao tempo da lei João Franco; porque, antes, havia com que Camillo Castello Branco botar na bocca dum personagem do seu romance **Mysterios de Fafe:** «Ja quiz ensinar meu pae a ler. Diz que ainda não teve precisão de saber ler, nem póde distrahir o seu tempo com coisas inuteis».

P. S. — O portuguez de nome José da Graça Fernandes, commerciante no Rio de Janeiro, vem de pedir, pelo **Seculo**, ao governo de seu paiz, o estabelecimento de escolas primarias na capital do Brasil. Pede José da Graça escolas publicas para o Rio, porque, diz elle penalisado, «milhares de creanças nascidas em Portugal frequentam as escolas publicas e particulares do Brasil».

A guerra

Estavam começando as colheitas, e a Austria conduziu canhões seus ás aguas do Danubio e disparou-os sobre Belgrado; três dias depois a Russia

mobilisou o seu exercito; o Kaiser mobilisou tambem, invadiu dois paizes neutros, invadiu a França; a Inglaterra aprestou-se para proteger a Belgica; a Italia negou-se a acompanhar a Allemanha na aventura imperialista, e uma destas manhãs a Europa acordou conflagrada.

Esta guerra veiu encontrar Portugal em pleno lusiadismo — isto é, cantando heroes, sagrando bravos, glorificando-se. Romancistas, poetas, publicistas de toda sorte revolvem archivos, resuscitam guerreiros, reconstroem épocas, e o que se lê são feitos como não ha-de ter tido outros maiores ainda o mundo. No livro recente do sr. Julio Dantas — **Patria Portugueza** — a consagração da bellipotencia de Portugal attinge um enthusiasmo superior ao dos Lusiadas. Sente-se que Portugal está satisfeito com o seu destino no planeta. Organisando uma fórma nova de governo, inda com honra, logo que se confirmou a conflagração, a Republica pensou nas suas colonias de Africa, que vêm sendo, ha seculos, scenario de muita da valentia ora exalçada. Os chefes politicos conferenciaram sob o andó branco do sr. Bernardino Machado e declaram depois, publicamente, no Congresso, confiar ao illustre estadista a defesa da Nação. Nessa sessão extraordinaria ergueram-se vivas á Inglaterra, á França, bateram-se palmas em meio aos discursos, e o numero seguinte do **Seculo** abria com estas palavras — **Um dia de gloria para Portugal.**

Infelizmente, pois que nem tudo é pensamento e idealismo, mesmo entre os povos de mais decantada historia, ao passo que o parlamento e a

imprensa excitavam o amor patrio nacional com tanto talento celebrado pelos escriptores, o commercio de Lisbôa augmentou o preço dos generos alimenticias. A noticia desse augmento correu celere o paiz, e não houve taverna que se eximisse de lucrar mais, porque as tropas de Guilherme II assassinavam e destruiam templos e bibliothecas na Belgica e na França.

Como era natural, o povo de Lisbôa indignou-se com o açambarçamento: assaltou uma mercearia. A noticia dessa indignação tambem correu célere o paiz. O ministerio reuniu-se. E resolveu defender o população da ganancia do commercio. Medidas tão decisivas e energicas foram tomadas, que já não é possivel modificar o preço a genero alimenticio algum sem communicação antecipada á autoridade.

Em Vizeu, como as regateiras começavam a abusar da situação, a Camara Municipal tomou a si a venda dos ovos e de muita coisa mais.

Assim, vão sendo lidos os telegrammas da guerra tranquillamente nos occasos vermelhos da Republica.

No valle do Vouga

Saio de Espinho, rompendo a névoa, no comboio do Valle do Vouga, o mais novo dos caminho de ferro de Portugal e já celebre pelas voltas que corre entre a beira-mar e a Beira Alta. Esse comboio, que ora sobe, ora desce, ganhando, em seis horas, uma altitude de quinhentos e quarenta metros, realisa o milagre de parecer passar duas vezes dean-

te de S. Pedro do Sul, caminhando sempre para a frente. Percorre, no entanto, muito do que estas terras possuem melhor como paisagem. Há um trecho de montes nús, quasi negros, que desola; mas, deixando a ultima vela perdida na bruma da manhã, as mattas de pinheiro, os valles, riachos, o Vouga, as estradas á margem do rio, villas, campos de cultura, é tudo variedade e bellesa encantadora.

Logo ao sair de Espinho, quando, passadas as derradeiras casas, se vai perdendo a lembrança do mar, um bando de gaivotas, revoando sobre o pinhal, torna a evocal-o. Cuida-se que são as despedidas da praia aquellas brancas azas doirando-se ao sol. Não. As gaivotas, parece, amam o sitio dos pequenos pinheiros. São numerosas, são centenas, uma grossa nuvem alva d'azas inquietas, voando juntas no mesmo espaço sobre as ramas verdes. A locomotiva silva; a engrenagem produz um ruido brutal no matto deshabitado. O fumo que sae da chaminé, irrompe em grossos novelhos infindaveis, e ellas, as aves, indifferentes, continuam o seu limitado passeio aereo, num como somnolento vagar. Galga-se a primeira eminencia. As voltas succedem-se diabolicamente. Vai-se adormecendo a lembrança das gaivotas, mas, ao longe, baixa ainda um revôo d'azas aureas, emquanto a fumaça invade a carruagem.

Quando chegamos a Sarnada, outro comboio partia. Entraram camponezes de chapeu largo, moxila e varapáo. Havia três horas, viajavamos. Afóra um castello, que desappareceu, na curva seguinte, atraz dum monte, e o nome das estações, — Oliveira d'Azemeis, Albergaria a Velha, Albergaria a No-

va, — pinheiraes, carvalhedos, rincões cobertos de troncos inda sangrando resina, fazia-se tudo monotono. Ergui-me para desentorpecer e ver os camponezes de varapáo. Elles já se denunciavam aos espectadores da gare com o seu reboliço e falatorio nos carros de terceira. Apesar de calçados, da jaqueta, do indefectivel collete portuguez, da calça de casemira, traziam por tudo poeira, nodoas, porcaria. O varapáo d'alguns era pintado de amarello. Repellidos, pela enchente, dos bancos e do corredor, vieram uns seis até a entrada do carro e puzeram-se a queixar da companhia. «Não tinham accommodações, não vendessem passagens. Quem comprava o seu bilhete era para ter o seu logar de seu». Um delles, de face pallida e barba por fazer, tendo concordado nas queixas sempre em galhofa, disse em conclusão:

— O que nós deviamos **fazeri** era **ire** p'ra segunda, **vucês num** acham?

Destacava-se do grupo, pela altura e magresa, um rapaz de pelle amarellenta, nariz fino e olhos pequenos. Uma cara de rato pintada a ócra. Quando o outro acabou de galhofar, a ponta do nariz tremia-lhe. O varapáu tambem lhe tremia na mão ossuda. Elle ouvira calado.

De repente, deu de hombros, num arremesso de revolta e, com voz de commando, gritou abrindo caminho entre os camaradas:

— E' **entrare!**

Sem palavra, os mais seguiram-no, invadiram a carruagem de segunda onde eu viajava, e occuparam todos os logares vagos. Nas duas estações se-

guintes, houve nova invasão. Por fim, já era a carruagem de primeira a assaltada, e os conductores recebiam com um riso resignado, mas de solidariedade tambem, os bilhetes de terceira. Por sobre o encosto dos bancos via-se a ponta dos varapáos e copas de chapéos manchadas. Os primeiros minutos depois de invadirem as carruagens foram de concentração. Haviam commettido uma violencia, e pensavam, repoisavam da arrojada acção. Mas, nas estações, chegava-se gente ás portinholas para os ver, e, em breve, como ninguem os reprovasse, sacudiu-os uma alegria de conquista, metteram-se a falar, espontaneos como nos serões da aldeia. Falaram de valentia. Ficou assentado que, muitas vezes, o mais fraco é o que vence; tem medo e dá logo golpe de matar. Tratou-se dos effeitos da trovoada nas vinhas, da viagem ao Brasil, da feira, aonde iam, e nenhuma voz se levantou a contestar um velho d'olhos azues e lenço ao pescoço, quando disse, dominando a assembléa com a respeitabilidade da sua barba suja:

— Conselho de mulher não se toma.

Em Villa de Frades entrou um garoto com os jornaes do Porto, do dia, e jornaes velhos de Lisbôa. O homem de face pallida, o galhofeiro, que propuzera a invasão, dirigiu a escolha:

— O melhor é compral-os de Lisbôa, porque Lisbôa está mais perto da guerra que o Porto.

E compraram **A Republica,** preferindo-a ao **Seculo,** uma das folhas mais noticiosas da Peninsula Iberica. Antes de ler o diario, o camponez fez-se si-

sudo e realizou a seguinte pequena conferencia sobre as forças allemães:

— Os allemães têm cinco milhões de soldados.

— E' objecto — observou o velho da barba suja.

— Sim, cinco milhões de soldados — E calmo, com os olhos no visinho — Cinco milhões são... Um milhão tem dez mil; cada mil tem dez centos; cada cento, cem soldados. Ora, cinco milhões são seiscentos mil. E' soldado que ta parta!

Os ouvintes quedaram em silencio, como esmagados pelos cinco milhões de barbaros das hostes germanicas, ou seiscentos mil, que era tudo a mesma coisa. Foi quando o sujeito magro da cara de rato, o chefe da revolta, que se conservava cabisbaixo, extranho, tarado, ergueu o nariz para o orador. Não proferiu palavra e recahio no seu mutismo doentio. Veiu a chuva. Pelos telhados curtiam enormes aboboras côr de gemma d'ovo. Pelas voltas da estrada via-se, no cimo da montanha, a ermidinha da Senhora do Castello.

Expedição á Africa

Portugal acaba de mandar forças militares a Angola e Maçambique. Não é restabelecer a ordem por ventura perturbada nessas provincias, que as forças vão. Comquanto haja a Republica permittido ao governo das colonias denominação mais liberal que a da Monarchia, antes parece ser de revolta que de estima a attitude dellas relativamente á metropole: segundo referem os jornaes, ha escravidão, inda hoje, em S. Thomé, e a ultima rebeldia do Congo portu-

guez, motivou-a, além de outros pesadissimos, um imposto lançado sobre os defuntos. Porém não é isso que inspirou a expedição. Portugal envia tropas á Africa, porque os allemães lhe estão beirando as possessões. A desconfiança dos aggressores da Belgica livre, trabalhadora, culta, prospera, pacifica, é, pois, que o obriga a despender alguns mil contos de réis, despovôa, a par da emigração, as velhas cidades e abre por todo o paiz correntes de lagrimas queixosas.

A mobilisação fez-se, comtudo, calmamente, durou um mez. O retrato de muitos expedicionarios foi publicado na imprensa. Receberam todos soldo triplicado, com promessa de pensão de sangue ás familias; e, posto que a Republica os solicitasse, incorporaram-se espontaneamente.

Pela voluntariedade com que se constituiu, a expedição mais está parecendo um passeio de férias que um risco de morte, mais expedição de recreio, que expedição de guerra.

Si, para complemento de commodidade, houve quem levasse até lençóes, cobertores, travesseiros, fronhas de renda.

Todavia, de face á visão tragica das campanhas de França, ante a approximação dos allemães, que estão quasi ás portas de Pariz, esta caminhada á Africa dá ás mães portuguezas, aos filhos, irmãos, esposas e noivas, a perspectiva de que os queridos parentes marcham realmente para o campo de batalha. Debalde o governo publica que as tropas apenas vão guardar as colonias; debalde repete que os portuguezes só entrarão em combate se a Inglaterra for-

mular um pedido, que, asseguram, já annunciou; debalde tudo.

O que estas senhoras sensiveis de Portugal crêem, o que lhes enche a dorida imaginação, é o drama terrivel de milhares de cadaveres que a metralha da Allemanha e a artilharia dos alliados extendem, noite e dia, ha cinco semanas, nos campos ensanguentados. E' a Belgica invadida, num arrojo de brutalidade sem exemplo, contra todos os principois do direito das gentes, contra compromissos de honra assignados pelo proprio governo de Berlim; é Lovaina destruida só porque os seus habitantes ousaram resistir aos invasores da patria; as aldeias incendiadas; mulheres, creanças, velhos fuzilados pelo crime unico de serem esposas, filhos e paes dos guerreiros de França e da Belgica. E' a barbaria germanica, orgulhosa, poderosa, desvairada, que ameaça a Europa do seu pan-germanismo terrivel, com a Prussia nucleo da Allemanha e a Allemanha nucleo do continente. São todas essas tragicas visões que tumultuam na pobre cabeça da mulher de Portugal precisando-se simplesmente no perigo que corre o seu filho, irmão, esposo, pae ora a caminho da região desconhecida.

Uma rapariga, hontem, na gare de Vizeu, agarrou-se a chorar á mão do namorado tão desesperançadamente, que se esqueceu de si e, sem ouvir o silvo da locomotiva, lá se ia arrastada pelo comboio. Um official do 14º, tendo a mulher dado á luz á meia noite, partiu ás quatro da manhã. Outros casaram na vespera do embarque, como fizeram os francezes, inglezes, allemães, russos e austriacos. E nas estações,

contam, á hora da partida, as vozes chorosas, os ardentes adeuses faziam como um immenso clamor.

Espalhou-se entre certas pessôas da provincia que a expedição é uma aventura em que o governo trae a confiança da familia dos que partem; que ninguem sabe aonde vai; que o **Moçambique** e o **Cabo Verde** levam, em mãos do commandante chefe, «carta de prego», para ser aberta em alto mar...

Portugal na conflagração

A Inglaterra formulou o seu annunciado pedido de homens a Portugal. Não terminando a guerra brevemente e não faltando a Republica ao compromisso que, asseguram, já assumiu, sessenta mil portuguezes se incorporarão ao exercito inglez e irão bater-se com os hunos nos campos da França.

No seio das familias, por todo o paiz discute-se o pedido da Inglaterra. «Batermo-nos, porque? — pergunta-se — quando ninguem nos atacou e mesmo a Africa ainda está em paz»? (1) Entretanto, o governo publica um tratado de alliança feito pelo Mestre de Aviz, em que ficou Portugal obrigado a servir á Gran Bretanha, **em guerra, com armas e galés, e a sua custa.** Nestas condições, desde que a Gran Bretanha recorre a Portugal, o dever da Nação é cumprir o tratado do Mestre de Aviz.

A crer nos chronistas de Lisbôa e do Porto,

---

(1) Por essa época, refere um relatorio do governo, officiaes portuguezes propuzeram, num almoço, em Africa, a officiaes allemães, que se, porventura, recebessem de seus paizes ordem de ataque, tanto uns como outros deixassem de cumprir a, mantendo-se todos em paz. Os allemães, porém, não cumpriram a promessa.

a participação de Portugal no conflicto europeu, além de alguns frequentadores de dous cafés da capital — o **Martinho** e a **Brasileira,** não conta enthusiastas em parte alguma do paiz. O correspondente do **Primeiro de Janeiro** pergunta: «Porque não vão elles (os do **Martinho** e da **Brasileira)** enfileirar-se»? E os frequentadores dos cafés não se vão enfileirar, nem ninguem mais em Portugal quer ir para a guerra.

Si partirem afinal os sessenta mil homens, guial-os-á, por certo, o espirito de sacrificio que a fatalidade politica tem determinado e anda, em migração, pela Europa, alliciando multidões para as carnificinas da Belgica e da França; porem partem porque o Estado quer e agora é o Estado quem dispõe da vida de todos...

Tenho lido e tenho ouvido que em todo o Portugal se considera o envio de forças para o **front,** ainda sob a protecção da bandeira ingleza, uma desgraça para o paiz. Quem póde falar publicamente, aconselha que ninguem va la. O autor **da Patria Portuguesa,** acaba de declarar-se, por tudo, contrario á collaboração dos soldados portuguezes. Acha o sr. Julio Dantas loucura expol-os á furia dos canhões de Guilherme II. Diante dos armamentos modernos — sustenta o insigne prosador — nada vale a coragem pessoal; marchar para os campos sangrentos de França será ir morrer quasi sem luta, quasi sem gloria. (1)

---

(1) Depois de dois annos de grande esforço, conseguiu o governo da Republica reduzir a resistencia da nação.

A Santa Eufemia

A romaria de Santa Eufemia faz-se á noite, em quinze de Setembro, no povo de Ranhados, povo de lavradores e operarios, que fica n'uma descida, a meia legua de Vizeu, mas ostentando excellentes moradias com jardim, quintas e hortas bem grangeadas, a par das casinhas escuras olhando o campanario. Os romeiros apinham-se no adro, espalham-se na rampa arborisada que dá praça ao arraial no oitão d'um sobrado, e enchem um largo terreiro ao longo d'um muro de pedra solta, cuja negra esquina guia á cidade.

De em torno cinco leguas mais ou menos, a pretexto de preces e promessas, o trabalho suspende-se dois dias, enfardelam-se nos saccos de chita frangos, presunto, salpicão e chouriços, tudo feito e guardado para o grande momento, e ramaldas, aldeias inteiras põem-se em jornada, bebendo, cantando, zangarreando ao toque das guitarras e violas. Velhos que mal podem cavar nas leiras, mulheres gravidas, outras com os filhos de mama embrulhados na ponta do chaile, pastores, serranas que desertam os casaes e se apresentam mettidas nas suas capuchas de de burel, semelhantes a freiras, mendigos — doentes, aleijados e cégos de sacola, — são todos peregrinos da famosa romagem. Na sua viagem de volteios e cantigas, esses romeiros topam os phaetons, os **breacks** e os automoveis do resto de fidalgos do Districto, e mais os carros de bois das herdades, cujos robustos senhores se enfeixam entre os fueiros com a mulher, a filharada, parentes e visinhos, se-

guidos por uma récua de creados e raparigas do campo, que marcham cantando o fado n'uma onda de poeira.

Os da cidade, como vão ao S. João de Vil-de-Moinhos, á Santa Luzia, á Senhora da Saude, são arrastados pelo rumor dos cantares e, mal engolem o jantar, despresam tudo mais, cavacos, o animatographo, o Gremio, pelas seducções da romaria. Os abastados do commercio e da lavoira mettem regaladamente a familia em victorias d'aluguel. Mas a maioria, trabalhadores, artifices, pequenos negociantes, incluindo os «taludos», officiaes da tropa, funccionarios do Estado, gente de goso e desporto, vae a pé, sobraçando os bengalões, com o cigarro entre os dentes nos intervallos da piada.

Na distancia da egreja á estrada, á beira do arraial, installam-se as barracas, as mezas de dôces e bebidas, cada uma com seu lampeão de petroleo ou «gazometro» de carbureto. No vão dos balcões, por baixo das gavetas, resguardam-se as canastras repletas, ao lado das «chocolateiras», onde ferve a cevada moida que se vende por café. Na toalhinha d'algodão, circumdando as garrafas e as chavenas, os dôces empilham-se, em rimas altas, esmaecendo o castanho das côdeas na luz do acetyleno.

São sequilhos, fartas, rebuçados, sêmias, cavacas e tortas ditas de Tondella, que as doceiras apregoam vociferando confusamente. Por baixo dos carvalhos, assentam, em carros de bois, as pipas de vinho espichadas de fresco, com as torneiras pingando nas cantaras vidradas. Os mercadores, taberneiros de Vizeu e de outras terras, munem-se mais de

bacalhau frito, bolos de bacalhau, sardinha e trigo «p'ra fazer bocca», e, empunhando as canecas, disputam a freguezia, que cantarola e dansa deante das pipas n'um clamor de folia. Mulheres da beira-mar, varinas, d'Estarreja e de Aveiro, a cabeça enfiada nos pelludos chapeus pretos, abrem, ao cheiro do vinho, grossas barricas de peixe frito conservado em molho d'escabeche. Como é da tradição, apparecem pela Santa Eufemia, as primeiras castanhas do anno, mexem-se nos assadores de barro que hão de avermelhar, á noite, em vinho o outomno, nas calçadas de Vizeu — umas castanhas meudas e verdosas, que o rapazio, as senhoras da cidade compram a cinco e seis por vintem. Por sobre a multidão, erguidos nos braços dos vendilhões, passam trincolejando engradados triangulares, com brinquedos, gaitas, bonecos, bolas e guizos.

Um panelleiro habilidoso conseguiu engendrar no barro vermelho, gallos e cornetins de duas voltas, com campanula e bocal. Os vendedores annunciam-nos soprando na cara dos romeiros os toques do quartel. Das paredes da egreja, pendem lençóes crivados de brochos suspendendo rosas de papel, que occultam papeluchos com «a sorte» em quadrinhas mal rimadas.

Toda essa exibição de fluxo ingenuo e «comes e bebes», rumoreja n'uma illuminação de lanternas coloridas pendulando em cordões ao longo do arraial. Rematando os negocios, vê-se ainda, junto á egreja, a «cascata», uma faldasinha de monte coberta de musgo com um repuxo a jorrar dominando a man-

gedoira onde o menino Jesus attrae as creanças e as raparigas no meio de **chalets** e choças de cartão.

O cansaço da viagem derreia sob o arvoredo as creaturas alquebradas. Deitam-se na rampa ao pé das carvalheiras, agarradas aos farneis e, esperando os parentes e a comesaina, expedem para o vai-vem dos romeiros um olhar de sonho melancolico. Os garotos de Vizeu divertem-se com pisar e chalacear essa pobre gente em repoiso. E a reacção, que provocam, irrompendo em simples descomposturas, ao envez de os conter, incita-os a novas sortidas mais arriscadas; pois descem, envolvem-se nos ajuntamentos e desandam aos beliscões, aos empurrões, apalpadelas e escarneos.

Aos alegres romeiros é que as grosserias dos rapazes não irritam. Quando calha, despedem um bom murro ou pontapé e passam além com a sua rosa de papel na botoeira e a sua cachopa bem á vista. Param nas mezas dos dôces, enchem os bolsos de tortas, chuchurreiam o café com galhofas e risadas e, cantando, reentram no vagalhão. Os bebedores agglomeram-se á volta dos carros de vinho, emborcando as canecas, grulhando, sapateando e atirando ás mulheres cantigas sensuaes. De vez em quando, surde uma bulha. O taberneiro intervem. Os soldados accorrem, e mal o chanfalho scintila ao clarão das luminarias, os luctadores se apaziguam.

Pouco depois, podem ser vistos a beber de parceria com os da tropa. Estão ali todos «p'ra guzare». Haja «guzare»!... De frente á Santa, num coreto enfeitado de escudos e bandeiras que fulgura entre

as arvores, a banda ataca rapsodias de motivos nacionaes.

O **rebola-a-bola,** a **canninha-verde,** o fado de Rey Colaço, as melodias populares mais queridas, excitam nas cachopas e nos mancebos o gosto do movimento, uma expansão primaveril dos musculos sadios, que elles reduzem a cantigas e dansas voluptuosas. O proprio andar, o mesmo enlaçar dos braços nas saudações d'amizade, é uma fórma de bailado. O vinho desencadeou o enthusiasmo bacchico nessas naturezas primitivas e fortes.

Todos elles, os do campo, os da cidade, os moços, os velhos, os mesmos guardas dos farneis derreados pela rampa, estremecem de prazer e se agitam communicados na bebedeira collectiva. Nessa turba cantaroleira repontam revivescencias das jogralidades e momices de outros tempos. Velhotes borrachos pinoteam versejando coisas d'amor animal em toadas monotonas. Adeante, desfazem-se em tregeitos, assacando allusões e ditos piccarescos. Um tolo, sem chapéo, passa valsando silencioso. Defronte do arraial, um zangaralhão bebedo, magro, mollengo, as pernas ossudas meneando-se entre duas muletas, a cabeça a oscillar sobre o casaco cinzento, vomita obscenidades contra as femeas, enxovalhando amôres imaginarios. Um coxo, em mangas de camisa, com o seu tamborsinho amarrado á barriga, passa e repassa, apressado, vibrando as baquetas estrepitosamente. As gaitas, os gallos, as cornetas de barro, soprando de envolta ao alarido e ás cantatas, sobresaem como berros. No claro do terreiro, as raparigas e os rapazes, bem postos e felizes

nos seus trajes festivos, agrupam-se em ranchos, unem-se aos apres, ordenam-se numa larga róda. A harmonica começa a follear á toa. São as conhecidas musicas dos folguedos portuguezes que essa harmonica folleia. Remexem-se os quadris. Move-se a roda. E as cantigas, soando numa poesia apaixonada e langorosa, misturam-se com a musica nas voltas da contradança.

Os cavallos, os bois cruzam o terreiro. E' revolvendo o excremento que os grossos sapatos pisam e se deslocam. Aquelles corpos jovens e amorosos palpitam da só felicidade de se verem estreitados e saccudidos na vertigem dos redopios, ao som da harmonica, ao rithmo dos versos. O cheiro da bosta revolvida envolve-lhes as vozes, e elles nem o sentem, enlevados na volupia dos mornos contactos sob o luzir das estrellas. Pelas dez horas, entra no arraial a tuna dos **Choradeiras,** a tuna dos artistas de Vizeu. As dansas redobram de animação.

Os romeiros abrem passagem á tuna. E as raparigas do alto, orgulhosas, enamoradas, alçam-se na ponta dos pés, para vêr, por cima das cabeças, o filho do **Chôco** tocando a pandeireta com ademanes hespanhoes.

A romaria é festa nos estomagos como é festa por todo o povo de Ranhados. Sequilhos, sêmias, as tortas manducadas á borda das mesas com o fedor do carbureto, foram gulodices insignificantes para a funda fome romarinheira. Enganaram a bocca e perderam-se num vacuo insaciavel. O que os enternece e contenta, a esses camponezes viandeiros, é a carne, são as fêbras de porco desepultadas da salga-

deira, o chouriço, o salpicão, afogado nos potes de azeite, desde o natal, para as soberbas merendas ao ar livre debaixo dos carvalhos. Na hora de comer, as cachopas, com duas manchas rosadas na face morena e as ramagens do lenço de sêda brilhando ás luminarias, ganham á rampa, anciosas, suadas, mortinhas de dansar. Os homens trazem o vinho em cangirões e garrafas, e a familia, numa desordem de commentos e risadas, deita cerco ao farnel sob a folhagem. Esses descendentes de tantos povos arrojados e comilões,dansando, merendando á vista da torresinha arabe de Santa Eufemia, pesar da fama de velhice attribuida a sua raça sempre renovada, ali concorrem para uma glorificação. E' a terra da Beira alcantilada e verdejante, a terra que dá o vinho e dá o pão, a alegria e a saude; é a juventude, o vigor que o sol, o trabalho, os ares nataes lhes influem nos peitos suspirosos, a divindade invisivel a quem todos orgiacamente festejam na imagem da padroeira.

Quando, já tarde, eu scismava nos regosijos que elles, sem o pensar, repetiam num recanto de Portugal, e evocava os hierophantes pelagios vestidos de branco abandonando as dansas, os cantos, a embriaguez, mas incendidos nessa mesma embriaguez e enthusiasmo para romarinhar, no cimo da montanha, em torno ao templo do deus, um troço de mulheres dirigiu-se á egreja. Era o bando das promittentes da aldeia e da cidade que iam a cumprir. Crêm essas mulheres que a santa faz milagres nos casos perigosos de ferida e cirurgia. Os ex-votos consistem, por isso, em pernas, pés de cêra, braços, cabe-

ças, mãos, simples joelhos e dedos. Como tambem usam prometter em cereaes o peso das creanças que adoecem, algumas conduzem no bolso o valor de arrobas de trigo, de milho ou de centeio. A dádiva primeira fazem-na á chegada: ao passar pela arqueta, depositam moedas de cobre, vintens, dez, cinco réis. Na sachristia, têm-se organisada a parte commercial das promessas. A contar dos primeiros milagres, a confraria recolheu e armazenou ex-votos para os males communs aos camponezes. A promittente figura uma compra, paga a importancia da offerenda e sae abraçando-a compungida, resando em voz baixa, para andar três vezes em redor da egreja. Depois entra, vai direito ao altar e depõe aos pés da santa o braço, a cabeça ou perna de cêra amarellecida. Duma parede a outra da nave, extendem-se fios de arame em que cada devota prende a sua candeia votiva. A' meia noite é já penoso atravessar a nave e attingir o altar mór. Pendem dos fios dezenas de candeias, accesas por cima da cabeça das mulheres, como se descesse sobre as suas preces uma estirada nuvem de morcegos em fogo.

Na outra banda do povo, envelhece, de frente á serrania, quasi esquecida, a capellinha de Santa Eufemia — **a velha.** A's vezes, á entrada de Ranhados, no ponto em que o caminho se bifurca, as familias dividem-se em dois ramos: uns, os edosos, tomam á esquerda, vão resar á ermidinha, como faziam outrora; os moços seguem direito á Santa Eufemia — **a nova,** onde todos emfim se tornam a ver, passada a ceia. As donas das candeias, havendo-as pendurado, ajoelham e oram, algumas até que

a fadiga, o somno as prosta. Deitam-se ali mesmo e dormem, como no chão das choupanas, até o amanhecer. Os gaiatos de Vizeu costumam sorprendel-as no seu somno e cosem-nas umas ás outras, pelas saias, com guita e agulha de coser albardas. As que despertam, distraem-se, e, como se as atacassem na feira, prorompem em insultos. Mas nenhuma deixa sósinha a sua candeia, com medo que as mais as furtem.

Com o vir da manhã, tiram-se da egreja estremunhadas, vão-se ajuntar aos que dormiram no arraial, e regressam todos á aldeia, com rosarios de doces ao pescoço, rosas de papel no peito e nos chapeus, envaidecidos, satisfeitos, inda cantando e dansando pela estrada ao rojão das guitarras.

O verão de S. Martinho

Novembro passa, já frio, com um sol de primavera doirando o cair das folhas. Estes dias suaves do outomno ganharam nas serranias da Beira fama de verão e chamam-lhes por isso — o verão de S. Martinho. Amam-n'os como a um adeus gracioso do bom tempo e aproveitam-n'os para estrear o vinho novo, com a castanha nova, nos magustos assados á sombra dos pinhaes, numa embriaguez alacre, palpitante de mocidade e de saude.

Não sei por que transfiguração pagodista da alma portugueza, S. Martinho, de serio e caridoso bispo que fôra nas terras de França, passou a ser tambem, nos campos e cidades de Portugal, o protector dos vinhedos, um Baccho Christão patrono

dos borrachos. Terá S. Martinho repetido na peninsula a triste lenda de S. Winoch de Tours? Será o proprio peregrino piedoso, vestido de pelle de ovelha, comendo ervas selvagens, aquelle que levava a principio o vaso de vinho á bocca sómente para o tocar e depois bebeu tanto que entoleceu? Será S. Martinho um S. Winoch transportado?

Ha seculos edificou-se em Vizeu uma igreja sob a invocação de S. Martinho. Da navesinha modesta partiam os prelados para fazer a sua entrada triumphal na velha Sé. Grão Vasco pintara a imagem do santo numa taboa de castanho, por sobre um dos altares, ao lado do Evangelho da Senhora da Piedade. A igreja caiu. A taboa de Grão Vasco desappareceu nas ruinas. Porém a invocação religiosa renasceu nalgumas freguezias e terreolas destes valles e destas encostas, continuou nos votos de bôa fortuna para os cachos verdoengos e, agradecidamente, se glorifica na abundancia das cavas, no derradeiro sol e calor do outomno.

Inda em fins da monarchia, pela morte de socio das irmandades do Carmo, dos Terceiros ou do Santissimo, um empregado da Sé, de opa e campanhinha, andava pelas ruas, badalando, badalando, para avisar os confrades. No dia de S. Martinho, estudantes, rapazes trocistas imitavam o funebre convite e percorriam a cidade meneando campainhas, com demoras perversas á porta dos bebedores. A Republica extinguiu a praxe das confrarias, e a garotagem dos rapazes já não passeia as viellas de Vizeu. Mas o S. Martinho não mudou, nas quintas, nos corações, na gula feliz do povo. Amanhece em onze

de Novembro, luminoso, rejuvenescente, assobiando nos galhos do pomar, animando a velhice das arvores e dos homens. Desde Outubro, sob os tampos de barro, o vinho ferve, gorgoleja nos toneis. Pelo S. Martinho, o caseiro toma uma grossa chave ferrugenta, desce, e a porta da adega, que dormia esquecida ao canto do saguão, range afinal nos velhos gonzos. Cinco toneis bojudos sobre pranchões de pinho alinhados ao longo da parede, rumorejam na penumbra. Dos barrotes do soalho pendem teias d'aranha veladas de poeira em que moscas mortas oscillam. O piso é macio, parece ir cedendo embaixo dos tamancos. Um ar de subterraneo gela-nos as mãos. E a luz que cobre as largas aduélas, é uma escassa luz que mal transpõe a rombuda fenestra. Manoel do Aral põe-se a espichar. A Micas chega-se com a cantara. Motivo para beber é ver se está claro o vinho, se está bom... Este vinho da quinta vale o nectar dos deuses. E' limpo, claro, transparente, saboroso. A experiencia reduz-se a provas lentamente sorvidas, lentamente pensadas. Está optimo o vinho. Manoel do Aral decreta-o sem muita palavra, os olhos baixos, a bocca frouxa.

Abençoado sol que creaste este vinho nas videiras decennaes, sobre as pedras da quinta. Bemdictas mãos de moças namoradas que o colhestes cantando o fado nas vindimas. Bemvindos pés lavados que o calcastes, emquanto gemiam cantigas sensuaes, no tanque do lagar. O vinho agora vai dar força, alegria, bom humor, felicidade. Na clareira da matta, por aldeia e cidade, até que chegue o inverno, subirá o fumo dos magustos. Os beirões despedem-se

dos dias bellos, entram nas chuvaradas de Dezembro, festejando o céu limpo, a doçura dos montes, com barrigadas de castanha, vinho verde e o fado. Sacco repleto ao hombro, o piposinho abarrotado, os phosphoros no bolso, busca a familia o pinheiral e atira-se aos magustos. Nos domingos saem de romagem, comendo o pó dos caminhos num confuso falario, até o arrabalde, até a aldeia. Passam garrafões, borrachas, cestos acogulados, na cabeça das paquetas e, mais saudavel que o fructo, mais forte que o vinho, o prazer das marchas ao ar livre pelo sol de S. Martinho.

As ventanias de outubro arrancaram as agulhas seccas dos pinhaes. Cobriu o chão uma camada espessa de caruma e folhêlo donde o tôjo inda irrompe, espinhento e tostado, no meio dos barrocos. Despejam-se as castanhas. As raparigas, desafogada a cabelleira, caem sobre a caruma e o folhêlo, «raspam-n'os» com as lindas mãos rosadas e, cobrindo as castanhas, atêam o lume. A labareda vadêa entre os troncos annosos. A fumarada sobe em novellos buscando os galhos nus. A castanha entra a estalar, a bufar, a saltar. Quando a castanha estala, sabem-n'o mulheres e homens, é que alguma senhora se sente incommodada... Os magusteiros galhofam. Ha cochichos, risadinhas, alegres maldades nos declives da matta. Então os rapazes, fazendo-se sisudos, vêm desarrolhar as borrachas. E o vinho novo jorra a espumar nas canecas de loiça.

INDICE

—

NA QUINTA DO GIESTAL

Carta a H. Castriciano 7
A flôr da giesta 10
A Primavera 13
O Luxo das meias 17
Historias de cobra 20
Um calçamento memoravel 22
A carreteira de Farminhão 23
Corpus Christi 27
As moscas 28
Vixente 32
O rouxinol do tanque 35
A ceifa 40
A malha 43
Os mendigos 48
Domingo triste 58

A VELHA CIDADE

A terra de Viriato 63
A Sé 66
Grão Vasco 72
Evocação 80
Vizeu d'agora 83
As festas de Santo Antonio 88
A cavalhada 94
O S. João 102
A feira franca 108
H. Castriciano em Vizeu 116
Scenarios do «Amôr de Perdição» 118
O milagre 123

O VERÃO DA GUERRA

Em S. Pedro do Sul..... 127
Noite de Arraial..... 130
O Sorteio..... 132
A Emigração..... 134
O unico brasileiro..... 136
O analphabetismo..... 139
A guerra..... 141
No valle do Vouga..... 143
Expedição á Africa..... 147
Portugal na conflagração..... 150
A Santa Eufemia..... 162
O verão de S. Martinho..... 160

ERRATA

Na pagina 40, onde se lê: *ao accaso*, leia-se *ao occaso*; na pag. 77, leia-se *de arabe*, em vez de *do arabe*; na pag. 135, *editoriaes* e não *inedictoriaes*; na pag 142, *declararam depois*, não *declaram depois*. Outros erros escaparam á revisão.

FEB 22 1997

DATE DUE

FEB 22 1997
MAR 08 1997
MAR 10 1997
MAR 24 1997
MAR 24 1998
OCT 19 2010
SEP 29 2011

DEMCO, INC. 38-2971

BRIGHAM YOUNG UNIVERSITY
3 1197 21121 7986